



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Ciências Sociais

Instituto de Filosofia e Ciências Humanas

Guilherme Freire Marques

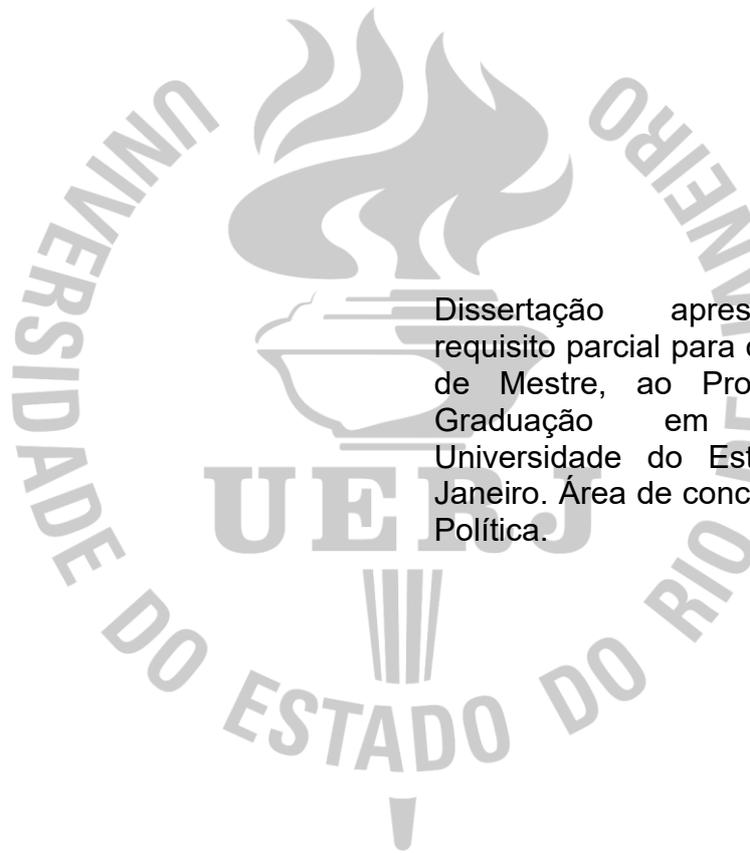
**Capitão América, fascismo e conservadorismo: reflexões sobre a Marvel,
quadrinhos e História dos Estados Unidos entre 2015–2021**

Rio de Janeiro

2024

Guilherme Freire Marques

Capitão América, fascismo e conservadorismo: reflexões sobre a Marvel, quadrinhos e História dos Estados Unidos entre 2015–2021



Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em História, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: História Política.

Orientador: Prof. Dr. Eduardo Ferraz Felipe

Coorientador: Prof. Dr. Flaviano Isolan

Rio de Janeiro

2024

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ / REDE SIRIUS / BIBLIOTECA CCS/A

M357 Marques, Guilherme Freire.
Capitão América, fascismo e conservadorismo: reflexões sobre a
Marvel, quadrinhos e História dos Estados Unidos entre 2015–2021 /
Guilherme Freire Marques. – 2024.
151 f.

Orientador: Eduardo Ferraz Felipe.
Coorientador: Flaviano Isolan.
Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro,
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

1. Conflito cultural - Estados Unidos - Teses. 2. Histórias em quadrinhos
- Estados Unidos - Teses. 3. Capitão América (Personagem fictício) -
Teses. 4. Estados Unidos - Teses. I. Felipe, Eduardo Ferraz. II. Isolan,
Flaviano. III. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de
Filosofia e Ciências Humanas. IV. Título.

CDU 070.449.8:008(73)

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou
parcial desta dissertação, desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Guilherme Freire Marques

Capitão América, fascismo e conservadorismo: reflexões sobre a Marvel, quadrinhos e História dos Estados Unidos entre 2015–2021

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em História, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: História Política.

Aprovada em 07 de agosto de 2024.

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Eduardo Ferraz Felipe (Orientador)
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – UERJ

Prof. Dr. Flaviano Isolan (Coorientador)
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – UERJ

Prof. Dr. André da Silva Bueno
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – UERJ

Prof. Dr. Fábio Franzini
Universidade Federal de São Paulo

Prof. Dr. André de Lemos Freixo
Universidade Federal de Ouro Preto

Rio de Janeiro

2024

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, gostaria de agradecer a Deus e aos espíritos de luz que me auxiliaram nessa caminhada.

Aos meus pais, pelo apoio incondicional, amor, carinho, cuidado, pelos inúmeros sacrifícios que fizeram durante toda a vida que me permitiram estar aqui hoje e pelo incentivo à leitura.

Ao meu avô Nilton e minhas avós Iracema e Olívia. Meu avô foi quem iniciou as idas ao jornaleiro e me presenteou com o primeiro quadrinho de super-herói. Sinto a falta de vocês todos os dias.

Às minhas tias Lúcia e Luci. Lúcia, professora, é um exemplo e uma inspiração.

Ao meu orientador Eduardo Ferraz Felipe e coorientador Flaviano Isolan pelo tempo, ensinamentos, correções, pela receptividade e incentivo quanto ao tema do trabalho.

Aos professores do mestrado da UERJ pelo tempo, pelas aulas e pelo conhecimento passado.

A todos os professores que fizeram parte da minha formação. Carlos Prima, que cujas aulas contribuíram para meu interesse em História, aos professores da graduação da UFRJ, da Veiga de Almeida, em especial minha orientadora do TCC, Verônica Pires e Luiza Alves Ferreira Portes, que orientou meu primeiro artigo.

Ao NEPAT, ao grupo Pensar os Extremos e ao Grupo de Estudos História e Linguagens pelos conteúdos de História com qualidade, pelos encontros, pelas dicas e por tornar possível essa rede de pesquisadores compartilhando conhecimento.

A Elcio Loureiro Cornelsen e Daniela dos Santos Domingues Marino que me auxiliaram com sugestões ou respondendo a dúvidas sobre a pesquisa quando esta era somente uma ideia.

Aos amigos e colegas que dividiram comigo essa jornada.

A todas as equipes criativas de quadrinhos pelas histórias, pelas artes, pelo divertimento e reflexões proporcionadas.

RESUMO

MARQUES, G.F. **Capitão América, fascismo e conservadorismo**: reflexões sobre a Marvel, quadrinhos e História dos Estados Unidos entre 2015–2021. 2024. 151 f. Dissertação (Mestrado em História) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2024.

Essa dissertação problematizou a ideia de que a Marvel é uma editora liberal/progressista devido a posições recentes da empresa. Concluímos que a editora procurou e procura colocar-se como apartidária desde os tempos em que Stan Lee era o editor-chefe, adotando uma postura antiguerra e tolerante, fugindo de polêmicas e buscando agradar fãs. Apesar de abraçar as noções liberais de irmandade e posteriormente o multiculturalismo, muitas inovações da editora surgiram graças às crenças das equipes criativas e não de uma iniciativa editorial própria. Os quadrinhos da Marvel também empregam narrativas históricas estadunidenses como a do Excepcionalismo e o Sonho Americano. Selecionamos alguns quadrinhos do Capitão América lançados entre 2015 e 2021 e discutimos sobre o personagem e os conservadores dos Estados Unidos, que aparecem nessas histórias por meio dos personagens Ariella Conner e Caveira Vermelha/ Aleksander Lukin, que guardam similaridades com Ann Coulter e Jordan Peterson. O trabalho lançou mão das obras “Adios, America” e “12 regras para a vida” para analisar o pensamento dos dois autores conservadores. Como resultado encontramos que a figuração de Coulter condiz com a sua posição anti-imigração e que a de Peterson faz sentido somente se consideramos o Caveira Vermelha como um *YouTuber* que contribuiu para a radicalização de indivíduos para a Direita Alternativa, algo que o conteúdo de Peterson pode fazer por conta de tópicos em comum que ele possui com esses grupos, como o masculinismo, antifeminismo, crítica a Escola de Frankfurt e a geração de 1960.

Palavras-chave: Estados Unidos; guerra cultural; quadrinhos; Capitão América.

ABSTRACT

MARQUES, G.F. **Captain America, fascism and conservatives**: Thoughts about Marvel Comic Books and History of the United States between 2015-2021. 2024. 151 f. Dissertação (Mestrado em História) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2024.

This dissertation problematized the idea that Marvel is a liberal/progressive publisher due to the company's recent positions. We conclude that the publisher has sought and continues to seek to position itself as non-partisan since the times when Stan Lee was editor-in-chief, adopting an anti-war and tolerant stance, avoiding controversy and seeking to please fans. Despite embracing liberal notions of brotherhood and later multiculturalism, many of the publisher's innovations arose thanks to the beliefs of the creative teams and not from its own editorial initiative. Marvel Comics also employ American historical narratives such as Exceptionalism and the American Dream. We selected some Captain America comics released between 2015 and 2021 and discussed the character and the conservatives of the United States, which appear in these stories through the characters Ariella Conner and Red Skull/ Aleksander Lukin, who share similarities with Ann Coulter and Jordan Peterson. The work used the works "Adios, America" and "12 rules for life" to analyze the thoughts of these two conservative authors. As a result, we found that Coulter's figuration is consistent with his anti-immigration position and that Peterson's makes sense only if we consider Red Skull as a *YouTuber* who contributed to the radicalization of individuals towards the Alternative Right, something that Peterson's content can do so because of common topics he shares with these groups, such as masculinism, anti-feminism, criticism of the Frankfurt School and the 1960s generation.

Keywords: United States; cultural war; comic books; Captain America.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Falcão e a divisão do país	50
Figura 2 - Falcão encontra os Filhos da Serpente.....	52
Figura 3 - Sociedade da Serpente e o Fazer a América Grande Novamente	54
Figura 4 - O ataque do Apátrida	57
Figura 5 - Bombásticos em ação.....	60
Figura 6 - Capitão América da HIDRA ergue o <i>Mjolnir</i>	65
Figura 7 - Capitão América observa a divisão do país nos protestos.....	69
Figura 8 - Estados Unidos russo	70
Figura 9 - Canal Fatos e Fake News	72
Figura 10 - Capitão, Sharon Carter e o Sonho Americano	74
Figura 11 - Capitão falando frases de Ann Coulter	75
Figura 12 - Geração frouxa	79
Figura 13 - Selene prega para os fiéis	81
Figura 14 - Caveira Vermelha e o ódio.....	84
Figura 15 - Caveira Vermelha Jordan Peterson?	85
Figura 16 - Ariella Conner e seu livro	89
Figura 17 - Entrevista de Ariella Conner	90
Figura 18 - Enquanto os heróis chegam, Ariella discursa na faculdade	92
Figura 19 - O debate entre Ariella Conner e Joaquim Torres.....	95
Figura 20 - Ariella culpa a extrema esquerda.....	98
Figura 21 - Excepcionalismo do Capitão	115
Figura 22 - Capitão América salva os imigrantes ilegais	121
Figura 23 - Conversa entre Pecado e Aleksander Lukin	124
Figura 24 - A espada da hombridade	133
Figura 25 - Noção de sacrifício.....	135
Figura 26 - Confronto entre Caveira e Capitão.....	139

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	8
1	O PROGRESSISMO DA MARVEL EM QUESTÃO E AS DISCUSSÕES SOBRE OS QUADRINHOS DO CAPITÃO AMÉRICA	16
1.1	Marvel Comics e seu progressismo	16
1.2	O cenário político e social dos EUA nos quadrinhos do Capitão América	47
2	FIGURAÇÕES DO CONSERVADORISMO NOS QUADRINHOS	88
2.1	O discurso conservador nos quadrinhos: Ariella Conner/Ann Coulter em Capitão América: Sam Wilson	88
2.2	<i>Adios, America!</i> e uma outra concepção da História Estadunidense .	100
2.3	Hail Lobster: É possível aproximar Jordan Peterson do Caveira Vermelha?	122
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	141
	REFERÊNCIAS	143

INTRODUÇÃO

Durante o período eleitoral e na Invasão ao Capitólio, ocorrida em 6 de janeiro de 2021 nos Estados Unidos, chamou a nossa atenção a recorrente utilização de camisas com a imagem do Capitão América, bem como do seu tradicional escudo. O personagem, que lutou contra o fascismo nas páginas dos quadrinhos, agora se fazia presente em manifestações de extrema-direita e em atos pró-Donald Trump. Diante desse cenário, o filho de Jack Kirby, um dos criadores do personagem, escreveu uma carta defendendo o Capitão e procurando afastar sua imagem desses grupos. A associação dos super-heróis com o fascismo, contudo, não é algo novo: no livro *Super-Homem e o romantismo de aço* (2018), o autor Rogério de Campos mostra como essas relações são identificáveis desde os anos de 1930, sendo feitas por diversos segmentos: se o intelectual Marshall McLuhan criticou os métodos violentos do personagem para lidar com os problemas sociais, Walter J. Ong, por sua vez, disse à revista *Time* que o personagem seria nazista. O folclorista Gershon Legman via os quadrinhos de super-heróis como obras mais prejudiciais do que os quadrinhos policiais para crianças, uma vez que exibiam uma vingança violenta contra o crime consumado e evocavam uma filosofia similar à da *Ku Klux Klan* (ou KKK) - a “justiça encapuzada”. Fredric Wertham, autor de *Seduction of innocent* (1954), livro que trouxe sustentação teórica para a campanha anti-quadrinhos que existia nos Estados Unidos e que culminaria na autocensura na forma do *Comics Code Authority*, acreditava que os super-heróis ensinavam o fascismo para crianças e cunhou o termo “*Superman complex*” (“complexo de Super-Homem”, em tradução livre do inglês), que trata da satisfação que o leitor, ileso, sente em ver alguém apanhando. Alan Moore, aclamado autor de quadrinhos, dentre eles uma contundente crítica ao gênero dos super-heróis chamada *Watchmen*, considerada uma das primeiras obras desse nicho voltada para um público adulto, já chamou o crescente interesse nesses personagens, que ele considera que foram criados para um público infantil, de “catástrofe cultural”. Segundo ele,

Parece que uma parte significativa do público, tendo desistido de entender a realidade em que está vivendo chegou à conclusão que poderia, pelo menos, compreender os ‘universos’ sem sentido, extensos, mas pelo menos, limitados, oferecidos pela DC ou Marvel Comics. Eu também gostaria de dizer que é potencialmente catastrófico que criações do século passado que nasceram para ser efêmeras ocupem possessivamente o palco cultural e se recusem a permitir que esta nossa era, certamente sem precedentes,

desenvolva uma cultura própria, relevante e que dê conta das questões de nossos tempos. (DE CAMPOS, 2018, p. 32)

Moore também vê uma relação entre o sucesso de bilheteria dos filmes de super-heróis em 2016 com a eleição de Donald Trump à Presidência dos Estados Unidos da América e o voto da Grã-Bretanha pelo *Brexit*, pontuando a mobilização dos sentimentos de nostalgia e ressentimento feita tanto pelo fascismo quanto por movimentos populistas. Cabe destacar, contudo, que existem discordâncias quanto ao argumento de que os super-heróis são fascistas: podemos citar diversos personagens de quadrinhos que são muito queridos por minorias, como os *X-Men* e a comunidade LGBTQUIA+, o Homem-Aranha Miles Morales, o Pantera Negra e outros para a comunidade negra, *Ms. Marvel* para os muçulmanos. O Capitão América foi criado para ser um símbolo para aqueles que desejavam a entrada dos Estados Unidos na II Guerra Mundial, com direito a uma imagem socando Adolf Hitler na primeira edição dos seus quadrinhos, além do emprego desses personagens em iniciativas que visam dar resiliência e conforto para crianças lutando contra enfermidades.

Parece-nos que a ideia do super-herói estadunidense emprega diversas narrativas históricas dos Estados Unidos, dentre elas a dos “pais fundadores” da nação e a do “Sonho Americano”, que veremos mais detalhadamente na seção 2.1. Estes personagens, que são majoritariamente masculinos, são vistos como tipos raros e excepcionais, exemplos de ética e caráter que não desejam glória pública. Os heróis, apesar de serem homens comuns antes de ganharem seus poderes, geralmente já são retratados como exemplos de ética e caráter ou adquire um senso moral graças a um evento traumático (como no caso do personagem *Homem-Aranha*, por exemplo, a morte de seu tio). Ainda que munidos desses poderes extraordinários, eles não os utilizam para fazer valer suas vontades pessoais, mas sim para “fazer justiça”, promover o bem comum e auxiliar os mais necessitados.

Outra concepção narrativa nacional muito presente nos quadrinhos é a do “Excepcionalismo estadunidense”. Geralmente todos esses heróis vivem nos Estados Unidos, e as principais lideranças, bem como aqueles que assumem protagonismo no desfecho dos grandes eventos que reúnem uma infinidade de personagens, são cidadãos desse país. Eles protegem o mundo de ameaças e reforçam assim a primazia dos EUA perante o planeta. Para além das narrativas de nação, esses personagens, em geral, são vigilantes e atuam capturando criminosos sem terem

poder investido para tal. O próprio Capitão América, nesse sentido, pode ser entendido como uma apropriação do *ubermensch* pelos EUA, onde o personagem possui os valores excepcionais atribuídos ao país.

Ocorrido nos Estados Unidos, o movimento conhecido como o *Comicsgate* reuniu reclamações de que as empresas estariam “forçando personagens” e uma *agenda política* aos leitores, o que estaria causando queda nas vendas dos quadrinhos de super-heróis. As discussões sobre histórias em quadrinhos de super-heróis e cultura pop em geral têm sido permeadas por expressões como “woke”, nos Estados Unidos, e “lacrção” no Brasil. Para um quadrinho ser taxado como “woke” ou “lacrador”, basta que ele tenha algum tipo de representatividade, seja ela relacionada à população LGBTQUIA+, étnica/racial ou de gênero. O quadrinho *Capitão América: Sam Wilson* foi alvo de críticas em um programa da emissora Fox News, um canal conservador estadunidense, por colocar um discurso anti-imigração na boca dos vilões. Somado a isto, temos discussões acaloradas defendendo ou atacando conglomerados como a Disney, Marvel (que faz parte da *The Walt Disney Company*), apontando um histórico de progressismo das empresas e de suas publicações ou de negação de um histórico político presente nas obras, ignorando a capacidade destes conglomerados em influenciar o debate político: em 2022, tornou-se público que o *The Walt Disney Company* financiou políticos republicanos da Flórida responsáveis pelo projeto de lei *Parental Rights in Education Act*¹, que ficou conhecido como *Don't say gay* (Não diga gay, tradução livre), com o agravante de que Dennis Baxley, um dos financiados, possuía um histórico de apoio à leis anti LGBTQUIA+. Após a pressão de seus empregados e da repercussão negativa, o conglomerado fez doações para grupos LGBTQUIA+, lançou comunicados reforçando sua posição pró-diversidade e a Disney se comprometeu a lutar pela revogação do projeto.

Acreditamos que o uso dos quadrinhos como objeto de estudo seja importante pois,

Tendo em conta que quadrinhos, como qualquer outra prática cultural, são produzidos em um determinado tempo e espaço, é possível atribuir a eles uma participação no mundo social, até mesmo de natureza política e ideológica. Todo quadrinho é histórico, pois é configurado em um determinado tempo por sujeitos históricos e participa em maior ou menor grau do tempo em que foi criado. (RODRIGUES, 2021, p. 25)

¹ A parte mais controversa do projeto de lei foi a de proibir a discussão em sala de aula sobre orientação sexual ou identidade de gênero em séries primárias ou qualquer discussão “não apropriada para idade ou desenvolvimento” em outras séries, sendo chamada de *Don't say gay* por aqueles que se opunham ao projeto.

Existem algumas características que envolvem histórias em quadrinhos de super-heróis que, além de indicarem um comportamento conservador por parte do público, dificultam uma leitura crítica dessas histórias, levando a interpretações ambíguas. O criador Stan Lee falava sobre a “Ilusão da mudança”, ou a ideia de que parecia haver uma mudança na vida dos personagens nos quadrinhos, mas que, ao fim do período de uma equipe criativa no comando de um título, o *status quo* era novamente restaurado, de modo que nenhuma alteração seria permanente. O roteirista Peter David tratou deste tópico num texto de 1998, mostrando a dificuldade que se apresentou para os criadores:

O problema é que, por um lado, os fãs querem uma mudança real, querem um senso de que alguma coisa tem um significado a longo prazo; de outro, como criadores, nós estamos engessados. Coisas pretendidas como mudanças no status quo são vistas somente como as últimas numa infundável sucessão de metamorfoses pouco convincentes e temporárias a não ser que elas sejam dramáticas o bastante de modo que não possam ser desfeitas...um ponto no qual os fãs ficam loucos e demandam que não somente o status quo seja restaurado, mas a demissão de todos aqueles que tiveram alguma relação com a mudança, em primeiro lugar.² (DAVID, 1998, tradução nossa)

Ou seja, já existia no público leitor de super-heróis uma necessidade de controle sobre essas criações, onde eles decidem o que aceitam ou não. Em caso de rejeição, a culpa geralmente recai sobre o roteirista, que vira alvo de uma série de críticas e ataques, ficando marcado por conta de um trabalho considerado ruim. A Marvel adotou uma política de cancelamento de títulos após cinco edições que decide a sorte de uma história caso a queda nas vendas seja muito pronunciada de um número para outro. Como apontou Myrick (2023) a empresa foca muito nos números das edições individuais, deixa de lado que muitos consumidores evitam comprar as revistas isoladas para comprar o encadernado, que geralmente compila as edições de 1 a 5, ou 6 a 11, etc. Não leva também em conta os leitores de outras partes do mundo, que geralmente tem acesso a essas histórias depois que os títulos foram

²No original: “The problem is that on the one hand fans want real change, want a sense that something has long-term meaning; on the other hand, as creators we’re boxed in. Things intended as changes in the status quo are seen only as the latest in an endless succession of unconvincing and temporary morphs, unless they’re dramatic enough that they can’t possibly be undone... at which point the fans go nuts and demand not only the reinstatement of the status quo, but the heads of everyone who had anything to do with the change in the first place.”

cancelados nos Estados Unidos. Isso prejudica o trabalho das equipes criativas, bem como dificulta o desenvolvimento de novas histórias e inovações.

Um exemplo da ambiguidade nos quadrinhos da Marvel é a minissérie *Guerra Civil*, obra analisada por Victor Callari no livro *Guerra Civil Super Heróis: Terrorismo e Contraterrorismo nas histórias em quadrinhos* (2016). Neste trabalho, Callari cita o artigo “A Saga Civil War nos Quadrinhos da Marvel Comics: sua representação pós 9/11”, onde os autores concluíram que a Marvel estava do lado do Homem de Ferro e da Lei de Registro de Super-Heróis ao analisarem os quadrinhos da saga e o epílogo da morte do Capitão América. A interpretação de Callari difere da apresentada no artigo:

A conclusão da série pode suscitar diferentes interpretações, entre elas a de que o triunfo do grupo pró-registro significaria um apoio, por parte da editora, ao projeto vencedor. Contudo, entendemos que essa leitura, centrada exclusivamente no enredo e ancorada apenas nos elementos textuais deve ser rejeitada. Deve-se buscar uma leitura, capaz de considerar que a linguagem dos quadrinhos é composta por uma relação complementar entre textos e imagens, construindo novos significados para a mesma conclusão. Ao observarmos a arte de McNiven, podemos observar a representação do Capitão América, o herói “derrotado” e seu projeto, encoberta pela sacralidade do martírio. O super-herói, ainda que derrotado, conquista uma vitória moral, porque opta por sacrificar suas estratégias, não seus ideais. (CALLARI, 2016, p. 170)

É importante notar que o Callari analisou um *corpus* maior de quadrinhos, o que enriqueceu o seu trabalho. Apesar de concordarmos com o que foi pontuado, principalmente acerca da linguagem dos quadrinhos, encontramos outro possível problema: a necessidade de acompanhar os diversos títulos que fazem parte do evento “Guerra Civil” para compreender a posição de autores e da editora, para além da conclusão da saga ser aberta a diversas interpretações que podem variar de acordo com o método de análise ou a leitura.

Em um contexto de *guerra cultural*, essa polissemia é cômoda para as empresas em termos de vendas – citamos, por exemplo, o último evento da Marvel, *Blood Hunt*, de 2024, que está dividido em 21 títulos, onde somente 6 são de edição única; os outros envolvem 2 ou mais edições, o que obrigaria o leitor a comprar uma grande quantidade de edições para ter a total compreensão do evento. Além disso, geralmente este tipo de iniciativa interrompe por algumas edições ou obriga o roteirista a fazer alterações nas histórias mensais regulares do personagem, que devem acomodar acontecimentos relacionados com o evento. Uma constante reescrita da história desses personagens, a ambiguidade contida em algumas histórias, a grande

quantidade de títulos relacionados a um evento, a pressão do público em relação as equipes criativas desses quadrinhos acabam por prejudicar a tentativa de se fazer uma crítica ao fascismo, no contexto da eleição e do governo de Donald Trump.

Problematizaremos a ideia de que a Marvel é uma editora liberal/progressista em nossa seção 1.1 por meio de uma análise da história da empresa e da criação de personagens dado que, no senso comum, existe uma disputa que ora acusa, reivindica ou nega um suposto histórico de progressismo desta. Veremos que a Marvel tentou passar uma imagem de que não possui um lado político definido, empregou certas noções ligadas ao liberalismo estadunidense, apresentou histórias ambíguas, tomou decisões baseadas nas pressões de fãs e colocou-se contra importantes inovações e posições das equipes criativas. No item 1.2, passamos à análise dos quadrinhos do Capitão América que foram criticados por elementos conservadores e que estão situados historicamente entre a corrida eleitoral de 2016 e o fim do governo de Donald Trump. Para tal, utilizaremos a análise dialética das histórias em quadrinhos proposta por Viana (2016) que consiste em cinco passos: leitura inicial, constituição de um corpus a ser analisado, análise do universo ficcional, análise narrativa, pictórica e ideográfica e análise dos elementos extra ficcionais. Nosso corpus neste trabalho serão os seguintes arcos de histórias do Capitão América, no período de 2015 a 2021: “Capitão América: Sam Wilson”, “Império Secreto”, “Capitão América: Inverno na América”, “Capitão de nada”, “A lenda de Steve” e “Todos morrem jovens”. Não serão considerados os arcos “Capitão América: Lar dos valentes” e nem “Capitão América: Terra Prometida” pois estes arcos foram tentativas de amenizar a fúria dos fãs com o evento Império Secreto, promovendo uma volta as origens do Capitão América, diminuindo as referências ao momento político estadunidense e as mudanças ocorridas durante a iniciativa *All New All Different Marvel*³ (no Brasil, Nova Marvel), que visava aumentar a representatividade nas revistas de super-heróis da editora. Os eventos de Capitão América: Steve Rogers estão contemplados no trabalho, mas não faremos uma análise minuciosa deste arco. Com isso cumprimos a constituição do corpus e a análise do universo ficcional já foi feita previamente pelo autor para elaborar este trabalho. Parte da análise também será explicitada para o leitor, como forma de facilitar a compreensão do universo. Entraremos então na

³Axel Alonso foi editor chefe da Marvel de 2011 até 2017. A campanha *All New All Different Marvel* durou de 2015 até o fim do evento *Império Secreto*, em 2017.

análise narrativa, pictórica e ideográfica das Histórias em quadrinhos que, seguindo Groensteen (2016), faremos da seguinte forma:

Embora eu também parta do quadro, proponho seguir um caminho um pouco diferente. Não examinarei sucessivamente enunciados progressivamente maiores: o quadro, depois a prancha, finalmente a totalidade da narração. Ao invés disso, tentarei sempre que possível não separar essas unidades que são interdependentes, mas sim analisar separadamente seus diferentes níveis de interação, estando em primeiro lugar o nível espacial e, em seguida, o nível de expressão do discurso ou narrativa (que por sua vez admite dois graus de relações: lineares e translineares. (GROENSTEEN, 2016, pp. 38-39)

Dito isso, selecionamos pranchas que estão relacionadas com o momento político e social vivido pelos Estados Unidos no período. Um elemento central para a análise é a noção de *solidariedade icônica*:

Definiremos como solidárias as imagens que participam de uma sequência, apresentando a dupla característica de estarem apartadas (faz-se essa precisão para descartar quadros individuais que encerram em si uma riqueza de padrões ou anedotas) e serem plásticas e semanticamente sobredeterminadas pelo simples fato da sua coexistência *in praesentia*. (GROENSTEEN, 2015, pp. 27-28)

Do conceito de *solidariedade icônica* surgem outros, tais como espaçotopia, artrologia, *layout*, entrelaçamento e decupagem:

A *spatio-topie* (espaçotopia) relaciona-se às características espaciais de cada quadro, como seu formato e sua área física, mas também inclui a localização deste quadro na superfície da página, que vai estabelecer uma relação com os demais quadros (GROENSTEEN, p.25-26,36) A *mise en page*, ou *layout*, corresponde à configuração de página e à distribuição dos quadros nos seus espaços. Ela conforma-se à *spatio-topie* e aos fins narrativos desejados (idem, p.26). A *arthrologie* (artrologia) refere-se à construção de conexões entre os elementos de cada página e dentro da obra como um todo. Ele divide-se em duas modalidades: a artrologia restrita, que é a criação de conexões entre imagens contíguas, e a artrologia geral, que corresponde à criação de conexões entre imagens “translineares ou distantes”, dispersas pela obra (idem, p.27). *Découpage* e *tressage*, por sua vez, são operações que colaboram nestas conexões: a decupagem é a “quebra” da narrativa em quadros e páginas, enquanto a *tressage* (amarração ou entrelaçamento) é uma relação extra construída pela repetição de elementos (personagens, objetos, cenários, traços, cores) ao longo da HQ (idem, p.27,174) (ASSIS, 2015, p. 5)

Utilizaremos também Postema (2018) já que o livro Estrutura narrativa dos quadrinhos “foi originalmente concebido para apresentar aos leitores de quadrinhos americanos a teoria francesa de quadrinhos, especialmente a de Thierry Groensteen, assim como de outros pesquisadores.” (POSTEMA, 2018, p.9) Discutiremos os êxitos e os

problemas quanto as críticas feitas nesses arcos e iremos atentar para as diferenças entre o Capitão América Sam Wilson e Steve Rogers.

No Capítulo 2 nos deteremos em dois personagens dos quadrinhos, Ariella Conner e Aleksander Lukin/ Caveira Vermelha, figurações de Ann Coulter e Jordan Peterson, personalidades ligadas ao conservadorismo. Destacamos pranchas que contém as ideias desses personagens, analisamos uma obra de cada autor para compreender quais seus pensamentos e visão de mundo, comparando com a figuração existente nos quadrinhos, além de nos questionarmos qual concepção de História estes autores adotam e se existe uma demonização dos conservadores nessas histórias.

1 O PROGRESSISMO DA MARVEL EM QUESTÃO E AS DISCUSSÕES SOBRE OS QUADRINHOS DO CAPITÃO AMÉRICA

1.1 Marvel Comics e seu progressismo

A Marvel Comics é frequentemente apresentada como uma editora historicamente mais liberal/progressista⁴. Nossa intenção com este capítulo é revisitar a história da editora e apresentar momentos em que foi inovadora, controversa ou introduziu pautas tidas como liberais/progressistas em suas publicações, refletindo se isto se confirma ou se ela apenas as insere de forma muito tímida, levando em conta o contexto histórico da época, com objetivo de atrair público, adotando uma postura de neutralidade e moderação de maneira a não desagradar os consumidores de seus quadrinhos e que muito desse progressismo viria das equipes criativas. Nos perguntamos também qual tipo de História que a Marvel apresenta em seus quadrinhos. Estes questionamentos parecem importantes pois alguns deles parecem estar cristalizados no senso comum, principalmente quando levamos em conta alguns posicionamentos recentes da empresa, como a inabilidade para defender autores que foram alvo do *Comicsgate*, um movimento de extrema-direita surgido entre 2016 e 2017 contra a diversidade e o progressismo nos quadrinhos; a ameaça da Foolio Society de não publicar, em uma coletânea de quadrinhos da Marvel, o ensaio de Art Spiegelman⁵ caso a parte em que fazia uma alusão ao vilão Caveira Vermelha e à

⁴O liberal dos Estados Unidos é diferente do que chamamos de “liberal” no Brasil, por isso o uso de progressista. Aqui, estamos nos referindo ao chamado liberalismo social (*social liberalism*) ou ao liberalismo moderno (*modern liberalism*). Por “liberalismo estadunidense” entendemos o seguinte: “O objetivo está na igualdade a partir da qual o governo detém um papel importante - intervém em áreas até então consideradas “privadas” sem, no entanto, descaracterizar o capitalismo típico estadunidense. Assim, o liberalismo é caracterizado por uma “mixed economy”, ao estilo Keynesiano – o governo intervém como um árbitro para direcionar o andamento da economia capitalista e mitigar os efeitos negativos na sociedade. Na área social, o liberalismo defende uma certa concepção multicultural, perceptível na preocupação com os direitos das minorias.” (VIDAL, 2019, pp. 39-40).

⁵Este é o trecho em que ocorre a comparação: Auschwitz e Hiroshima fazem mais sentido como cataclismas das histórias em quadrinhos sombrias do que como eventos em nosso mundo. No nosso mundo muito real de hoje, o vilão mais nefasto do Capitão América, o Caveira Vermelha, está vivo no cinema e uma caveira laranja assombra a América. O fascismo internacional novamente se agiganta (como os humanos esquecem rápido – estudem bastante esses quadrinhos da era de ouro, meninos e meninas!) e os deslocamentos que acompanharam a crise global de 2008 contribuíram para que chegássemos num ponto onde parece provável que o planeta colapse. O Armagedom parece, de alguma forma, plausível e nós todos nos tornamos crianças impotentes com medo de forças maiores do que nós imaginamos, procurando por alívio e respostas em super-heróis voando através de telas em nossa capela de sonhos.” Tradução nossa. O texto na íntegra pode ser acessado em: <<https://www.theguardian.com/books/2019/aug/17/art-spiegelman-golden-age-superheroes-were-shaped-by-the-rise-of-fascism>> Acesso em: 12 ago. 2024.

Donald Trump não fosse retirada, sob a justificativa de o artigo feria o desejo da Marvel em ter uma posição apolítica; e a denúncia de que Ike Perlmutter, CEO e presidente da *Marvel Entertainment*, havia doado 1 milhão de dólares para um fundo de Donald Trump voltado para veteranos das Forças Armadas, além de secretamente fazer parte do clube de Mar-a-Lago (um resort de propriedade do ex-presidente estadunidense onde conselheiros não oficiais deste se reuniam) e de ser um dos homens por trás do Departamento de Veteranos, exercendo influência em políticas e tendo contato constante com membros do departamento.

A história da *Marvel Comics* tem início na editora *Timely*. Seu dono, Martin Goodman, lançou sua primeira HQ em 1939, embalado pelo sucesso do *Super-Homem*. Os primeiros heróis da editora, *Tocha Humana*, de Carl Burgos, e *Namor, o Príncipe Submarino*, de Bill Everett, foram introduzidos em *Marvel Comics n.1*. (outubro de 1939) (Tucker, 2018, p. 10). Com o sucesso da edição, Goodman criou a *Timely Publications*. O advento da Segunda Guerra Mundial fez com que esses heróis fossem alçados para o conflito antes mesmo dos Estados Unidos entrarem na guerra: em fevereiro de 1940, na *Marvel Mystery Comics*, a tripulação de um submarino nazista se digladiava com Namor. Dali em diante, Namor apareceria em suas histórias ajudando os Aliados e lutando contra o nazismo, sempre por uma ótica estadunidense. No mesmo ano, surgia também o Capitão América, criação de Joe Simon e Jack Kirby. No primeiro número, de dezembro de 1940 (data de capa era março de 1941), o Capitão aparecia socando Adolf Hitler:

Simon tinha certeza de que o Capitão América era uma criação explicitamente política: ele queria refletir a própria repulsa ao regime nazista. Achava que o movimento antiguerra era bem-organizado, mas aqueles que apoiavam o envolvimento americano não tinham uma plataforma. O Capitão América foi a resposta. A reação foi imensamente favorável, mas isso não impediu que Simon tivesse recebido “cartas com ameaças e mensagens de ódio. Algumas pessoas realmente se opunham ao que o Cap [apelido do Capitão América] representava. (TUCKER, 2018, p. 90)

Jason Dittmer (2013) entende que esse pequeno papel do Capitão América em fazer com que a opinião pública dos Estados Unidos tivesse uma posição mais favorável à entrada do país na II Guerra Mundial, de modo intervencionista, pode ser entendida como geopolítica e co-constitutiva do discurso do excepcionalismo estadunidense:

“Excepcionalismo americano” refere-se à ideia de que os Estados Unidos são diferentes de outras nações, resultado de seu desenvolvimento histórico, a experiência com a fronteira, ou simplesmente sua função dentro da ordem internacional. Uma grande variedade de argumentos foi historicamente trazida num esforço para representar os Estados Unidos como fundamentalmente diferente de outras nações. O discurso do excepcionalismo americano não é produzido somente através dos argumentos da elite política e acadêmica; é também co-constituído através da cultura popular.⁶ (DITTMER, 2013, pp. 10-11)

O Capitão América chegou a vender mais que a revista *Time*, registrando a marca de um milhão de exemplares mensais. Os quadrinhos faziam sucesso também entre os soldados, como afirma Tucker (2018, p.97): “Nas bases militares, os gibis, repetidas vezes vendiam mais que o *Saturday Evening Post*, as revistas *Life* e *Reader’s Digest* em uma proporção de quase dez para um. Quando os soldados eram enviados para o exterior, as famílias atendiam as necessidades de revistas em quadrinhos enviando pacotes especiais regulares.”

A *Timely* tentou emplacar diversos super-heróis sem conseguir repetir o sucesso dos primeiros, e quando as vendas dessas revistas entraram em declínio, no final dos anos 1940, a editora adotou a política de copiar o que fazia sucesso, apostando inicialmente em quadrinhos policiais, animais antropomorfizados e, depois, em faroestes. Os quadrinhos entraram na ordem do dia quando diferentes setores da sociedade (pais, professores, Igreja etc.) passaram a culpabilizar as revistas pelos comportamentos dos jovens. Em 1940, o crítico literário e escritor de livros infantis Sterling North já defendia em um editorial que as histórias em quadrinhos eram prejudiciais para crianças. Como mostra Polatto (2023), as campanhas anti-quadrinhos são fruto do temor da infiltração comunista e de outras ameaças “vindas de fora”, problemas sociais que foram gestados durante a Segunda Guerra Mundial e que ficaram mais evidentes durante a Guerra Fria, como aumento da criminalidade e alterações na organização da família, além das mudanças na indústria dos quadrinhos ocorridas no Pós-Guerra. A campanha anti-quadrinhos encontrou em Fredric Wertham seu principal rosto, que deu um verniz científico ao movimento graças a publicação do livro *Seduction of the innocent: The influence of comic books on today’s Youth*, em 1954. Todo esse ambiente levou o Senado estadunidense a instaurar um subcomitê

⁶No original: “American exceptionalism refers to the idea that United States is distinct from other countries as a result of its historical development, it’s frontier experience, or simply its function within the international order. A wide array of arguments has historically been brought to bear in the effort to represent the United States as fundamentally unlike other countries. The discourse of American exceptionalism is not only produced through the arguments of political and academic elites; it is also co-constituted through popular culture.”

para investigar a relação dos quadrinhos com a delinquência juvenil, chegando à conclusão de que a juventude estava sendo exposta a violência, horror e crimes nessas publicações. A saída foi a autocensura, na forma do *Comics Code Authority*. Buscando fugir do controle governamental, esse código ditava o que era permitido ou não nas publicações. Entre as regras, temos a restrições quanto ao crime, desencorajando empatia por criminosos, obrigatoriedade do bem triunfar sobre o mal; policiais, oficiais do governo, juízes deviam ser retratados de forma que não estimulasse desrespeito pelas autoridades, proibições quanto ao uso violência excessiva, nudez, posições sugestivas, exagero nas qualidades físicas ao desenhar mulheres, relações sexuais ilícitas, perversões sexuais e uso de lobisomens e vampiros⁷. Wertham não ficou satisfeito com o resultado, pois este desejava que fosse introduzida uma faixa etária permitida para compra das revistas, ao invés de mudanças no conteúdo destas. Graças a problemas nas vendas e uma tentativa frustrada de reviver os heróis, a *Timely/Atlas* encontrava-se em dificuldades financeiras. Com o relançamento do personagem *Flash*, em 1956, e o sucesso de *Liga da Justiça da América* em 1960 (ambos lançados pela *National Comics*, que viria ser a *DC Comics*), e o reaquecimento do gênero de quadrinhos de super-heróis, Martin Goodman ordenou a criação de um novo grupo. Em 1961, Stan Lee e Jack Kirby conceberam então o Quarteto Fantástico. As histórias tinham um diferencial em relação aos personagens da época:

No mundo do Quarteto Fantástico, os poderes não necessariamente levam à alegria; se serviam para alguma coisa, era para ser fonte de mais problemas. Os quatro reagiram às suas novas habilidades como uma cena tirada diretamente de um filme de terror. O Coisa fica deprimido por estar preso em sua forma pedregosa e laranja. Sue fica aterrorizada quando começa a desaparecer. Outro toque inovador: os personagens discutiam uns com os outros como crianças em uma longa viagem de carro. (TUCKER, 2018, p. 21)

Além dessa interação incomum entre os personagens, as revistas tratavam de temas que estavam na ordem do dia:

As páginas de Quarteto Fantástico discutiram e mostraram tópicos como o “perigo vermelho”: o medo da infiltração comunista por parte dos Estados Unidos. O segundo número (janeiro de 1962) apresentou *skrulls*, alienígenas transmorfos que se infiltravam secretamente na humanidade. Em um caso de intertextualidade (um traço de desenvolvimento da Marvel), Richards derrota

⁷Disponível em:

<<https://babel.hathitrust.org/cgi/pt?id=mdp.39015009097182&view=2up&seq=7&skin=2021>> Acesso em: 17 maio. 2024.

os invasores alienígenas ao mostrar para eles imagens dos maiores defensores da Terra – personagens saídos das páginas das revistas em quadrinhos Marvel. (ROBB, 2017, p. 136)

Foi nas revistas do Quarteto que surgiu o personagem Pantera Negra, o primeiro super-herói negro da Marvel a chegar ao grande público, além de um aliado indígena estadunidense chamado Wyatt Wingfoot. Outro super-herói que logrou sucesso neste tempo foi o Incrível Hulk, inspirado na obra *O Médico e o Monstro* e nas figuras do quasímodo, da criatura Frankenstein e na lenda judaica do Golem:

A Marvel voltou ao mercado de super-heróis no momento em que a Guerra Fria se exacerbava, com a Crise dos Mísseis de Cuba a apenas meses de acontecer. A ameaça atômica estava na mente de todo mundo, então muitos dos heróis da Marvel seriam pessoas comuns, frequentemente cientistas, transformados em criaturas superpoderosas pela ciência atômica fora de controle (o equivalente pré-guerra tinha sido o onipresente “supersoro”). (ROBB, 2017, p. 138)

Em *O Incrível Hulk*, um espião comunista contribuiu para o acidente que transformou o Dr. Bruce Banner, que trabalhava para as Forças Armadas estadunidenses, na monstruosa criatura. Em 1962, surgiu o Homem-Aranha nas páginas de *Amazing Fantasy*. Peter Parker, um jovem órfão criado por seus avós, ganha poderes especiais após ser picado por uma aranha radioativa. A sua decisão de não intervir para capturar um criminoso acabou culminando na morte do seu Tio Ben, o que leva o herói a lutar contra o crime. O diferencial do personagem era que Parker, além de lutar contra criminosos e vilões, tinha problemas típicos de um jovem comum: era um nerd não muito sociável, insucesso com garotas, sempre precisava de dinheiro para o aluguel, preocupado com a saúde de sua tia May e lidava com um chefe exigente. Em *Tales of Suspense 39* surgiu o Homem de Ferro, um *alter ego* de Tony Stark, um famoso e milionário fabricante de armas que foi sequestrado por comunistas chineses e acabou gravemente ferido no coração. Sua saída é fabricar uma armadura para manter seu coração funcionando e, mais uma vez, a Guerra Fria aparece nessas publicações:

As histórias eram sobre o homem, não sobre a armadura. Com a Guerra do Vietnã. Stark foi forçado a agir como um agente antivietcongue, bem como um anticomunista em todos os sentidos (ele era a idealização do bem-sucedido homem de negócios americano e capitalista). Esse novo patriotismo de guerra fez *Tales of Suspense* publicar histórias do Capitão América como tiras secundárias a partir do número 59 (novembro de 1964), antes da revista ser rebatizada Capitão América após o número 99 (março de 1968), quando o Homem de Ferro ganhou o próprio título. (ROBB, 2017, p. 150)

Além disso, Stark tinha contratos com o governo dos Estados Unidos e sofria com a impossibilidade de se envolver com seu interesse amoroso, Pepper Potts, devido a vida como Homem de Ferro e seu problema cardíaco. Ainda em 1963 e, produto da Guerra Fria, foi a vez de uma outra equipe aparecer nos quadrinhos: os *X-Men*. Os personagens Ciclope, Garota Marvel, Anjo, Homem de Gelo e Fera eram mutantes com superpoderes que eram treinados e liderados pelo Professor Charles Xavier, um cadeirante com poderes psíquicos. A particularidade dos X-Men é que eles já nasciam diferentes e, por isso, eram odiados pelos humanos que eles defendiam. Xavier acreditava que mutantes e não mutantes poderiam coexistir, ao passo que Magneto, o então vilão, acreditava que os mutantes deveriam governar a raça humana.

Em outro exemplo de consonância da Marvel com a época e com a juventude, o personagem Doutor Estranho fez sua primeira aparição em *Strange Tales 110*, publicada em julho de 1963. Suas histórias exploravam psicodelia, ocultismo e o cósmico numa época que o abuso de substâncias alucinógenas estava na moda entre jovens. Doutor Stephen Strange era mais um personagem que era acometido por uma tragédia: após um acidente o neurocirurgião talentoso e arrogante não podia exercer mais a medicina graças aos danos nos nervos das mãos, o que fez com que ele buscasse uma cura para sua condição, encontrando uma saída nas artes místicas. Segundo Robb:

O historiador de quadrinhos Bradford W. Wright citou a arte de Salvador Dalí, popular nos Estados Unidos nos anos 1960, e a ficção dos poetas *beatniks* como influências para Ditko e o coautor Lee na criação do Doutor Estranho. Wright comentou que “o Doutor Estranho previu, de maneira impressionante, o fascínio da juventude da contracultura pelo misticismo oriental e psicodelia.” (ROBB, 2017, p. 155)

A comunicação com os fãs foi um dos trunfos da Marvel, aproximando os leitores da editora e criando um senso de comunidade: na *Stan's Soapbox*, coluna mensal onde o criador, editor-chefe e promotor da Marvel, Stan Lee, conversava com os leitores até mesmo sobre temas na ordem do dia da sociedade estadunidense, pregando a tolerância:

Como ele mais tarde descreveu, sua empresa não tinha uma “linha partidária oficial” em termos de política, mas “a maioria dos nossos escritores é jovem, idealista e intensamente liberal”. Artistas, Lee agregou, incluíam “todas as cores e facetas do espectro político, e esse é o jeito que deveria ser. Afinal,

o Marvel Bullpen é realmente a América num microcosmo e eu penso que, como nossa própria nação, nós devemos ser fortes e sábios o bastante para tolerar todo tipo de ideologia.” Dentro dessa visão inclusiva, Lee reforçou “as únicas filosofias que não tem lugar na Marvel são aquelas que pregam a guerra e a intolerância” (AUSTIN; HAMILTON, 2019, p. 78, tradução nossa)⁸

Apesar de estar atenta e buscar retratar acontecimentos da época, a Marvel muitas vezes optou por um meio termo, como na história do Homem-Aranha chamada *Crise no Campus* (*The Amazing Spider-Man*, n. 68, janeiro de 1969), inspirada por acontecimentos reais no campus da Universidade de Columbia. O personagem Wilson Fisk, o Rei do Crime, se aproveitou dos protestos por conta do fechamento de um local que os estudantes desejavam que fosse transformado em um alojamento para roubar um artefato - um deles considerou tomar o prédio, em último caso. O Homem-Aranha evitou tomar partido dos alunos, mas não os condenou, e Peter Parker, *alter ego* do Homem-Aranha e estudante da universidade, ora estava simpático, ora se colocava contra os seus colegas:

Enquanto Lee trabalhava nas duas edições seguintes, os conflitos violentos em Chicago durante a Convenção Nacional Democrata alteraram ainda mais o humor nacional. O arco de três edições concluiu com um papinho: todos podemos ser amigos, no qual os manifestantes arrependidos descobrem que o reitor da ESU vinha brigando com os administradores da faculdade por trás dos panos, a favor deles, o tempo todo. (HOWE, 2013, p. 360)

Além dessas conclusões insuficientes quando tentava fazer comentários sobre a sociedade, os heróis da Marvel eram, em sua maioria, brancos e de classe média. Austin e Hamilton (2019) afirmam que a Marvel apresenta, nas suas histórias, uma assumida inferioridade de pessoas e de culturas não-brancas, com heróis fazendo o papel de “brancos salvadores” oferecendo orientação benevolente. Nelas, egípcios e demais pessoas do Oriente Médio eram mostrados de forma degradante, a América do Sul apresentava povos nativos que viviam nas profundezas das selvas, pessoas asiáticas eram pouco confiáveis e facilmente identificadas por sua aparência de forma estereotipada - uma continuidade das figurações que existiam nos quadrinhos durante a II Guerra Mundial e uma novidade, que era a ameaça comunista. Garra Amarela, vilão asiático da Marvel, surgiu em 1956 com uma aparência muito similar à de Fu

⁸No original: “As later he described, his company had “no official party line” in terms of politics, but “most of our writers are young, idealistic, and passionately liberal”. Artists, Lee added include “every shade and facet of the political spectrum, and that’s the way it should be. After all, the Marvel Bullpen is really America in microcosm, and I figure that, like our nation itself, we should be strong enough and wise enough to tolerate every type of ideology”. Within this inclusive vision, Lee stressed, “the only philosophies that have no place at Marvel are those preaching war or bigotry.”

Manchu, obra de Sax Rohmer e que representava o Perigo Amarelo, o medo (que se traduziu em racismo e representações caricaturais e vilanizadas) de pessoas oriundas da Ásia em um contexto de imigração destes para os EUA e Inglaterra no fim dos anos de 1800 e início de 1900. Mandarin, vilão asiático das histórias do *Homem de Ferro* que surge em 1965, é apontado por Austin e Hamilton (2019) como a apoteose do inimigo oriental: descendente direto de Genghis Khan, criado por uma tia que o ensinou a odiar o Mundo, mas também a arte da guerra, das ciências e da vilania, munido dos dez anéis, uma tecnologia alienígena poderosa que permitiria a dominação mundial. Mandarin ainda estava localizado no interior da China Vermelha. Apesar de neste trabalho termos feito a opção de não utilizar entrevistas de Stan Lee falando sobre a criação de personagens porque, como procurava vender a mídia quadrinhos, ele incorporava ou modificava discursos que poderiam ser favoráveis para uma boa imagem desta mídia, reduzindo a credibilidade das entrevistas, Austin e Hamilton (2019) citam que a inspiração de Lee para a criação do Mandarin foi a figura de Fu Manchu. Isto nos parece importante porque temos dois vilões asiáticos utilizando a mesma inspiração problemática do Perigo Amarelo e de estereótipos (os personagens tinham orelhas pontudas, um cavanhaque característico e unhas pontudas). Os autores também notam que, nos desenhos urbanos de Jack Kirby, os Estados Unidos eram predominantemente povoados por brancos. Kirby, contudo, é um dos criadores do Pantera Negra. Houve um esforço dos criadores de quadrinhos para alterar esse caráter branco dos heróis, mas isso trouxe uma nova leva de problemas:

Ao adicionar uma abundância de novos personagens étnicos, os criadores de quadrinhos pareciam, no entanto, entender inclusividade como um tipo de jogo de números, como uma matéria de simplesmente adicionar mais, com algum, mas muitas das vezes pouco pensamento sobre o retrato real individual de personagens não brancos. Prenunciando a natureza rasa do vindouro multiculturalismo dos anos 1980, muitos criadores pareciam acreditar, em outras palavras, que apenas ter personagens multiétnicos era suficiente para tratar das deficiências em termos de raça nos quadrinhos. Desse jeito, mesmo com heróis e heroínas negros, americanos nativos, asiáticos, asiáticos americanos e latines começarem a preencher as páginas dos quadrinhos criadores – quaisquer fossem suas boas intenções - falharam constantemente em escapar das impregnadas e de longa data noções de raça americana. (AUSTIN; HAMILTON, 2019, p.126, tradução nossa)⁹

⁹No original: “In adding copious new ethnic characters comic book creators seemed, however, to understand inclusivity as a sort of numbers game, as a matter of simply adding “more”, with sometimes some but often too little thought given to the actual portrayal of the individual nonwhite characters who arrived. Foreshadowing the oftentimes shallow nature of the coming 1980s multiculturalism, many creators

É importante notar também que era difundida, nos quadrinhos do período entre décadas de 1960 e 1970, a noção de irmandade ou somos todos irmãos, pregando amizade e igualdade entre brancos e negros:

Enraizada no que os historiadores descreviam como “consenso liberal” do pós-guerra, essa noção tratava o preconceito e o racismo como uma questão da consciência individual branca; isto é, racismo e discriminação emanavam de indivíduos brancos – em oposição a, digamos, estar enraizada nas estruturas econômicas, políticas e sociais da sociedade estadunidense – e, por isso a chave para corrigir o preconceito é “consertar” esses indivíduos defeituosos. (AUSTIN; HAMILTON, 2019, p. 89)¹⁰

Os super-heróis negros surgiram na Marvel entre os anos 1960 e 1970: Falcão foi o primeiro afro-estadunidense, seguido por Luke Cage, Blade e a mutante Tempestade, que passou a fazer parte dos X-Men. “O Falcão mantinha um pombal num telhado do Harlem, aparentemente era desempregado e não tinha superpoderes. Estava longe de ser uma revolução - “é tipo um Sidney Poitier de supertraje”, nas palavras de um avaliador acadêmico - mas já era um começo” (HOWE, 2013, p. 365). O Pantera Negra ganhou seu próprio quadrinho, chamado *Jungle Action*, para evitar a associação com o grupo político e revolucionário negro *Black Panther* (os Panteras Negras) e seu nome foi alterado para Leopardo Negro por um curto período. Além destes, outros personagens coadjuvantes negros, como Bill Foster, Robbie Robertson e Gabe Jones, passaram a ter participações maiores em diversos títulos. Heróis latinos também fizeram suas estreias no período, com o porto-riquenho Tigre Branco, em 1975, e o hispano estadunidense El Águila, em 1979 - personagem este que guarda semelhanças com o Zorro, de Johnston McCulley. Austin e Hamilton (2019) notam que a inclusão racial em *The Amazing Spider-Man* (*O Espetacular Homem-Aranha*, na tradução para o português) era perceptível tanto nos desenhos de Steve Ditko, com a presença de afro-estadunidenses ao fundo, participando da vida da cidade, em espaços como universidade e redações de jornal, quanto no elenco de apoio regular das histórias, como o personagem Robbie Robertson. Ao tocar em

seemed to believe, in other words, that just having, multiethnic characters sufficed to address racial shortcomings in comics. In this way, even as black, Native American, Asian and Asian American, and Latinx heroes and heroines began fill up comic book pages, creators – whatever their good intentions – consistently failed to escape the gravity of deeply entrenched and long-held American notions of race.”
¹⁰No original: “Rooted in what historians describe as the “liberal consensus” of the postwar era, this notion treats prejudice and racism as a issue of the individual whites – as opposed to, say, being entrenched in the economic, political, and social structures of US society – and thus the key to correcting prejudice is to “fix” these flawed individuals.”

temas que estavam na ordem do dia na sociedade estadunidense, colocando os seus heróis vivendo e atuando em cidades “reais”, a Marvel conseguia se diferenciar no mercado, e o seu sucesso não passou despercebido:

Aos poucos os jornais começaram a prestar atenção: o *Wall Street Journal* percebeu o aumento nas vendas, enquanto o *Village Voice* destacou como os *beatniks* haviam adotado as histórias adoidadas e moderninhas. “Os gibis Marvel são os primeiros da história que conseguem envolver um escapista pós-adolescente”, bradava o *Voice*. “Porque os gibis Marvel são os primeiros a suscitar, mesmo que metaforicamente, o Mundo Real.” A tagarelice afiada e auto inquisitiva de Lee ganhou destaque, assim como a verossimilhança dos cenários nova-iorquinos. “Há aproximadamente quinze super-heróis no Grupo Marvel e quase todos eles moram na região de Nova York”. (HOWE, 2013, pp. 222-223)

Apesar de alcançar popularidade por trazer questões reais para seus quadrinhos, a Marvel encontrou também alguns problemas: um deles foi a presença de estereótipos somada a uma ideia de exotismo dos personagens e ambientes não-brancos. Como mostraram Austin e Hamilton (2019), Pantera Negra, Luke Cage, Sam Wilson e Tempestade, personagens negros, acabavam indo parar no Harlem, bairro de Nova York, que era um ambiente de crime, violência e desespero nos quadrinhos. Wakanda era um local que misturava avanço tecnológico com o misterioso e o primitivo. Tigre Branco, latino, foi taxado como cabeça quente e preguiçoso, ao passo que El Águila remetia ao estereótipo de amante latino, que se tornou popular graças ao ator Rudolph Valentino. Outro foram os embates que ocorriam na seção de cartas do público, como o que ocorreu por conta do personagem Inferno, vilão das histórias do Homem de Ferro, que não acreditava em protestos pacíficos e era anti-industrialista, opondo-se a visão do herói, adepto de ações não violentas. O próprio Tony Stark sofreu modificações, passando a questionar o governo e os senadores, indo de anticomunista a antiguerra do Vietnã e abandonando a indústria bélica. (ROBB, 2017, p. 179) A Guerra do Vietnã era um dos temas quentes que dividiam os leitores:

Comercialmente, era recomendável à Marvel ficar em cima do muro, mas havia críticas fortes quando as histórias evitavam questões sociais. O centro-esquerdismo de Lee era, a seu modo, irremovível. Ele ficava feliz em pregar tolerância, mas não ia ser visto assumindo uma postura impopular “Acho que não vamos mandá-lo para o Vietnã”, Lee disse numa entrevista no rádio quando questionado sobre planos para o Capitão América. “Tratamos estes personagens meio na brincadeira e damos boas risadas com eles, nos divertimos muito. Não sei se seria de bom gosto pegar algo sério como o que está acontecendo no Vietnã e botar um personagem como o Capitão América...teríamos que começar a tratá-lo de forma diferente e levar tudo

mais a sério, algo para qual não estamos preparados. (HOWE, 2013, pp. 350-351)

Aliás, o papel (ou a ausência) do Capitão América na Guerra do Vietnã é uma grande lacuna na história da Marvel. O personagem, que nasceu ligado ao exército dos Estados Unidos e lutou na II Guerra Mundial, teve sua fase “esmaga comunistas”, mas só fez duas aparições no Vietnã - uma em 1963 e outra em 1970 -, enquanto personagens como Homem de Ferro, Nick Fury e até Thor tiveram histórias no país asiático:

Cartas de leitores nas páginas de “Papo com o Capitão” no final dos anos 1960 e início dos 1970 contém um intenso debate sobre o quão patriota o Capitão realmente era, sobre sua falta de envolvimento no Vietnã e sobre se os Estados Unidos – ou qualquer outro país - deveria ter super-heróis nacionalistas. Alguns leitores apontavam que o Capitão era um ideal enquanto outros citavam sua humanidade. As respostas de Stan Lee para seus críticos eram variadas e mudaram conforme os leitores pediam para que o Capitão América fosse mais relevante para aqueles tempos. Primeiro Lee respondeu aos seus críticos alegando que a maioria deles queriam histórias de fantasia, não aventuras nacionais. Por volta de 1969, cartas de qualquer lado do debate apareciam como parte do que Lee chamava de “a controvérsia centrada em patriotismo” Em CA 118 (outubro de 1969) Lee responde para um leitor que a Marvel instituiu uma política de “que nós paramos de utilizar inimigos estrangeiros nas páginas de nossas sagas de super-heróis...e o porquê de nós tentarmos deixar claro o tempo todo que, até mesmo em nossas excêntricas revistas de guerra, nós não estamos tentando condenar todos os cidadãos daquela nação ou nações.” O mundo, Lee escreve “se tornou muito pequeno para esse tipo de coisa.” (GILLEN, 2009, p. 112, tradução nossa)¹¹

Em sua análise sobre o período, Shawn Gillen (2009) propõe que a ausência de participação do Capitão no Vietnã poderia estar ligada a uma desordem pós-traumática que afetava alguns soldados. Curiosamente, após a Guerra do Vietnã e da Coreia, essa condição psicológica passou a ser mais debatida. Entendemos, contudo, que essa ausência do Capitão pode ter ocorrido por outras razões: de acordo com Howe (2013), a Marvel conseguia popularidade entre progressistas e conservadores

¹¹No original: “Readers letters on the pages of “Rap with Cap” in the late ‘60s and early ‘70s contain an intense debate about how much patriot Cap really was, about his lack of involvement in Vietnam, and about whether America – or any country – should have national superheroes. Some readers claimed that Cap was an ideal while others cited his humanity. Stan Lee’s responses to his critics were varied and changed as readers demanded that Captain America become more relevant to the times. At first Lee had answered his critics by claiming that the majority of them wanted fantasy stories, not national adventures. By 1969, letters on every side of the debate appear as part of what Lee called the patriotism-centered controversy”. In CA 118 (October 1969) Lee responds to one reader that Marvel had instituted a policy “that we have all but discontinued using any foreign ‘enemies’ in the pages of our superhero sagas...and why we try to make it clear all the times that, even in our way-out war mags, we are not trying to condemn all citizens of any nation or nations.” The world, Lee writes, “has become much too small a place for such a thing.”

graças às suas histórias ambíguas. O diário ligado a organização conservadora *Young Americans for Freedom* chegou a publicar um editorial elogiando a editora porque esta colocava os comunistas como vilões e capitalistas desenvolvedores de armas, como Tony Stark, como heróis. Engajar um símbolo como o Capitão América no Vietnã, um conflito que dividiu profundamente a sociedade estadunidense, poderia inflamar ainda mais os ânimos, acirrando as discussões nas cartas dos leitores e, posteriormente, prejudicando as vendas.

A Marvel, porém, permaneceu fazendo comentários sobre temas que estavam na ordem do dia e tinham relevância sobretudo entre a juventude estadunidense. Em *O demônio na garrafa* (Homem de Ferro n. 129-128, março a novembro de 1970), Tony Stark travou um embate contra o alcoolismo, tema que já havia aparecido na história do personagem Inferno. O tema das drogas apareceu também nas revistas do Homem-Aranha (*The Amazing Spider-Man*, maio a julho de 1971), com o personagem Harry Osborn lutando contra o vício.

A evolução dos personagens foi substituída por anúncios de utilidade pública. Capitão América, que vendia mal, virou Capitão América e Falcão, e a nova co-estrela afro-americana começou a namorar e a discutir com uma militante negra chamada Leila. Os Vingadores trataram de feminismo; o Príncipe Submarino tratou de ecologia; e o Incrível Hulk, Thor e Inumanos visitaram o queto. Diversão era isso? (HOWE, 2013, pp. 429-430)

Um acontecimento que abalou o mundo dos quadrinhos foi a morte de Gwen Stacy, namorada de Peter Parker, o Homem-Aranha. A história criada por Gerry Conway, John Romita e Gil Kane mostrava que era possível heróis falharem, algo inédito até então. A popularidade de Gwen fez com que a Marvel tivesse que encarar reações raivosas dos fãs.

A queda nas vendas dos títulos fez com que Roy Thomas, editor-chefe da Marvel na época, oferecesse uma maior liberdade aos novos roteiristas que chegavam, como Jim Starlin e Steve Engleheart, o que acabou resultando em popularidade e proximidade da Marvel com a juventude, além de contribuir para uma melhora nos números da editora:

Sem fiscalização, surgiram mais oportunidades para experimentações. Gerber, Englehart e Starlin seguiram sem caprichos e colocariam bem fora das linhas mixando e remixando ideias avulsas de antigos gibis Marvel com manchetes atuais e psicologia pop, que se transformavam em mini obras-primas dadaístas que todos os meses caíam aos pés de adolescentes perplexos. Eles tratavam de política sexual, conduziam protagonistas a

tendências da contracultura e faziam até comentários astutos sobre a própria Marvel Comics. (HOWE, 2013, pp. 598-599)

Steve Englehart assumiu as revistas do Capitão América, que vinham passando por problemas com as vendas, e resolveu um furo de roteiro: o personagem foi encontrado congelado em uma história dos Vingadores e foi dito que ele estava nesse estado desde o fim da Segunda Guerra Mundial, porém existiam histórias dele lutando contra os comunistas nos anos 1950. A saída foi mostrar que o Capitão dos anos 1950 era um impostor. O governo estadunidense também foi tema de sua fase no comando do personagem, motivado pelo Caso Watergate, no arco do Capitão América chamado Império Secreto:

No Universo Marvel, que muito se parecia com o nosso, o Capitão descobriu uma conspiração criminosa na Casa Branca que fez o presidente cometer suicídio. A história foi concluída após a renúncia de Nixon e pintou o presidente como o líder de um Império Secreto clandestino. Abalado por isso, Steve Rogers abandonou temporariamente a identidade de Capitão América e se tornou o “Nômade”, um homem sem país. (ROBB, 2013, p. 176)

Em 1972, a Marvel passou a apostar em quadrinhos voltados para o público feminino, embalado pela força do movimento feminista, como a Tigresa (inicialmente chamada de Gata no Brasil), Shanna, a Mulher Demônio e A enfermeira da Noite. Em nove meses os títulos foram cancelados, o que fez Roy Thomas admitir que tinha certa vergonha diante da dificuldade de fazer brancos comprarem gibis onde o personagem principal era negro e meninos comprarem títulos voltados para mulheres. Talvez a dificuldade viesse também porque a representação destes nos quadrinhos não fosse muito positiva:

Na Marvel, as militantes feministas serviam ao mesmo propósito que os militantes negros haviam tido alguns anos antes: forças destrutivas que comprometiam as realizações dos moderados. Compare as palavras da Gata em *Marvel Team-Up* n.8, de 1973 (“Se não a determos, ela vai destruir tudo pelo que as mulheres lutaram...e o pouquíssimo que conseguimos!”) às do Falcão em *Captain America* n.126, de 1970: “Parecem uma versão negra do Klan! Só pregam o ódio aos branquelos! Tudo que progredimos vai retroceder cem anos!” (HOWE, 2013, p. 568)

As personagens Tundra, Mantis e a vilã Mata-Homens não pareciam ser o que potenciais leitores desejassem consumir. Mantis, por exemplo, era uma prostituta vietnamita que ganhou um arco de vinte números em *Os Vingadores*:

Basicamente Mantis era para ser uma prostituta que entrara nos Vingadores e causara discórdia entre os integrantes masculinos oferecendo-se a um de cada vez”, disse Englehart. “Ela foi apresentada como vagabunda. Sempre fui muito fã de sexo e via esses super-heróis adultos enfrentando supervilões; mas quando encontravam mulher, eles ficavam vermelhos gaguejando. Pareciam garotões adolescentes. (HOWE, 2013, pp. 602-603)

Versões femininas dos super-heróis também surgiram, tais como a Mulher-Hulk (1980), Mulher-Aranha (1977), Sonja (1973) e Miss Marvel (1977), e estavam ligadas mais ao interesse da Marvel em não perder os direitos sobre as personagens do que uma genuína vontade de criar boas histórias e desenvolvê-las. A Mulher-Hulk, por exemplo, foi criada às pressas porque temia-se que, com o sucesso da série do Hulk, algum estúdio decidisse criar uma série com um personagem do sexo feminino. Carol Danvers, a Miss Marvel, recebeu bastante atenção de Chris Claremont, que tornaria-se famoso pelo desenvolvimento de personagens femininas fortes, algo que não ocorria com frequência no meio dos quadrinhos. Ainda assim, ela era representada por um olhar masculino:

Miss Marvel também fora concebida como estratégia para garantir uma marca (e um gesto vazio em prol do feminismo), mas Chris Claremont a transformou numa personagem mais nuançada ao tratar da relação que ela tinha com os pais e com os desafios da carreira. “Queríamos atrair o público feminino com base em uma mulher dos anos 1970, ativa e atuante, que fosse independente, se virasse por conta própria”, lembrou Claremont. “Dissemos ao artista: ‘...mas ela precisa ser gostosa’. (HOWE, 2013, p. 822)

A revista seria cancelada após 23 edições. Em *Vingadores* n. 200, nas mãos de outra equipe criativa, Danvers/Miss Marvel entrava em um estado semelhante ao de uma gravidez graças a um viajante do tempo chamado Marcus. O bebê tinha crescimento acelerado e tornou-se o próprio Marcus. Ao final, Danvers abdicava de sua vida na Terra para ir embora com este, expulso da Terra pelos Vingadores. A trama não pegou bem e um ensaio chamado *O estupro de Miss Marvel* foi publicado no fanzine *LoC*. Posteriormente, Carol Danvers retornaria e se tornaria a personagem Binária, chegando a recusar um convite para entrar no grupo X-Men.

Em maio de 1975, *Giant Size X-Men*, criado pelo roteirista Len Wein com o apoio do assistente editorial Chris Claremont (posteriormente alçado à roteirista principal) e ilustrações de Dave Cockrun, trouxe uma nova equipe de mutantes, dessa vez com o diferencial de ter uma miscelânea de nacionalidades entre seus integrantes. Segundo Robb (2017), essa foi uma sugestão da *Cadence Industries*, que era dona da Marvel na época:

Os X-Men estavam no lugar ideal para assumir a ponta na onda da relevância social nos gibis de super-heróis: cada um era um símbolo de preconceito disfarçado como superpoderes mutantes. A popularidade dos X-Men revividos superou a dos originais, o que sugeriu que as tramas cheias de metáforas estavam acertando em cheio o público adolescente: fossem negros, homossexuais ou simplesmente “diferentes”, a maioria dos adolescentes se sentia à parte da cultura dominante. (ROBB, 2017, p. 182)

Magneto, antigo antagonista dos X-Men, ganhou um passado como sobrevivente do Holocausto que teve que lidar com o falecimento da filha na URSS em um incêndio provocado por vingança, justificando seu desprezo pela humanidade em geral. Outro ponto alto de X-Men foi o desenvolvimento de personagens femininas fortes por parte de Claremont, tais como Jean Grey, Ororo Munroe (a Tempestade), Kitty Pride e Vampira. Ainda falando dos mutantes da Marvel, a história *Deus ama, o homem mata* (“*God loves man kills*”, no original), de Chris Claremont (roteiro) e Brent Anderson (arte) foi lançada em 1982. Nela, um tele evangelista chamado Reverendo William Stryker utilizou-se de trechos da Bíblia para pregar contra os mutantes, angariou o apoio da opinião pública e paralelamente organizou, com apoio de seus seguidores, um plano de extermínio da população mutante do planeta. A crítica de aspectos ligados a religião também apareceu quando Jim Starlin, um ex-católico, esteve encarregado das histórias de Adam Warlock, personagem que tinha proximidades com Jesus Cristo. A Igreja da Verdade Universal perseguia descrentes e era comandada por Magus, uma versão de Adam do futuro. A popularidade dos filmes de Kung Fu motivou a criação de Shang Chi, o mestre do Kung Fu, apresentado como filho de Fu Manchu, personagem que a editora tinha garantido os direitos e que, como vimos, era obra de Sax Rohmer, representava o Perigo Amarelo e foi fonte de inspiração para os vilões Garra Amarela e Mandarim. Como mostra Wolk (2023), leitores como Bill Wu questionaram o tom de pele dos personagens, a presença e a suavização dos traços racistas em Fu Manchu. Apesar de ter sido uma série longa (1974-1983) e que possuía elementos interessantes em termos de enredo, esbarrou nos diversos problemas que um olhar Ocidental sobre o Oriente poderia trazer.

Em 1980, em uma parceria com a gravadora Casablanca Records¹², de Los Angeles, foi lançada exclusivamente em *comic shops* a revista da Cristal, a super-heroína ligada à música na esteira do sucesso da Disco. A personagem, que seria negra, usaria gírias (um desejo da gravadora) e andaria de patins, mas foi rapidamente

¹²A Casablanca Records era famosa por ser responsável pela banda de rock Kiss.

alterada para se tornar uma mulher loira após a atriz Bo Derek declarar seu interesse em estrelar um possível filme. A queda de qualidade dos quadrinhos em geral somada as decisões puramente visando o lado comercial, como bonecos e produtos licenciados chamava a atenção de fãs e de jornais como o *The New York Times*, algo que foi admitido pelo roteirista-editor Roy Thomas, reconhecendo a perda do lado humano e um aumento da insensibilidade da empresa (HOWE, 2013, p. 815) Como exemplo, a minissérie *Guerras Secretas*, uma reunião de heróis e vilões que se digladiavam, ignorando mudanças recentes nos personagens, introduzindo novos uniformes com objetivo de vender bonecos de ação.

Alguns títulos que tinham uma proposta aparentemente mais progressista acabam apresentando contradições, como por exemplo a minissérie de *Manto e Adaga*, publicada entre 1985 e 1987:

De um lado, o co-criador e escritor Bill Mantlo tenta apresentar branquitude e negritude como simbiótica, com propensão tanto para o bem e para o mal. O mundo onde *Manto e Adaga* vivem, como em muitos com um grupo etnicamente diverso, é superficialmente pós-racializado – *Manto*, um homem negro é capaz de fazer amizade com *Adaga*, uma mulher branca e os dois vivem com razoável harmonia. No entanto, a obsessão de *Manto e Adaga* é destruir o tráfico de drogas, e essa invocação da Guerra as Drogas situa o quadrinho não em uma utopia pós-racializada, mas fortemente no panorama racializado da América de Reagan. O quadrinho executa vários truques através de constantes discrepâncias entre o que os personagens e a narração (em terceira pessoa) dizem e como os personagens agem, criando inconsistências entre a narrativa e o subconsciente político. (HICKS, 2020, p. 88)¹³

O uso da política de guerras às drogas do período de Ronald Reagan na presidência dos Estados Unidos, um momento histórico fortemente conservador, é curioso. De acordo com Furiasse (2020), Mantlo procurou mostrar na série a dificuldade da lei em proteger e amparar os membros mais vulneráveis da sociedade, fazendo críticas a polícia e às instituições que aplicadoras da lei, que aparecem como inaptas. O autor notabilizou-se pelas inovações que trouxe ao gênero dos super-heróis, onde apresentava um mundo que fugia do binarismo herói/vilão, seu

¹³No original: “On one hand, co-creator and writer Bill Mantlo tries to present whiteness and blackness as symbiotic, with the propensity for both good and evil. The world *Cloak and Dagger* live in, like many an ethnically diverse team in popular culture, is superficially post-racial – *Cloak*, a black man, is able to befriend *Dagger*, a white woman, and the two live reasonably harmoniously together. However, *Cloak and Dagger’s* burning obsession is to destroy the drug trade, and this invocation of the War on Drugs situates the comic not in some post-racial utopia, but firmly in the racialized landscape of Reagan’s America. The comic performs several such sleights of hand through ongoing discrepancies between what the characters and (third-person) narration say and how the characters act, creating inconsistencies between the narrative and political subconscious”.

comprometimento com justiça social e suas críticas à ética e a política estadunidense. Outra de suas criações, Sabra, surgiu em 1967. Israelense e com superpoderes, ela foi treinar com o Mossad, a agência de inteligência de Israel, persuadida pelo governo. Ela ostenta a estrela de Davi no peito e numa faixa que levava na testa. Seu nome é uma referência a judeus nascidos em Israel. A personagem possui vulnerabilidade ao controle mental, o que a torna fonte de manipulação do governo de vilões. Após a morte de seu filho, vítima de um ataque terrorista palestino a um ônibus cheio de crianças israelenses, ela enfrentou o Hulk. Ela achava que este estava a serviço de terroristas árabes e acabou matando um garoto árabe que monstro/herói protegia, fazendo com que ela lembrasse de seu filho. Além do Hulk ter mais humanidade que ela, a personagem acabou tornando-se a monstruosidade que ela queria combater. Diversas críticas a Israel são feitas por meio de Sabra: a complexa e até contraditória relação com instituições estadunidenses, o papel que o país assumia nas relações internacionais, se recusando a cooperar com países árabes em algumas situações e aceitando em outras, a vulnerabilidade de sua cooperação e de seu comprometimento com a paz. A ausência de lideranças palestinas, bem como a figuração de palestinos como inocentes indefesos ou vilões perversos, além da presença de estereótipos em relação aos árabes são pontos falhos presentes nessas histórias.

Inspirado pelo romance *O Executor* (1969), de Don Pendleton, Gerry Conway criou o personagem Justiceiro, um vigilante paranoico e perigoso, ex-combatente do Vietnã que teve sua família assassinada pela Máfia e buscava vingança. Allen (2014) mostra que, assim como o Justiceiro, filmes como *Desejo de matar* (1974) e *Taxi Driver* (1976), populares na década de 1970, ecoavam o sentimento de que o crime era uma aberração e que fazer justiça era necessário. Quem ficasse no caminho do personagem, fosse amigo ou inimigo, herói ou vilão, enfrentaria as consequências e seria punido. As histórias do Justiceiro se passavam em Nova York, em um contexto em que a cidade enfrentava problemas severos com gangues, crime organizado e vigilantismo. Demolidor, que havia sido criado em 1964, foi outro personagem que ganhou popularidade nessa época atuando nesta mesma Nova York turbulenta. Também de acordo com Allen (2014), os vilões dos arcos de Frank Miller, ao mesmo tempo que eram testes ao código moral do personagem e de sua forte crença na lei, eram ecos da vivência do autor na cidade de Nova York. Existe um contraste importante também entre Justiceiro e Capitão América, já que ambos foram militares:

Steve Rogers, conhecido como Capitão América, foi criado no fim dos anos de 1930 como um soldado imbuído com sua força pelo governo dos Estados Unidos e, portanto, sancionado como um agente do sistema. Naquele tempo, o Capitão América era símbolo da esperança e do otimismo estadunidense. Frank Castle foi um soldado também, mas não recebeu apoio ou justiça do governo contra os criminosos que mataram sua família e, por isso, tornou-se o Justiceiro, um fora da lei impondo a lei. Em certo sentido, o Justiceiro reflete a resposta conservadora ao crime, o qual nos anos 1980 é representado pelas políticas aplicação da lei pelo presidente Reagan. (ALLEN, 2014, p.39, tradução nossa)¹⁴

Na década de 1980, o multiculturalismo¹⁵, com suas falhas e limitações, esteve presente nas publicações da Marvel. De acordo com Austin, Hamilton (2019) ele tem suas raízes no Pluralismo Cultural de Horace Kallen (que será tratado no item 2.2). Numa história de 1985, o Capitão América defende o multiculturalismo, ainda que não o cite:

Eu acredito que meu oponente está errado. Não há nada nocivo em ter uma sensação de identidade nacional ou herança étnica. A América é feita de um povo de diferentes grupos étnicos. Cada qual teve sua própria contribuição para a cultura americana. Seja orgulhoso de sua herança, mas nunca deixe esse orgulho fazer você esquecer que acima de tudo somos seres humanos que temos os mesmos desejos e necessidades e merecemos o mesmo respeito e dignidade. Pelo menos é assim que vejo. (GRUENWALD, 1986, p. 22 apud GUERRA, 2016, p. 136)

Esse discurso é feito após o Capitão derrotar o Apátrida, um vilão que defende a extinção de governos e fronteiras nacionais e que empregava como tática ataques terroristas. Ele assume a posição antinacionalista e antipacifista após a morte do pai, um banqueiro suíço que se tornou diplomata, após um tumulto em uma embaixada. Nessa versão, o Apátrida usa um uniforme preto e branco e tem no seu cinto uma imagem do continente americano em preto.

Segundo Austin e Hamilton (2019), o Falcão/Sam Wilson passou a integrar a equipe dos Vingadores no número 181. O arco do personagem é uma crítica ao

¹⁴No original: “Steve Rogers, aka Captain America, was created in the late 1930s as a soldier and imbued with his strength by the U.S. government and therefore sanctioned as an agent of the system. At that time Captain America was a symbol of American hope and optimism. Frank Castle was a soldier too but did not receive support or justice from the government against the criminals who killed his family and thus became the Punisher, an outlaw enforcing the law. In a sense, the Punisher mirrors of the conservative response to crime, which in the 1980s is represented by President Reagan’s law enforcement policies”.

¹⁵“Multiculturalismo, no contexto do “mosaico estadunidense”, celebra a herança cultural única de grupos raciais e étnicos, onde alguns deles procuram preservar suas línguas nativas e estilos de vida. Num sentido, indivíduos podem ser estadunidenses e ao mesmo tempo reivindicar outras identidades, incluindo aquelas baseadas em herança racial ou étnica, gênero e preferência sexual.” (OWEN, 2005, p. 02, tradução nossa)

totemismo, a adição de um personagem não-branco a uma superequipe para mostrar que ela era etnicamente diversa. O próprio Sam Wilson revelou ao Capitão América que ele tinha ciência da posição dele como totem na equipe e questionou seu papel no grupo. Trata-se de um personagem que pouco participou das aventuras da equipe nos primeiros números em que era membro, não se integrou e teve que esperar até a edição 187 para ter algum papel ativo - resgatar o Capitão América da queda de um jato. Ele era visto pelos outros membros como um novato, e apesar de passar a ter uma maior participação em batalhas a partir desse número, o personagem sairia do grupo na edição 194, culpando-se pela falta de liga no grupo e acreditando que sua saída poderia diminuir a tensão.

Com alguns títulos estagnados, a proposta do editor-chefe Jim Shooter foi de fazer mudanças drásticas, matando ou afastando temporariamente personagens principais: Tony Stark, o Homem de Ferro, foi substituído por James "Rhodey" Rhodes; Donald Blake, *alter* ego do Thor, foi substituído pelo alienígena Bill Raio Beta; o Capitão Marvel, que havia morrido, tornava-se Capitã Marvel posto ocupado pela tenente Monica Rambeau; Shang Chi foi aposentado e a Mulher-Aranha morreria numa série escrita por Ann Nocenti, a primeira roteirista regular de uma heroína na Marvel. Quanto ao Capitão América, a proposta do roteirista J.M.DeMatteis era que este decidisse abandonar o escudo e virar um ativista pela paz após a morte do seu inimigo Caveira Vermelha, numa trama que culminaria em sua morte e Corvo Negro, personagem indígena estadunidense, seria o novo Capitão América. Alegando que o Capitão não faria algo semelhante, Jim Shooter vetou as mudanças no personagem, reescrevendo a história que sairia no número 300. De acordo com Austin e Hamilton (2019), Monica Rambeau, a então Capitã Marvel, foi uma das personagens que conseguiu superar o totemismo, os estereótipos e a marginalização porque a caracterização da personagem e de seus inimigos não foi baseada em sua identidade racial ou étnica, mas sim no desenvolvimento e limites de seus poderes. Na fase dos Vingadores escrita por Roger Stern ela iniciou no grupo como uma novata, mas tornou-se presença constante na equipe e chegou a ser líder.

Também na década de 1980 o roteirista e desenhista inglês naturalizado canadense John Byrne introduziu importantes mudanças em personagens femininas como Susan Storm, então Garota Invisível, Mulher-Hulk e a Feiticeira Escarlata. Sobre o período, Guerra (2016) diz que

Em suma, apesar de não ter criado nenhuma das três heroínas descritas nos tópicos, John Byrne foi o responsável em atualizar as personagens dando personalidades mais marcantes a cada uma, respeitando suas características, mas mesmo assim caiu em estereótipos femininos. Nesse sentido, Susan Storm continuou sendo a zelosa mãe de família mesmo assumindo a posição heroica em contraposição à sua suposta fragilidade que apontava a necessidade de ser protegida. Da mesma forma, a Feiticeira Escarlate se transformou em um ser tão poderoso quanto feminino, mas destacando sua instabilidade emocional, em virtude de ostentar um grande poder. Por fim, a Mulher-Hulk se transfigurou no símbolo da mulher independente e leal, na qual sua sensualidade é aflorada, porém em suas histórias solo ficou evidente a prioridade do humor em detrimento dessa mulher livre que, mesmo destacada, não era o mote principal das narrativas. (GUERRA, 2016, pp. 370-371)

Alguns aspectos também nos chamam a atenção: graças a manipulações de vilões, a sua personalidade maligna de Susan Storm chamada Malícia (*Malice*) veio à tona, atacou o Quarteto e externou todo seu ressentimento após ter sua identidade revelada. Enquanto era Malícia, Susan utilizou um uniforme que mostrava muito mais de seu corpo e parecia inspirado em uma dominatrix. Na fase de Tom DeFalco e Paul Ryan, Susan utilizou uma versão mais ousada de seu uniforme original por um tempo. Quanto a Mulher-Hulk, o arco de John Byrne e a edição em que a heroína apareceu pulando corda nua divide opiniões, com alguns apontando uma sexualização desnecessária da personagem, enquanto outros dizem que Byrne fazia uma crítica ao modo com que as editoras agiam visando aumentar as vendas das revistas e apontando um empoderamento da Mulher-Hulk durante o período. A instabilidade da Feiticeira Escarlate também encontra discordâncias entre os fãs.

A Marvel teria nos quadrinhos da Tropa Alfa, um grupo de super-heróis que fez sua estreia na revista dos X-Men, (*Uncanny X-Men* 120, abril de 1979), o primeiro personagem abertamente homossexual. O Estrela Polar, em 1992. Isso foi possível porque a proibição do *Comics Code Authority* acerca de personagens homossexuais tinha sido afrouxada em 1989. Ainda assim, a novidade não caiu bem na empresa:

O departamento de relações públicas da Marvel enviou uma série de “sem comentários” à CNN e aos jornais, enquanto outros relatos diziam que Ron Perelman havia ficado emputecido, Rob Tokar, o editor da Marvel que herdou Tropa Alfa pouco após a aprovação da história foi convocado à sala de Terry Stewart para dar explicação. (...) Tokar discutia com Stewart, Tom DeFalco e um relações públicas descontente da Marvel como a editora havia lidado mal com o rebuliço e como distanciar-se da homossexualidade ia contra o progressismo histórico que a Marvel tinha. (HOWE, 2013, pp.1310-1312)

Nesta história, Estrela Polar encontra um bebê no lixo e, ao levá-lo para o hospital, descobrem que a criança tinha AIDS. Diante da comoção da imprensa e da população com o caso, Major Bordo atacou Estrela Polar, ressentido porque seu filho, que faleceu por conta da doença, não recebeu o mesmo tratamento por ser homossexual. O roteirista Fabian Nicieza quis transformar o personagem Nômade em uma pessoa com HIV positivo, entendendo que isso estimularia o debate público sobre o tema, enriqueceria a trama e geraria repercussão. Ele recebeu como resposta “não é o tipo de coisa que deveríamos fazer com um dos nossos maiores personagens” (HOWE, 2013, p. 1314), sendo que o Nômade não estava entre os mais populares da editora. Como mostra Guerra (2016), os editores tinham posturas distintas: eles não vetaram uma história feita por Bill Mantlo que introduzia um elemento transgênero: o espírito do personagem Sasquatch, que havia morrido, se apossou do corpo de Pássaro da Neve, uma heroína que também havia falecido. Assim ele passou a ser um homem num corpo de uma mulher. Por outro lado, a intenção de Chris Claremont em apresentar Sina e Mística como mãe e pai¹⁶ do personagem Noturno, foi vetada. O fim dos anos 1980 e início dos 1990 trouxe versões de personagens que já tinham atuado como Thor, Homem de Ferro e Capitão América: *Thunderstrike*, Máquina de Guerra e Agente Americano. Diante da impossibilidade de eles ocuparem o posto dos originais por muito tempo, a saída foi criar personagens muito parecidos.

Nos anos 1990, a Marvel passou cada vez mais a investir em capas de revistas que brilhavam no escuro, eram laminadas, *cards* ou qualquer outro tipo de inovação que atraísse o mercado de colecionadores, fazendo com que um mesmo número tivesse várias capas variantes. Entendida como uma mídia que era escrita por homens para um público predominantemente masculino, o período ficaria marcado também pela sexualização de personagens e o exagero, muita das vezes desafiando a anatomia humana: os do sexo masculino eram cada vez mais musculosos, munidos de armas imensas ao passo que do sexo feminino tinham seios cada vez maiores, cinturas muito finas, além do contorcionismo nas poses, closes indiscretos e em situações que dificilmente personagens masculinos figurariam. Guerra (2016) chama atenção para o artigo de 1997 da quadrinista Heidi MacDonald “*You guys need to get laid*” (Caras, vocês precisam transar”, tradução livre) onde a autora apontou que na

¹⁶A personagem Mística tem o poder de mudar sua forma para de outra pessoa. Assumindo uma forma masculina, ela poderia engravidar Sina.

década de 1950 o número de leitoras do sexo feminino chegava a 55%. Nessa época, era possível encontrar quadrinhos voltados para o público feminino. Por outro lado, na década de 1990, o número de leitoras do sexo feminino era de 5 a 10%. *Psylocke*, personagem dos X-Men, conseguiu ser exemplo de duas tendências dos anos 1990: a transformação de personagens brancos para outras etnias (de britânica para japonesa) e o objetificado estereótipo de oriental. Em 1992, Frank Castle, o Justiceiro, transformou-se temporariamente em um homem negro. Apesar de ter como objetivo mostrar o racismo estrutural, essa fase é considerada uma das mais controversas do personagem, que era sucesso no período e que remete ao sucesso dos anti-heróis, vigilantes que não tinham restrições em matar ou vilões que buscavam se regenerar. Segundo Guerra (2016), Wolverine, Deadpool, Justiceiro, Cable e Venom tinham as melhores marcas em termos de vendas no período.

Após um pedido de proteção de falência em 1996, a Marvel voltou ao jogo com dois novos proprietários: Ike Perlmutter e Avi Arad. O selo *Marvel Knights* surgiu revitalizando personagens como Justiceiro e Demolidor. O Pantera Negra teria, em 1998, o seu primeiro escritor negro em 32 anos.

Nos anos 2000, a editora decidiu dar novas roupagens para seus super-heróis, como Homem-Aranha, X-Men, Quarteto Fantástico dando início a linha *Ultimate*. Nesta, Os Vingadores eram conhecidos como Os Supremos (*The Ultimates*) e os personagens foram reformulados, tanto na aparência, com um apelo Hollywoodiano, (as referências usadas para Tony Stark, Steve Rogers e Nicky Fury foram os atores Brad Pitt, Johnny Depp e Samuel L. Jackson) quanto na essência, com Thor sendo apresentado como um manifestante anti Organização Mundial do Comércio e Tony Stark como nihilista. Em *The Ultimates 3*, já com equipe criativa diferente da original e sem utilizar o material base anterior, uma relação incestuosa foi sugerida entre os irmãos Mercúrio e Feiticeira Escarlate. Em 2001, apareceu o selo Max, com histórias voltadas para o público adulto e a revista *Alias*, que trazia histórias da heroína aposentada e agora detetive Jessica Jones. Esse período marcou também a saída da editora do *Comics Code Authority*, utilizando um sistema próprio de classificação etária de seus títulos. Essas mudanças, que ocorrem durante o período em que Joe Quesada era o editor-chefe e Bill Jemas era o vice-presidente executivo da *Marvel Entertainment Group*, buscavam atrair o grande público, principalmente os adolescentes, deixando de lado os fãs mais dedicados da empresa. As críticas ao autor Peter David, que escrevia Capitão Marvel na época, deram origem a um

concurso chamado *U-Decide*, onde o título que tivesse pior vendagem seria cancelado. A competição envolveu Peter David, Joe Quesada e Bill Jemas. *Marvelle*, revista feita por Jemas, satirizava a rival *DC Comics*, Ron Perelman e os gibis de super-heróis num geral. As capas traziam uma mulher ruiva de biquini ou, como no caso da segunda edição, aparentemente nua segurando um console Playstation, fitas de filmes pornô, uma embalagem de pizza e cerveja escondendo suas partes íntimas, algo que era considerável aceitável durante os anos 1990. As capas dos quadrinhos de *Thunderbolts*, dos números 77 ao 81, fizeram referência a revistas voltadas para os homens, como a *Maxim*, com desenhos sexualizados de mulheres e ainda exibia uma tarja com os dizeres *for real man* (para homens de verdade). A revista *Marvelle*, além de colocar o cineasta Spike Lee como o Rei do Crime que utilizava um boné de Malcom X, trouxe diálogos como este: “Eu que destruí o comércio local. Mas é só pagar um dólar para os mexicanos que eles trabalham como crioulo-” dito pelo Homem de Ferro depois de manchar de sangue alguns transeuntes, sendo interrompido pelo Pantera Negra: “As pessoas não vão enxergar você com bons olhos se usar esse palavreado” (HOWE, 2002, p. 1555).

A violência dos quadrinhos prejudicava as tratativas da Marvel para contratar atores para seus filmes em Hollywood e fez com que Jemas entrasse em rota de colisão com Avi Arad, produtor e CEO da *Marvel Studios*, e Ike Perlmutter, então vice-presidente da Marvel (ele se tornaria o CEO da empresa em 2005), além de escritores como Grant Morrison.

Os atentados de 11 de setembro de 2001 impactaram também o mundo dos super-heróis da Marvel. *Heroes*, de dezembro de 2011, mostrava os socorristas, policiais, bombeiros trabalhando ao lado dos heróis ficticiais, *A moment of silence* foi uma história que deu total destaque para as imagens diante da dificuldade de escrever sobre o ocorrido e *Amazing Spider-Man* 36, de fevereiro de 2002, mostrava como vilões e heróis da editora reagiram após os ataques. Na minissérie do Capitão América escrita por John Ney Riber e ilustrada por John Cassaday para o selo *Marvel Max*, o personagem lidou com os eventos e seus desdobramentos:

Esperança, críticas à suposta inocência dos EUA e o incentivo ao pacifismo são algumas das mensagens que essas HQs transmitem. Esse aspecto mais contestador e pacifista do Capitão pode ser associado a uma “humanização” do personagem em contraposição à ‘desumanização’ de seus adversários que, ao longo da narrativa, são caracterizados como “monstros” movidos por um ódio cego, que não medem esforços para alcanças seus objetivos ou

melhor, sua vingança por atos que os EUA, de forma direta ou indireta, impuseram a elas ou seus países. (PEDROSO, 2016, p. 89)

Os arcos *Guerra Civil* (2006-2007) e *Guerra Civil II* (2016) colocaram heróis em lados opostos quanto ao controle e supervisão do Estado, suprimindo sua liberdade sobretudo em relação as suas ações e identidades secretas para manter a lei e a ordem (*Guerra Civil*) bem como a discussão se é válida ou não a punição antes do crime (*Guerra Civil II*). Os eventos estão ligados a um clima quase paranoico que marcou os Estados Unidos após o 11 de Setembro e sua “Guerra ao Terror”, caracterizado pelo medo e necessidade de prevenir novos atentados, a captura de suspeitos de terrorismo, endurecimento de leis e violações dos direitos humanos na prisão de Guantánamo. Em 2003 foi lançada a minissérie *A Verdade - Vermelho branco e preto* (*Truth: Red, white & black*, no original), inspirada em eventos reais chamados “Experimentos de *Tuskegee*”. A obra contou a história de Isaiah Bradley e dos soldados negros estadunidenses que foram cobaias dos testes feitos pelo exército dos Estados Unidos na tentativa de recriar o soro do supersoldado, o mesmo que deu poderes ao Capitão América. Bradley, que viu a morte de vários colegas vítimas do experimento, acabou ganhando superpoderes e atuou em uma missão suicida no contexto da II Guerra, sendo capturado e preso pelos nazistas. Depois de sua fuga e retorno aos EUA, acabou preso por seu próprio governo até 1960. O soro, somado a falta de cuidados na prisão, causaram danos ao cérebro de Bradley. A minissérie não só ligou a criação do Capitão América a eugenia, como também tocou no tema de como vidas negras eram vistas como descartáveis.

No ano de 2005 o público foi apresentado aos *Novos Vingadores*: Rapaz de Ferro, Patriota (neto de Isaiah Bradley da história *A Verdade*), Hulkling, Wiccano (chamado Asgardiano na época). Posteriormente, Estatura e Kate Bishop, a Gaviã Arqueira passaram a fazer parte do grupo. Apesar de diferentes, os personagens pareciam ser novas roupagens para os clássicos Vingadores: Homem de Ferro, Capitão América, Hulk, Thor, Homem Formiga e Gavião Arqueiro. Como mostra *Guerra* (2016) apesar das restrições do *Comics Code* terem sido abrandadas nos anos 1980, só nos anos 2000 que casais LGBTQIA+ tornaram-se mais comuns na Marvel: o primeiro beijo gay apareceu em 2009, com os personagens Rictor e Shatterstar nas páginas do grupo *X-Factor*, título escrito por Peter David. Ainda segundo *Guerra* (2016), isso provocou a ira de Rob Liefeld, co-criador de Shatterstar, dizendo que o personagem não seria gay, sim um guerreiro espartano. Peter David

respondeu que a reação era similar à de pais que descobriam que os filhos eram gays. Hulkling e Wiccano engataram um relacionamento e o quadrinho que apresenta o beijo dos dois personagens na capa da versão brasileira, Vingadores – A cruzada das crianças, foi alvo de uma polêmica e tentativa de censura na Bienal do Rio de Janeiro de 2019.

Durante a direção editorial de Axel Alonso, que vai de janeiro de 2011 a novembro de 2017, a Marvel foi mais contundente na promoção da diversidade e na tentativa de evitar a sexualização de suas personagens femininas. A aparição do personagem Miles Morales em *Ultimate Fallout 4* (agosto de 2011) e na *Ultimate Comics: Spider-Man* (setembro de 2011) foi o pontapé inicial da Marvel nas reformulações que ocorreriam em alguns de seus principais heróis e culminaria no selo Nova Marvel (*All New, All Different Marvel*) de 2015. Metade latino e negro, Miles era um Homem-Aranha de outro universo, que graças a sua popularidade, acabou sendo incorporado ao Universo regular da Marvel, o 616. Nos anos seguintes, a então Miss Marvel, Carol Danvers passou a ser chamada de Capitã Marvel e abandonou o controverso maiô que usava como uniforme; Kamala Khan, uma adolescente paquistanesa, muçulmana e fã da Capitã Marvel assumiu a alcunha de Ms. Marvel; Jane Foster, ex-interesse amoroso do *alter* ego de Thor, Donald Blake, tornou-se a Poderosa Thor; Sam Wilson, originalmente o Falcão das histórias do Capitão América, herdava o manto de Steve Rogers. O Hulk passou a ser Amadeus Cho, um gênio adolescente coreano-americano; a X-23, Laura Kinney, tornou-se a nova Wolverine; Riri Williams, uma jovem negra de inteligência ímpar era a Coração de Ferro; Kate Bishop era a Gaviã Arqueira e o latino Robbie Reyes o novo Motoqueiro Fantasma. Nos X-Men, o Homem de Gelo, que era apresentado como um personagem heterossexual, revelou-se homossexual. As mudanças não ficaram restritas aos personagens clássicos: a Marvel também procurou atrair uma geração mais jovem de leitores com novas heroínas, mas que não deixavam a diversidade de lado, como Gwenpool e America Chavez. Inclusive introduziu uma nova formação dos Vingadores, contendo Jane Foster, Sam Wilson, Miles Morales e Kamala Khan. Um importante esforço foi feito também para que as equipes criativas desses títulos também fossem mais plurais, diminuindo o olhar predominantemente branco nos quadrinhos. Apesar destes esforços, em 2014, a Marvel viu-se envolta em polêmica graças a uma capa feita por Milo Manara, desenhista famoso por sua arte em quadrinhos eróticos, para a revista da Mulher-Aranha número 1. A imagem,

considerada sexualizada pelo público, rendeu um pedido de desculpas da editora e o cancelamento de duas futuras capas do mesmo artista. Apesar da polêmica, a capa da Mulher-Aranha número 1 saiu com o logotipo da personagem escondendo a parte controversa do desenho.

Essas mudanças não foram bem aceitas por uma parcela dos consumidores de quadrinhos, que culminou no *Comicsgate*, um movimento que começou na rede social *Twitter*. No ano de 2016, Chelsea Cain, que escrevia a série da Harpia nesse período, foi atacada na mesma rede por conta da capa de um quadrinho em que a personagem usava uma camisa com os dizeres “pergunte-me sobre minha agenda feminista”. Em 2017, os ataques e a revolta se intensificam após uma foto de funcionárias da Marvel tomando milkshake e fazendo um brinde a Flo Steinberg, uma pioneira nos quadrinhos. A declaração do vice-presidente de vendas da Marvel, David Gabriel, de que o aumento da diversidade prejudicava nas vendas durante uma reunião de revendedores, ganhou muito destaque e ultrapassou o âmbito dos quadrinhos, dando origem a expressão “*Go woke, go broke*” (no Brasil, “Quem lacra, não lucra”) O movimento, que não ficou restrito aos fãs e recebeu apoio de alguns artistas dos quadrinhos, culpou a diversidade e representatividade pela queda nas vendas, alegando que a contratação de mulheres e pessoas de diversas etnias deixava de lado a qualidade dos autores para privilegiar uma agenda política. Axel Alonso defendeu-se na Convenção de quadrinhos de Nova York dizendo que estava longe de ser um guerreiro da justiça social (*social justice warrior*¹⁷). (Baker-Whitelaw, 2016) Ainda que envolvidos e apoiadores do *Comicsgate* cite o Homem-Aranha Miles Morales e a Ms. Marvel Kamala como exemplos da diversidade feita de forma correta, as autoras Monica Fligel e Judith Legatt (2021) encontram problemas com esse argumento: “Essa caracterização sugere que intervenções políticas mais diretas, uma crítica aberta a políticas estadunidenses, desafios as normas excludentes do universo Marvel e a promoção de personagens que não são tão acessíveis ao público tradicional são politicamente e artisticamente questionáveis” (p. 87, tradução nossa)¹⁸.

¹⁷Termo pejorativo utilizado para pessoas que expressam e defendem excessivamente ideias progressistas ou de esquerda, geralmente relacionadas a marcadores de gênero, raça e orientação sexual.

¹⁸No original: Such a characterization suggests that more direct political interventions, open critique of American policy, challenges to exclusionary norms of the Marvel universe, and the promotion of characters who are not as easily accessible to a mainstream audience are politically and artistically questionable.

Além disso, ignoram que Miles sofreu uma resistência inicial porque leitores acreditavam que este iria tomar o lugar de Peter Parker. Sobre a reação dos fãs e o *Comicsgate*, Flagel e Legatt (2021) afirmam que

O *Comicsgate* e suas consequências demonstraram que os fãs acreditam que eles podem influenciar a direção que as histórias nos quadrinhos irão tomar, ou abertamente, através de reclamações, ou secretamente, ao não comprar determinados títulos. A ideia da pressão dos fãs está no interior tanto da campanha “quem lacra não lucra” e de campanhas opostas pedindo para que a Marvel aumente a diversidade em suas histórias e equipes criativas. Essas batalhas sobre o que o passado da Marvel significa e o que seu futuro deveria ser são, em última análise, batalhas sobre nosso mundo, nossa política, nosso passado e nosso futuro porque o traço particular da Marvel enquanto arte corporativa é ser bem adequado para uso como substituto no debate político e social contemporâneo. (FLAGEL; LEGATT, 2021, p. 53, tradução nossa)¹⁹

Outro exemplo de que os fãs acreditam que podem influenciar o destino das publicações foram os ataques ao autor Nick Spencer, marcado por petições, *hashtags* e ameaças de boicote utilizadas nas redes sociais contra o Capitão América da HIDRA (SCHIACH, 2017). Boicotes também foram sugeridos pelos fãs quando estes descobriram a doação de Ike Perlmutter para o fundo de veteranos de Donald Trump em um evento de caridade organizado em 2016 e que teve o ex-presidente como anfitrião. G. Willow Wilson, escritora de *Ms. Marvel*, argumentou que o boicote não atingiria Perlmutter diretamente, mas sim autores, e poderia culminar em títulos cancelados, mas reconheceu que esta forma de protesto era o meio mais efetivo de que as demandas fossem ouvidas. A autora também mencionou que *Ms. Marvel* saiu no período em que Ike estava à frente da empresa e que o desejo de Trump era de que muçulmanos fossem impedidos de entrar nos EUA. No ano de 2019, a Marvel ameaçou não publicar o ensaio de Art Spiegelman, autor da história em quadrinhos *Maus*, que lhe rendeu o prêmio Pulitzer de 1992, caso o trecho em que ele comparou o tradicional vilão do Capitão América, Caveira Vermelha, com Donald Trump não fosse retirado, justificando que a editora queria manter uma posição apolítica. Em 2021, a Marvel cancelou a minissérie *Luke Cage: City of fire*, alegando que queria

¹⁹No original: Comicsgate and its aftermath have demonstrated that fans believe they can influence the direction comics storylines will take, either overtly, through complaints, or covertly, through simply not purchasing certain titles. The idea of fan pressure is at the heart of both the “Get Woke, Go Broke” campaign and the opposing campaigns for Marvel to increase the diversity of its storylines and of its creative pools. These battles about what past of Marvel means and what its future should look like are, ultimately, battles about our world and our politics, our past and our future, because Marvel’s particular brand of corporate art is well suited for use as surrogates in contemporary social and political debate”.

proteger o autor de ataques de “loucos de direita”, mesmo com este afirmando que teria como se defender e apoiando o lançamento. Na trama, Cage seria contratado pela mãe de um homem negro assassinado para proteger o policial que matou seu filho (BARNHARDT, 2023). No mesmo ano, o artista brasileiro Joe Bennett foi desligado da empresa por conta de diversas polêmicas que esteve envolvido, entre elas risadas sobre comentários transfóbicos, arte com conotação antissemita em um título da Marvel e outra do ex-presidente Jair Bolsonaro massacrando opositores, retratados como ratos.

O casamento entre Estrela Polar e Kyle Jinadu foi o primeiro entre personagens homossexuais nas páginas da Marvel e, em 2020, Wiccano e Hulkling foram protagonistas de outro casamento nos quadrinhos. Em 2021, nas páginas de *Os Estados Unidos do Capitão América (United States of Captain America)*, diversas versões do Capitão, que atuam em diferentes estados, foram apresentadas: Aaron Fischer, o Capitão América das ferrovias que é gay e luta pelos sem teto; Nichelle Wright, uma jovem negra que abandona a carreira de ginasta para virar ativista e defender sua comunidade; Joe Gomez, um indígena da tribo *Kickapoo* que batalha para defender sua reserva, entre outros, mostraram que a Marvel continuou investindo na diversidade nos seus títulos, mas esbarrou em velhos problemas: em 11 anos de existência nos quadrinhos, o personagem Miles Morales nunca foi escrito por um negro ou por um afro-latino e a edição *What if...Miles Morales became Thor?* foi recebida com diversas críticas sobre sua linguagem estereotipada e de sua visão de negritude como rígida e homogênea (NEWBY, 2022). Entendemos que os quadrinhos fazem parte da cultura de mídia:

Há uma cultura veiculada pela mídia cujas imagens, sons e espetáculos ajudam a urdir o tecido da vida cotidiana dominando o tempo de lazer, modelando opiniões políticas e comportamentos sociais, e fornecendo o material com que as pessoas forjam sua identidade. Trata-se de uma cultura da imagem, que explora a visão e a audição. Os vários meios de comunicação – rádio, cinema, televisão, música e imprensa como revistas, jornais e histórias em quadrinhos – privilegiam ora os meios visuais, ora os auditivos, ou então misturam os dois sentidos, jogando com uma vasta gama de emoções, sentidos e ideias. A cultura de mídia é industrial; organiza-se com base no modelo de produção em massa e é produzida para a massa de acordo com tipos (gêneros) segundo fórmulas, códigos e normas convencionais. É, portanto, uma fórmula de cultura comercial e seus produtos são mercadorias que tentam atrair o lucro privado produzido por empresas gigantescas que estão interessadas na acumulação de capital. (KELLNER, 2001, p. 09)

Apesar de serem publicados por editoras que pertencem a grandes

conglomerados, tais como o grupo Disney, no caso da Marvel, trata-se de obras que são produzidos por indivíduos que ocupam e têm um olhar próprio sobre o mundo. Esse olhar não é unânime na sociedade, o que provoca tensionamentos: “Afirmamos que a cultura da mídia é um terreno de disputa no qual grupos sociais importantes e ideologias políticas rivais lutam pelo domínio, e que os indivíduos vivenciam essas lutas por meio de imagens, discursos, mitos e espetáculos veiculados pela mídia” (KELLNER, 2001, pp.10-11).

Hunter (1991) entende que os Estados Unidos estariam no meio de uma *guerra cultural* que afeta não só as políticas públicas, mas também a vida ordinária dos estadunidenses. As diferenças pessoais que alimentam seriam profundas - talvez irreconciliáveis - e o modo como essas diferenças são apresentadas para o público estariam agravando-as e intensificando-as. Os principais campos em disputa seriam a família, a educação, a mídia e as artes, a lei e a política, e os embates nessas áreas fazem parte de uma disputa que, em maior escala, envolve o próprio caráter moral da nação.

Ao optar por representar situações cotidianas em suas páginas logo no início de suas atividades, a Marvel acabou trazendo um problema para si: Stan Lee pregou que a editora não tinha um viés político definido, que somente intolerância e guerra não eram permitidas e a editora era um microcosmo do que era os Estados Unidos, abrangendo toda a variedade do espectro político. Com o acirramento do debate político e uma guerra cultural em curso, a editora acabou se vendo obrigada a transportar essas discussões para seus quadrinhos, o que de um ponto de vista mercadológico pode ser ruim, uma vez que, ao tomar uma certa posição, você pode estar desagradando uma gama de leitores que discordam desse posicionamento e podem vir a parar de comprar o seu produto. Por outro lado, a alternativa de ignorar o que está acontecendo pode desagradar a ambos os lados em disputa. Apesar de ter adotado posições liberais/progressistas em suas histórias, como a ideia de irmandade, o multiculturalismo, os direitos civis e o feminismo, essas posições aparecem de maneira muito tímida ou, em alguns casos, rasa e estereotipada, como exemplo a história do Homem-Aranha “*Crise no Campus*”. Tanto o feminismo quanto o movimento negro já figuraram nas publicações de forma negativa, além de uma ampla gama de histórias que abordavam essas temáticas de forma tão genérica que conseguiam agradar tanto a progressistas quanto conservadores. Histórias que apresentavam posições mais contundentes ocorreram principalmente em momentos

de crise nas vendas, sobretudo na época em que os autores tinham mais liberdade perante os editores. Além disso, é preciso destacar a “temperatura” geral da sociedade diante de certas abordagens - o próprio anticomunismo começou a ser retirado progressivamente das publicações graças a uma mudança de percepção dos leitores, e a falta de aparições do Capitão América no Vietnã deu indícios da dificuldade da Marvel em tocar em temas que dividiam a sociedade. Ao procurar estar no meio dos jovens universitários e através das sessões de cartas dos leitores, o editor-chefe Stan Lee via quais eram as demandas, os debates e o que havia de novo entre esse público, de modo que a Marvel então procurava incorporar isso nos seus títulos. Muitas decisões, tais como a criação de personagens negros, feministas e asiáticos, se apresentam muito mais como uma busca por novos segmentos para vender seus títulos do que uma preocupação genuína com a diversidade ou o debate de temas sociais, caindo em estereótipos ou recorrendo a uma representação derivada de um olhar predominantemente branco e masculino - o personagem Pantera Negra, por exemplo, teve seu primeiro escritor regular negro somente em 1998.

Conforme o capitalismo foi se aprofundando na empresa, essas inovações vão se tornando cada vez mais difíceis e as tomadas de decisão da empresa se tornam cada vez mais mercadológicas, como a criação e alteração da personagem Cristal, a minissérie Guerras Secretas e tentativas de abordar temas que estavam na ordem do dia, mas eram envoltos de preconceito, como o homossexualismo, a existência de pessoas HIV positivas causavam rebuliço na empresa ou eram vetados. O esforço feito durante a direção editorial de Alex Alonso para aumentar a pluralidade entre os criadores e títulos, além de evitar a sexualização das super-heroínas, pareceu importante para evitar erros cometidos com personagens no passado, como a então Ms. Marvel e hoje Capitã Marvel Carol Danvers, alcançando sucesso com personagens como Miles Morales e Kamala Khan, porém enfrentando dificuldades com outros, sobretudo com os embates que ocorrem entre consumidores e fãs que, por um lado, culpam a diversidade e a pluralidade pela queda nas vendas e outros que acreditam que a Marvel deve ser mais contundente nesse aspecto.

As passagens de manto entre personagens, bem como as mudanças de formação em equipes, ocorreram várias vezes na história da editora. O problema é que qualquer esforço desse tipo vira objeto de uma queda de braço entre grupos devido à configuração política da sociedade estadunidense do período. Com a Guerra

Cultural, esse controle passa a envolver o aspecto político, querendo que essas publicações se voltem para uma parcela do público. Assim, indivíduos que não aceitam Sam Wilson como Capitão América, ainda reclamam da política figurada neste quadrinho. Para a empresa, essa queda de braço é benéfica, pois dá visibilidade e gera repercussão quanto aos títulos alvos de disputa. Segundo Roman e Lizardi (2018 apud FLAGEL; LEGATT, 2021, p. 95, tradução nossa): “Todas essas táticas de impulso comercial tentavam aumentar as vendas, fomentar excitação entre leitores/espectadores mais diversos, criar um maior reconhecimento da marca para o personagem e dar a empresa uma aura de inclusão progressista”²⁰.

Continuando com o pensamento das autoras, leitores pró-diversidade, no contexto do *Comicsgate*, argumentavam que as revistas dos novos personagens venderam mais que as de seus antecessores enquanto os anti-diversidade pontuam que o “público tradicional” apoiou/apoia a Marvel de um jeito e que os novos fãs não irão fazê-lo, sendo o aumento nas vendas apenas momentâneo. Outra reclamação foi de que lançar novos personagens diminuindo ou matando os antigos não era uma boa estratégia, dando a impressão para os fãs mais antigos de que eles são considerados descartáveis e substituíveis. Ou seja, além da disputa de valores nos quadrinhos, existe também um embate entre leitores/fãs antigos e novos pelo controle do direcionamento de publicações. Nos parece que o objetivo do *Comicsgate* é restaurar o *status quo* que havia nos quadrinhos de super-heróis durante os anos 1990: um olhar predominantemente branco sobre a sociedade, violência e sexualização.

Nossa percepção não difere daquela apresentada por Flagel e Legatt (2021) de que a *Nova Marvel* (no original, “*All new, all different Marvel*”), pela quantidade de títulos lançados, é uma forma da Marvel e da empresa-mãe Disney testarem e compreenderem o mercado, não necessariamente visando lucro imediato em todos os projetos. De um ponto de vista mercadológico, também seria contraproducente a adoção de uma posição anti-imigrante, anti-LGBTQUIA+ e antifeminista, pois isso implica no direcionamento das vendas para um público bem mais restrito em um meio que deixou de ser “de massa” há algum tempo.

Assim, nos parece que a Marvel é uma editora que buscou desde o início se colocar como uma empresa sem viés político definido e que se vende assim até hoje.

²⁰No original: “All of those commercially driven creative tactics attempt to raise revenue, foment excitement amongst a more diverse readership/viewership, create more brand equity for the character, and appear to give the company a progressive aura of inclusion.”

A despeito de pregar a tolerância e adotar um olhar antiguerra, ainda que seus personagens se vejam envolvidos em figurações de diversos conflitos desde a II Guerra Mundial, a Marvel vê o nacionalismo geralmente como positivo e adotou posições liberais/progressistas graças a uma postura tolerante, ao sabor de suas equipes criativas e de oportunidades mercadológicas, o que a levou a abraçar a noção de irmandade dos anos de 1960 e 1970, bem como o multiculturalismo. Isso não impediu que histórias ou personagens que eram, a princípio, críticas fossem apropriados por elementos da direita e da extrema-direita, porque estes enxergam nessas figurações, valores compartilhados. Emprega narrativas sobre a História dos Estados Unidos como o Excepcionalismo estadunidense, o Sonho Americano e estes heróis remetem aos Pais Fundadores da nação. O diferencial da Marvel em fazer comentários, uma crítica de forma velada ou em alguns casos mais explícita, porém feita de forma questionável, sobre debates que estão na ordem do dia no contexto estadunidense, somada ao ambiente de Guerra Cultural, a noção de que o público alvo dos quadrinhos de super-heróis mudou, a rejeição de uma suposta agenda por parte de conservadores estadunidenses, figurações que demonizariam membros desses grupos poderia fomentar as críticas feitas, bem como contribuir para o argumento de que os quadrinhos estão muito políticos ou que são “woke” (ou, no Brasil, de que “têm muita lacração”). Isso poderia ser algo benéfico para a empresa, uma vez que atrai atenção para suas publicações, mas por outro lado pode ter oferecido símbolos a grupos de extrema-direita.

1.2 O cenário político e social dos EUA nos quadrinhos do Capitão América

Sam Wilson/ Falcão é um personagem interessante a ser analisado nesse sentido pois, criado por Gene Colan e Stan Lee em 1969, possui um status de ser “quase um igual” ao Capitão América. Apesar de ser parceiro do Capitão nessas aventuras e ter aparições nos quadrinhos, só em duas oportunidades ele figura dividindo o título (*Capitão América e o Falcão*) das revistas: no período de 1971 a 1978 e de 2004 a 2005. Sam assumiu o escudo pela primeira vez em *Capitão América: Sentinela da Liberdade*, história de 1999 escrita por Mark Waid e desenhada por

Dougie Braithwaite. Flagel e Legatt (2021) salientam também outro aspecto importante:

No universo Marvel, Sam Wilson é continuamente definido por sua raça de um jeito que, enquanto eles as vezes criticam a política racial dos Estados Unidos, eles o limitam; como Fawz observa: “O desejo do Falcão em ser visto como um herói igual ao Cap é apresentado como decorrente de suas inseguranças como um homem preto numa sociedade racista, enquanto a luta do Cap para escapar das estruturas institucionais do poder governamental é enquadrada como uma luta universal para ser um homem livre em qualquer contexto independentemente de raça.” (FLAGEL, LEGATT, 2021, p. 109, tradução nossa)²¹

Além dessa posição universal do Capitão e restrita de Sam Wilson/ Falcão, a série de Rick Remender anterior a *Capitão América: Sam Wilson*, ao tratar do passado do personagem, mostrou que seu pai era um ministro com um sonho e sua mãe era uma organizadora comunitária, estabelecendo uma conexão com dois importantes personagens negros da história dos Estados Unidos: Martin Luther King Jr. e Barack Obama. Com isso, a história de Sam está conectada a dos Direitos Civis nos Estados Unidos. Parece existir um esforço para tornar o personagem bem aceito entre os leitores e para ser visto como digno de utilizar o uniforme do Capitão América:

Mais importante, enquanto Sam lutou contra, literalmente contra supervilões e mais metaforicamente contra “adversidades”, “preconceito e coração partido”, ele o fez sem “amargura” e então é muito o modelo do ativista negro aceitável, que não faz os aliados brancos se sentirem desconfortáveis com sua raiva. (FLAGEL; LEGATT, 2021, p. 113, tradução nossa)²²

O problema, como pontuam Flagel e Legatt (2021), é que essa versão da história de Sam apaga o período dos anos 1970 em que o personagem reagia com amargura em relação ao status de “cidadão de segunda classe” na sociedade estadunidense e lembrava Steve Rogers de seus privilégios por ser branco. A série *Capitão América: Sam Wilson* procurou abordar o personagem de outra forma:

Ao invés de adotar a versão de Sam apresentada por Steve quando ele passou o uniforme, Spencer invoca a fricção no relacionamento entre Sam e

²¹No original: “In the Marvel universe, Sam Wilson is continually defined by his race in ways that, while they often critique racial politics in America, they also limiting; as Fawz observes, “The Falcon’s wish to be seen as Cap’s heroic equal is presented as stemming from his personal insecurities as a black man in a racist society, while Cap’s struggle to escape the institutional structures of government power is framed as the universal struggle to be a free man in any context regardless of race”.

²²No original: “Most importantly, while Sam has fought, both literally against supervillains and more metaphorically against “adversity”, “prejudice and heartbreak”. He has done so without “bitterness” and so is very much the model of the acceptable Black activist, who doesn’t make White allies feel uncomfortable with his anger”.

Steve que se origina de suas diferentes posições num Estados Unidos onde as ideias progressistas de igualdade e justiça não estão disponíveis igualmente para todos. A história feita por Spencer tem um tom raivoso muitas vezes, e conseqüentemente “fora da marca” tanto em relação ao estereótipo do Capitão América como um ícone nacionalista e tanto para os aspectos mais centristas da filosofia progressista da Marvel. (FLAGEL, LEGATT, 2021, pp. 113-114, tradução nossa)²³

Assim, as tensões e as diferenças entre o Capitão América Sam Wilson e o Capitão América Steve Rogers nos parecem importantes porque nos levam a refletir sobre problemas encontrados na sociedade estadunidense.

A saga *Sam Wilson: Capitão América* está situada historicamente entre o início do período da campanha presidencial de 2016 nos Estados Unidos e o primeiro ano de mandato de Donald Trump como presidente estadunidense. O primeiro arco de histórias, que abrange os números 1 ao 6, tem início com o protagonista afirmando o seu amor pelo país, apesar de ter momentos de raiva e frustração. Sam, o ex-Falcão e agora Capitão América, herdou o manto de Steve Rogers, que graças a complicações com o supersoro, acabou envelhecendo e perdendo força, passando a oferecer apoio tático. Sam conseguiu frustrar um plano da HIDRA²⁴ e de Ossos Cruzados²⁵, entregando o vilão para Maria Hill, diretora da SHIELD²⁶. Ali, o herói recebeu a notícia de que não precisava cooperar com a organização ou com o governo dos Estados Unidos, teve a sua credencial de prioridade revogada e tornou-se um agente livre. Por conta disso, ele decide abrir um canal com o público para receber pedidos de ajuda. Uma senhora que veio do México para os Estados Unidos pediu ajuda por conta do desaparecimento de seu neto, Joaquim Torres. Ele atuava como

²³No original: “Rather than adopting the version of Sam presented by Steve when he passed the mantle, Spencer instead invokes the friction in the relationship between Sam and Steve that stems from their different positions in na America where liberal ideas of equality and justice are not available equally to all. Spencer’s story is often angry in tone, and therefore “off brand” both for the stereotype pf Captain America as a nationalist icon and for the centrist aspects of Marvel’s liberal philosophy”.

²⁴ ““Uma cabeça cortada, duas surgem” Esse é o lema da HIDRA, uma organização terrorista global que ameaça o mundo desde o fim da II Guerra Mundial.” (THE MARVEL, 2006, p.139, tradução nossa)

²⁵ “Quando criança, Brock Rumlow idolatrava o Caveira Vermelha. Portanto, não foi nenhuma surpresa que, como mercenário Ossos Cruzados, ele e sua Gangue do Esqueleto tornaram-se empregados regulares do velho confidente de Adolf Hitler.” (THE MARVEL, 2006, p.71, tradução nossa)

²⁶ “Superintendência Humana de Intervenções Estratégicas, Logística e Defesa é uma organização de contra-terrorismo, inteligência, espionagem e mantenedora da paz. SHIELD opera secretamente assim como suas operações militares e trabalha com o governo e suas forças militares ao redor do mundo.” (THE MARVEL, 2006, p. 252, tradução nossa)

samaritano, ajudando pessoas que cruzam a fronteira do México para os Estados Unidos com remédios, comida e água. Ela, por sua vez, acreditava que ele tinha sido levado pelo grupo chamado Filhos da Serpente, uma milícia que atuava aprisionando e agindo com violência contra imigrantes que tentavam fazer essa travessia.

Figura 1 - Falcão e a divisão do país



Fonte: SPENCER, Nick; ACUÑA, Daniel. Capitão América: Sam Wilson, v. 2, 2022, p. 17.

A figura 1 acima é uma continuidade de Sam revisitando o caminho que ele havia percorrido até tornar-se o Capitão América e um Vingador, por isso os quadros recordatórios trazem letras brancas sobre um fundo vermelho. Nesta página ele reflete sobre a divisão que havia nos Estados Unidos e da impossibilidade de união, mesmo diante de antigos inimigos em comum. Há um contraste entre sombra e luz na página,

onde os candidatos no debate e os membros da SHIELD e do governo aparecem em um tom azulado e com sombras que indicam um aspecto negativo, de segredos, ao passo que no quinto e sexto quadros o Capitão América aparece iluminado (no quinto por conta do Capitólio e no sexto pelos flashes, luz e câmaras da imprensa). Podemos notar também que as cores utilizadas na página são as cores da bandeira estadunidense mais a cor preta. O azul é uma cor que simboliza a tristeza e pode indicar esse sentimento por conta da divisão do país. O autor do quadrinho, Nick Spencer, falou sobre o clima de divisão existente no país e acreditamos que isto muito se relaciona com os dois primeiros quadros da figura 1:

Spencer, em uma entrevista, nota que “o que comanda o partidarismo, mesmo numa era com uma profunda desilusão com os partidos políticos” não é “a crença em uma ideia própria, é o medo do outro lado”. Parece que é isso que motiva as pessoas a votar - não “nós vamos corrigir isso” mas ao contrário “nós não podemos deixar o outro time vencer” e ele portanto coloca Sam batalhando contra “toda uma estrutura política que não tem interesse em se juntar”. Em uma divisão tão binária, Spencer sugere, não é permitido cooperação, negociação, ou um debate moderado. As posições ideológicas de Sam e Steve não estão tão distantes, mas cada uma é cooptada pelo lado oposto como um emblema de tudo que outro lado representa. (FLAGEL, LEGATT, 2021, p. 115, tradução nossa)²⁷

Na figura 2 adiante vemos Sam chegando no local onde encontra os Filhos da Serpente²⁸, que o chamam de Capitão Socialismo (por conta do discurso feito na figura 1, cujo conteúdo não chegou a ser revelado nos quadrinhos, mas que gerou uma reação negativa na imprensa). Podemos perceber nessa prancha (ou página) que os quadros não possuem a moldura tradicional, o que dá uma certa ideia de liberdade. Inclusive, um balão de fala no terceiro quadro invade o espaço do segundo quadro. Temos também linhas de movimento no primeiro e segundo quadros, que indicam a velocidade com que o herói estava voando, bem como sua aterrissagem. A configuração da página apresenta a imagem de Sam, herói, no topo, a dos vilões no

²⁷No original: Spencer, in a interview, notes that “what drives partisanship, even in a era of deep disillusionment with political parties” is “not belief in one’s own ideas, it’s the fear of the other side. That’s really what motivates people to vote, it seems – not ‘We’re going to fix this’ but rather, ‘We can’t let the other team win’” and he therefore has Sam’s battle “an entire political structure that really has no interest in coming together”. Such binary division, Spencer suggests, does not allow for cooperation, negotiations, or even nuanced debate. Sam and Steve’s ideological positions are not too far apart, but each is coopted by an opposing side as an emblem of all that side represents.

²⁸“Como a primeira serpente retirou Adão e Eva do Éden, então nós devemos retirar todos os estrangeiros desta terra.” Esse é o mantra dos Filhos da Serpente – uma organização alimentada pelo ódio e patrocinada por alguns homens de negócios abastados. Tendo como alvo não-brancos, imigrantes e os fracos, os Filhos da Serpente se dedicam em fazer dos Estados Unidos uma cidadela da supremacia racial branca.” (THE MARVEL, 2006, p.278, tradução nossa)

pé da página e o confronto verbal entre eles, nos três quadros intermediários. O estereótipo que o líder dos Filhos da Serpente fez referência era dos grupos de vigilantes que patrulham a fronteira dos EUA com o México, geralmente usando picapes. A contradição que foi apontada pelo líder seria de que, como eles, o Sam Wilson passou também a ser um vigilante como os Filhos da Serpente, já que ele perdeu o apoio da SHIELD, organização do governo. Ao agirem para barrar a passagem de imigrantes na fronteira, o grupo acreditava estar seguindo a Constituição estadunidense e que o Capitão Sam estaria contra esta.

Figura 2 - Falcão encontra os Filhos da Serpente



Fonte: SPENCER, Nick; ACUÑA, Daniel. Capitão América: Sam Wilson, 2022, p. 29.

No terceiro e quarto quadros temos um recurso de perspectiva para mostrar que os Filhos da Serpente estão num nível mais alto que Sam, mas parecem também indicar uma posição de superioridade e intimidadora em relação a Sam, já que era somente ele contra muitos. Isto não o impediu de lutar contra o grupo. Steve Rogers chegou ao local com uma equipe da SHIELD ordenando que Sam parasse a ação e acabou sendo atacado pelos Filhos da serpente também, fazendo com que Rogers deixasse Sam agir. Apesar deste e dos agentes da SHIELD conseguirem deter a milícia, um integrante se teletransportou junto com o atravessador dos imigrantes. Posteriormente o Capitão América Sam descobriu um esquema de captura de imigrantes para serem cobaias de experiências genéticas, criando híbridos entre pessoas e animais para vender a indústria de cosméticos. Quem estava por trás desse plano era a Soluções Serpente (*Serpent Solutions*, no original inglês), uma empresa de um grupo de vilões conhecidos como Sociedade da Serpente²⁹. Comentaristas da Fox News, canal de notícias estadunidense de viés conservador, criticaram esta parte da história, pois a consideraram contra os conservadores, reclamaram do uso dos Filhos da Serpente, chamando-os de vilões novos e estranhos, ainda que estes apareçam nos quadrinhos do Capitão desde 1966. Os comentaristas, entre eles Tucker Carlson, fervoroso defensor de Donald Trump, chegaram a simpatizar com os vilões e pediram para que a política fosse deixada de fora dos quadrinhos (LEON, 2015).

Na Figura 3 adiante vemos o *layout* que Postema (2018) chama de inserção/anexação, que “é composto por quadros emoldurados que existem dentro ou sobrepostos aos quadros maiores, de forma que, pelo menos em volta da anexação do quadro, não há sarjetas explícitas” (p. 74). Esse quadro emoldurado serve para dar destaque a expressão do líder do grupo Soluções Serpente, Víbora, e o contorno do desenho do vilão invade o primeiro quadro maior. Uma grande cobra está atrás de Víbora, com as presas à mostra como se estivesse se preparando para um bote, e é justamente quando seus planos vilanescos são declarados abertamente.

Víbora conseguiu aprisionar Sam, que o acusa e faz um discurso profundamente conservador para os seus apoiadores, onde citou o “fazer a América grande novamente”, lema utilizado na primeira campanha presidencial de Donald

²⁹ “Sociedade da Serpente é uma organização criminosa cujo membros fundamentam suas identidades fantasiadas em cobras. Originalmente fundada por Coral, a Sociedade trata o crime como um negócio. “(THE MARVEL, 2006, p.261, tradução nossa)

Trump em 2016, enquanto no último quadro vimos a chegada de Misty Knight no prédio onde aconteceu a cena, com objetivo de salvar o Capitão.

Figura 3 – Sociedade da Serpente e o Fazer a América Grande Novamente



Fonte: SPENCER, Nick; ACUÑA, Daniel. Capitão América: Sam Wilson, v.2, 2022, p. 105.

Por “conservador” entendemos o seguinte:

O conservadorismo é, em primeiro lugar, uma reação contra o liberalismo. Para os libertários, o liberalismo significa um governo federal cada vez maior, associando-se com um estado totalitário, que retira parte da propriedade privada do indivíduo para redistribuição e para manutenção de seu aparato burocrático. [...] Em resumo, na área econômica o conservadorismo é libertário. Valoriza o *laissez faire*, a iniciativa privada e um governo federal com escopo de atuação mínimo. Sua concepção de justiça valoriza uma certa hierarquia: familiar, social e econômica. (VIDAL, 2019, p. 52)

Os homens de Wall Street e grandes empresas possuem uma imagem negativa e inescrupulosa neste arco. Tanto na maneira de fazer negócios, ao se alinharem a *Serpent Solutions*, quanto no confronto entre heróis e vilões, quando a Sociedade da Serpente aparentemente estava ganhando a batalha, um homem aparece na tv falando que apesar da perda de vidas inocentes, recomendava com uma expressão eufórica que comprassem ações da *Serpent Solutions*. Sam Wilson consegue chegar aos financiadores desse empreendimento, mas pouco pode fazer diante da influência que estes possuíam no sistema. Caso estes fossem punidos, o país poderia quebrar financeiramente.

Em *Sam Wilson: Capitão América* números 7 e 8 acompanhamos Sam junto a Bucky Barnes tentando conter a rebelião no presídio de *Pleasant Hill*. Esse projeto secreto da SHIELD utilizava uma entidade manifesta do cubo cósmico, objeto que tem poder de alterar a realidade, para dar novas identidades e memórias aos vilões que ali cumpriam pena. A entidade, que se manifesta na forma de uma criança chamada Kobik, acabou restaurando os poderes e a juventude de Steve.

No novo arco de histórias que compreende *Sam Wilson: Capitão América* 9-13, os poderes de Steve Rogers voltam e crescem manifestações para que Sam Wilson deixe de ser o Capitão América. Frases como “devolva o escudo” e “não é meu Capitão” apareceram em cartazes de manifestantes e um senador do Texas, Tom Herald, clama pela volta de um Capitão que una o povo novamente. É interessante notar que, na época, um dos senadores do Texas era Ted Cruz, conhecido por ser um ferrenho conservador. A campanha “Não é meu Capitão” (no original inglês, “*Not my Captain*”) parece uma alusão ao “Não é meu presidente” (“*Not my presidente*”, em inglês) que tanto Obama quanto Trump viram surgir durante seus mandatos. Mesmo com Rogers dizendo que compartilharia o manto com Sam Wilson os protestos seguem a todo vapor. O mesmo senador do Texas crítico de Sam fez *lobby* para as indústrias Keane, que era dona de um projeto de segurança privada chamado *Americops*, que apesar de oferecer uma suposta queda nos índices de violência, era acusado de uso excessivo de força contra minorias. Apesar de inúmeras reclamações,

nada é feito e o personagem Rage³⁰ decidiu agir contra essa força de segurança. O Capitão América Sam decidiu falar com Rage sobre essas ações e apaziguar o confronto. Acabou atacado pelos *Americops* e revidou. O que apareceu nos noticiários foi a notícia de um suposto ataque do Capitão América às forças de segurança e programas de opinião diziam que Sam Wilson era uma desgraça como Capitão graças ao seu extremismo e sua cruzada ideológica que dividia o povo estadunidense. Num flashback, vemos o Capitão América original soltando o então Falcão Sam Wilson da prisão onde o policial alega que Sam estava roubando um banco, quando na verdade Ardiloso era o criminoso, porém este era branco e Sam é preto. O Capitão diz que aquela situação um dia mudaria. Voltamos ao presente com Sam dizendo que pouco havia mudado: ainda existia divisão, decisões baseadas no medo e na intolerância, políticos oportunistas por trás de iniciativas. John Walker, o Agente Americano foi convocado por esses políticos para tirar o escudo de Sam Wilson. Nesse arco de histórias percebemos temas como o racismo, violência policial contra minorias, manipulação midiática, ligação entre políticos e empresas privadas.

Em *Sam Wilson* números 14 a 17 o atual Capitão encontrou com o Capitão América Steve Rogers, para lidar com a ameaça do Apátrida³¹, que sequestrou vários convidados de um jantar de campanha do senador do Texas, Tom Herald, enquanto este discursava falando sobre as grandes ameaças que os EUA enfrentavam: crime, terrorismo e imigração. Segundo ele, pessoas que não acreditam no Sonho Americano e radicais de esquerda estavam rasgando a constituição estadunidense. Novamente encontramos paralelos com Ted Cruz, principalmente por suas posições favoráveis ao endurecimento nas políticas de imigração, preocupação com o terrorismo e apelo ao Sonho Americano: o site do político traz um pequeno trecho em dizendo que sua família foi abençoada por vivenciar este sonho³². Apátrida, falando com os heróis, afirmou que o mundo estava em crise. Ao expor suas intenções, ele se

³⁰“Elvin Haliday de 12 anos mergulhou no riacho de Newtown para escapar de uma gangue de bandidos racistas. Os produtos químicos na água fizeram com que o corpo do garoto crescesse, quase de um dia para o outro, em um adulto com força sobre humana.” (THE MARVEL, 2006, p.242, tradução nossa)

³¹“Quando seu pai diplomata morreu num distúrbio, Apátrida se empenhou em alvos similares pela paz; entretanto ele optou por perseguí-los por meios violentos. Considerando o nacionalismo como o inimigo da concórdia, ele iniciou uma cruzada terrorista contra símbolos de identidade nacional-embaixadas, bandeiras nacionais e similares.” (THE MARVEL, 2006, p. 99)

³² <<https://www.cruz.senate.gov/about-ted>> Acesso em: 13 ago. 2024.

mostrou preocupado com a ascensão e volta do fascismo propôs uma união de forças com o Steve Rogers e Sam Wilson para deter um inimigo em comum, Tom Herald. Os primeiros quadros da página focam no rosto do personagem enquanto este faz seu discurso. No quarto quadro ele aparece junto ao senador, que está amordaçado, amarrado e cabisbaixo.

Figura 4 – O ataque do Apátrida



No quadro onde os heróis aparecem, eles estão em posição de espera pelo confronto, com seus escudos em punho, o que explica a opção por focar os personagens da cintura para cima e não apenas no rosto deste, o que também contribui para vermos tanto os soldados a mando do Apátrida bem como os convidados do jantar, amordaçados e amarrados. No último quadro, o foco está na bomba que está presa ao senador, com o dedo do vilão se aproximando do botão vermelho do relógio da bomba. O personagem antinacionalista diz que, apesar de senadores como Tom Herald terem poder para fechar fronteiras e devolver refugiados, eles não podem impedir o fluxo de informação e que esta seria uma forma de revidar esses elementos. Seu plano consistia em sete bombas que explodiam no local onde os heróis, os reféns e Apátrida estavam e disparariam sete diferentes efeitos: derrubar a lista de proibições de voo, acabar com as sanções bancárias aos países considerados inimigos dos EUA, liberação pública de dados da vigilância da agência de segurança nacional, descryptografia de códigos de lançamento nuclear - as outras três não são reveladas, pois Rick Jones conseguiu frear o processo.

Em uma tentativa de salvar o senador, que estava na mira da arma do vilão antinacionalista, Sam Wilson arremessou seu escudo, errando o vilão, que atirou em Tom Herald e matou o senador. O papel de Apátrida nessa história é ser uma figuração de uma extrema-esquerda anarquista, antinacionalista e terrorista. A seguir é revelado que este não era o personagem original, mas um modelo de vida artificial e que Steve Rogers estava por trás deste plano, visando atingir a reputação de Sam Wilson. Na TV, o apresentador Harry Hauser, que auxiliava na campanha contra Sam Wilson, recebeu Ariella Conner, uma personagem que guarda alguma inspiração em Ann Coulter, comentarista política, jornalista e advogada conservadora estadunidense (Este trecho da história será analisado no Capítulo 2). Falcão e Rage foram para o campus de uma universidade onde Ariella faria uma palestra. Ela foi atacada por um trio de jovens com bombas que usavam termos como cultura opressora, abusadores, cultura de ódio, culpavam a omissão dos heróis e desejavam matar a palestrante (Figura 5), o que virou motivo de controvérsia:

As tentativas de Spencer em fazer seus leitores pensarem fora dos termos binários de “time”, no entanto, também culminaram alguns avaliadores a criticar a mensagem: Kelly Kanayama reclama no “The Nerdist que os Bombásticos são paródias de estereótipos dos Guerreiros da Justiça Social e, o *youtuber* Graphic Policy descreve a história como “muito contra a esquerda” e a retórica política dos manifestantes do Campus como “uma

versão dos quadrinhos sobre o modo como alguém pensa que a esquerda soa”. Ele vê esse episódio - e outro onde o Apátrida ataca um Senador estadunidense – como indo contra as políticas do resto do título. Certamente, a questão oferece uma mão pesada na representação de um tipo particular de discurso social, como quando um manifestante grita para Sam: Ora, veja, é o Capitão Patriarcado aqui para explicar por que nosso princípio de se voltar contra o ódio não é apropriado. Ao representar o discurso esquerdista de um jeito em que cai no reducionismo de “erros dos dois lados” em questões como racismo e opressão, Spencer pode ser acusado de não querer correr riscos. (FLAGEL, LEGATT, 2021, p. 116, tradução nossa)³³

Além disso, ecoa uma acusação feita por conservadores e que está presente no discurso de Jordan Peterson, de que as universidades são dominadas pela esquerda. A prática dos *espaços seguros* (*safe spaces*, em inglês)³⁴ em faculdades e campus do Reino Unido e dos Estados Unidos era objeto de discussão na época, onde alguns acusavam que a prática feria a liberdade de expressão. Entendemos que existe uma referência a esse debate na Figura 5, quando os Bombásticos entram em ação tentando matar Ariella Conner e os personagens de azul e verde dizem que o campus era um espaço seguro para todos, exceto para Ariella. Espaço seguro, nesse sentido, seria um jogo de palavras que indica tanto um local onde discursos de ódio e xenofobia não seriam tolerados, mas também que não haveria um local na faculdade onde a integridade física da palestrante fosse realmente garantida antes da implementação desses espaços restritos. Apesar da luz pairar acima da cabeça dos personagens, destacando e revelando o grupo, essa luz é fraca, até por se tratar de um auditório, dando um aspecto sombrio para o grupo. Novamente, temos o recurso

³³ No original: “Spencer’s attempt to get his readers to think outside binary “team” terms, however, also leads some reviewers to critique the message. Kelly Kanayama complains on The Nerdist that the Bombshells are “parodies of the ‘Social Justice Warrior’ stereotype”, and YouTuber “Graphic Policy” describes the storyline as “very anti-left” and the political rethoric of the campus protesters as “a comic book version of what someone thinks the left sounds like.” He sees this episode – and another where Flag Smasher attacks a US Senator – as going against the politics of the rest of the title. Certainly, the issue does offer some heavy-handed representation of a particular type of social discourse, such as when one protester yells at Sam: “Oh, look, it’s Captain Patriarchy here to mainsplain why our principled stand against hatred isn’t appropriate”. In representing leftist discourse in ways that play into “fault on both sides” reductionism on issues of racism and oppression, Spencer could be accused of playing it safe”.

³⁴ C. H. Sam (2021) identifica 5 interpretações mais comuns de espaços seguros: como um programa explícito, ambiente para correr riscos, um santuário, balcanização (separação de grupos) e como um silenciador. O uso mais comum seria o Santuário:” Nesse espaço, membros tem a expectativa de serem protegidos de dois danos. O primeiro é o dano físico. (...) O segundo é a expectativa de proteção contra abusos e danos psicológicos” (p.9, tradução nossa) No contexto do quadrinho, a interpretação de silenciador pode ser utilizada:” Protestos recentes contra palestrantes controversos convidados em instituições como Faculdade de Middlebury, Universidade da Califórnia Berkley e mais recentemente a Universidade da Pensilvania são alguns exemplos onde o uso de espaço seguro foi interpretado como um meio de silenciar pessoas com diferentes pontos de vista” (p. 09, tradução nossa).

de inserção/anexação e os personagens estão fora dos limites do quadro, como se estivessem saltando da imagem.

Figura 5 - Bombásticos em ação



Fonte: SPENCER, Nick; RENAUD; Paul. Capitão América, n. 14, 2018, não paginado.

Ariella acabou sendo salva do grupo por Rage e pelo Falcão. Já em Sam Wilson números 18-21, Rage foi preso pelos Americops após frustrar uma ação de vilões e se recusa a aceitar ajuda para sair da prisão pois, não achava justo, já que milhares de afro-americanos sofrem com o preconceito sistêmico nas abordagens, prisões e sentenças. Mesmo com a divulgação das imagens provando sua inocência e a

violência dos Americops, Rage foi condenado e acabou sendo morto na prisão. Numa carta para Misty, Sam Wilson disse que subestimou a raiva do momento, que as pessoas se negaram a ouvir o que ele tinha a dizer por causa de quem ele era, de onde veio e por causa da cor da sua pele e ao final da carta revelou que estava largando o manto de Capitão América. Numa mensagem gravada ao público, ele disse que amava o país, mas não aprovava o que estava acontecendo e não acreditava que poderia fazer a mudança como herói estadunidense. Ele complementou com mensagem para os jovens não perderem a esperança enquanto vemos um garoto, que vai se tornar o super-herói conhecido como Patriota, desenhando seu uniforme com uma revista em quadrinhos do Capitão América e o Falcão na mesa.

Em *Capitão América: Sam Wilson* números 22-25, que já se passa durante o evento *Império Secreto*, descobrimos por que Steve Rogers queria derrubar o agora ex-Capitão América Sam Wilson: Kobik reescreveu as memórias de Steve Rogers fazendo com que este achasse que era um agente da HIDRA. Ocupando o cargo de chefe da SHIELD e diante da ameaça de uma invasão alienígena, Rogers (ou, como é chamado na história, Stevilão) despachou um grupo de heróis para o espaço para lidar com os Chitauri enquanto outros heróis lidavam com forças comandadas pelo Barão Zemo³⁵ na Terra, e Manhattan acabou aprisionada na Dimensão Negra. Revelando sua lealdade à HIDRA, Stevilão ativou um escudo planetário que impedia o retorno dos heróis para a Terra. Com caminho livre, a HIDRA passou a dominar o Mundo, obrigando o registro de inumanos e cedendo um território para que Mutantes pudessem viver juntos. Os poucos heróis que permaneceram ativos foram para Las Vegas formar uma resistência contra o domínio mundial por parte da HIDRA. A cidade foi bombardeada e Rick Jones, executado. Heróis e vilões passaram a buscar os fragmentos do cubo cósmico original, agora espalhado pelo mundo, por razões distintas: heróis buscando reestabelecer a memória de Rogers e vilões buscando utilizar o cubo para desfazer a vitória aliada na II Guerra Mundial.

A premissa do evento *Império Secreto* de mostrar um Capitão América fascista e ligado a HIDRA, organização que por muito tempo foi a representação do Partido Nazista nos quadrinhos do Capitão, inclusive com uma saudação muito semelhante àquela utilizada pelos nazistas ("*Hail HYDRA*"), não caiu bem entre os fãs e foi motivo de um intenso debate que chegou até grandes veículos de mídia. A trama iria contra

³⁵"Helmut Zemo é o filho do Barão Heinrich Zemo, um cientista nazista que projetava superarmas." (THE MARVEL, 2006, p. 29, tradução nossa.)

a origem e a história do personagem, criado por dois judeus (Joe Simon e Jack Kirby) para ser um símbolo daqueles que defendiam a entrada dos Estados Unidos na II Guerra Mundial contra o nazismo. O ambiente nos quadrinhos lembrava bastante o clima que os Estados Unidos viviam no período: descrença no governo e nas organizações governamentais além de uma sociedade profundamente dividida e com atritos entre diferentes grupos. Os paralelos não param por aí:

Também, é difícil ler um enredo de história em quadrinhos sobre cidadãos estadunidenses abraçando a derrubada de seu governo, em grande parte graças ao seu respeito por um líder carismático que promete restaurar um passado perdido e glorioso sem ver uma ligação direta com a política estadunidense e a crítica ao slogan de Donald Trump “fazer a América grande novamente”. (FLAGEL; LEGATT, 2021 p. 125, tradução nossa)³⁶

De acordo com Flagel e Legatt (2021), a Marvel nessa história abandona seu hábito de confiar em visões políticas progressistas de pouco risco, especialmente numa época de divisão e tentativa de agradar os dois lados do espectro político.

As muitas interações do Capitão com o governo estadunidense, portanto, revelam uma relutância super-heroica em agir dentro de fronteiras que necessariamente restringem liberdade individual, uma relutância que é consistente através dos criadores e, seguramente, portanto, alinhada com a “Filosofia Marvel”. Diferentemente de super-heróis vigilantes, como Demolidor e Justiceiro, o Capitão América frequentemente se alinha com a lei e ordem, mas os super-heróis são todos vigilantes em algum grau e o Capitão América não é uma exceção.” (FLAGEL, LEGATT, 2021, p. 129, tradução nossa)³⁷

Budrow (2019) acredita que a história fomentou a extrema-direita estadunidense, que passou a utilizar itens do personagem, como o escudo, em seus protestos:

O enredo de Império Secreto ajudou a criar, em última análise, novos símbolos para o levante de movimentos nacionalistas brancos nos Estados Unidos. À medida que os movimentos nacionalistas cresciam nos Estados Unidos a imagética que eles usavam se adaptou para refletir mais a cultura popular moderna. Memes e outras figuras de fácil reconhecimento ganharam significados ocultos dentro do mundo nacionalista branco, particularmente dentro do movimento Direita Alternativa (*alt-right*) tecnologicamente

³⁶No original: As well, it’s difficult to read a comic book story about American citizens embracing the overthrow of their government in large part because of their respect for a charismatic leader who promises to restore a lost, glorious past, without seeing it as a direct engagement with American politics and critique of Trump’s slogan “Make America Great Again.

³⁷No original: Cap’s many interactions with the American government, therefore, reveal a superheroic reluctance to act within boundaries that are necessarily restrict personal freedom, a reluctance that is consent across creators and arguably, therefore, in line with the “Marvel philosophy”. Unlike, vigilante superheroes such as Daredevil and the Punisher, Captain America does often align himself with law and order, but superheroes are all vigilantes to some extent, and Captain America is no exception to this rule.

avançado. Muitos críticos dos quadrinhos citaram esse fenômeno nos seus comentários sobre Império Secreto, argumentando que momentos, como por exemplo, quando o Capitão HIDRA levanta o martelo do Thor enquanto lutavam contra os outros Vingadores com os dizeres: “Eles eram mais fortes. Eles eram mais poderosos. Naquele momento – eles eram dignos” poderia ser facilmente cooptado pela propaganda nacionalista branca (BUDROW, 2019, p. 16, tradução nossa)³⁸

Flagel e Legatt (2021) também concordam nesse ponto, pois a semelhança do Capitão com o Capitão HIDRA ofereceu para a “direita alternativa”³⁹ um símbolo que poderia ter sido mobilizado, dentro de um contexto de ascensão desta direita alternativa e do fascismo nos Estados Unidos. Basta uma simples procura em sites de busca e podemos encontrar montagens de Trump como o Capitão América. Num vídeo divulgado pelo veículo de comunicação *Vice*, de Charlottesville, local onde supremacistas brancos e grupos antirracismo entraram em confronto em 2017, um manifestante de extrema-direita apareceu utilizando uma camisa do grupo da HIDRA. A campanha de marketing da Marvel para o lançamento do evento ofereceu camisas da HIDRA aos funcionários de *comic shops*, as lojas especializadas em quadrinhos nos Estados Unidos, decorou a apresentação dos seus apps, de alguns sites e da *Marvel Unlimited*, onde os assinantes têm acesso ao acervo digital dos quadrinhos, com temas da HIDRA. Isso causou reações negativas de donos das *comic shops* e de parte do público. Existiu um esforço, como salienta Budrow (2019) em reescrever as origens da HIDRA nessa história, aparecendo como um grupo de desenvolvimento do bairro que contava com a participação da mãe de Steve Rogers e depois revelou-se um grupo maior que tinha como ambição o domínio mundial, porém isso ocorreu durante o evento Império Secreto. O grupo era conhecido por ser, no mínimo, uma

³⁸No original: The Secret Empire storyline has ultimately helped to create new symbols for rising white nationalist movements in the United States. As white nationalist movements grew in the United States, the imagery that they used adapted to reflect more modern popular culture. Memes and other easily recognizable figures adopted hidden meanings within the white nationalist world, particularly within the technologically advanced Alt-Right movement. Many critics of the comics have cited this phenomenon in their commentary of Secret Empire, arguing that moments such as Hydra Cap picking up Thor’s hammer while battling the other Avengers with the caption “They were stronger. They were more powerful. In that moment – they were worthy” could be easily pulled for white nationalist propaganda.

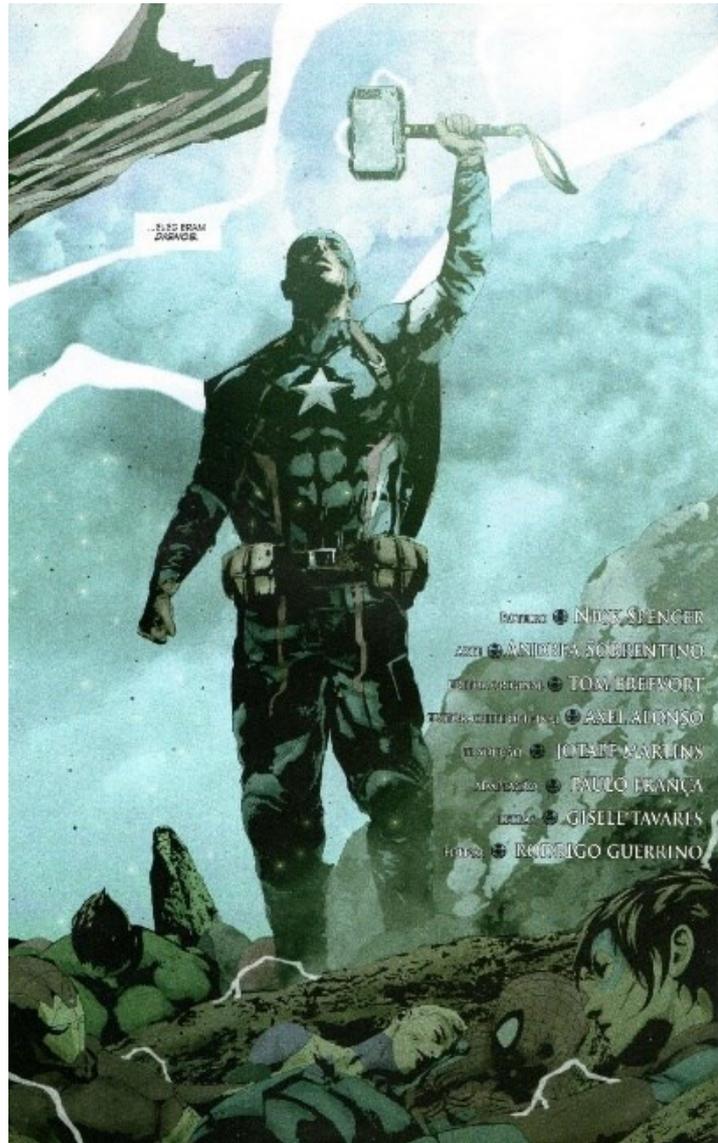
³⁹Gattinara e Pirro (2018) e Lyons (2017) identificam a *alt-right* (termo abreviado para “direita alternativa”) como movimentos sociais organizados livremente mais à direita do espectro político abrangendo diferentes ramificações do nacionalismo branco, incluindo racistas “científicos”, seções do movimento neonazista e apoiadores da ideologia da Nova Direita europeia. Eles rejeitam o conservadorismo convencional, uma política externa agressiva, a liderança moral dos EUA no mundo, a ortodoxia do livre comércio, internacionalismo e multiculturalismo liberal, migração (não branca), feminismo e o politicamente correto. (Heikkilä, 2017) Ao invés, eles abraçam uma mistura de isolacionismo (América primeiro e Fazer a América Grande Novamente) e uma forma de identidade racial branca (VAN DEN BULCK; HYZEN, 2021, p. 44, tradução nossa).

organização terrorista. O próprio autor reafirmou na rede social *Twitter* que Steve não era um nazista. Outro ponto que desagradou muitos leitores foram as semelhanças entre Steve Rogers e sua contraparte maligna, o Stevilão: “(...) porque o Stevilão compartilha as mesmas características de personalidade e muitos dos atributos positivos do Steve Rogers original, Império Secreto sugere que apenas uma pequena mudança no ponto de vista separa o fascismo da democracia, um argumento que normaliza o fascismo tanto quanto critica a democracia” (FLAGEL; LEGATT, 2021, p. 135, tradução nossa)⁴⁰.

O momento do Stevilão/Capitão América da HIDRA erguendo o *Mjolnir*, o martelo do personagem Thor, está presente na figura 6 abaixo e é um quadro que ocupa uma página inteira. Postema (2018) diz que este tipo de *layout* tem relação com a página anterior, que dá o impulso para o leitor virar a página e ver o quadro destacado, que ocupa toda a página, chamando a atenção como obras de arte individuais. Na página anterior temos imagens dos heróis derrotados intercaladas com a preparação do Stevilão para levantar o martelo. Em um gênero marcado por acusações de fascismo, como é o gênero dos super-heróis, marcado por personagens que, na maior parte, são vigilantes que empregam a violência para conseguir seus objetivos e apenas uma distinção moral os separa de fazer o bem ou o mal, uma história com esse tipo de enredo não contribui para a criação de uma imagem mais “positiva” para o gênero, sobretudo por enxergar características positivas em líderes fascistas.

⁴⁰ No original: (...) because Stevil shares the same personality characteristics and many positives attributes of the original Steve Rogers, Secret Empire arguably suggests that only a slight change in viewpoint separates fascism from democracy, an argument that normalizes fascism as much as it critiques democracy.

Figura 6 - Capitão América da HIDRA ergue o *Mjolnir*



Fonte: SPENCER, Nick; ACUÑA, Daniel. Império Secreto, v.1, 2018, p. 48.

O governo estadunidense e o ideal do “Sonho Americano” também são questionados no arco, bem como as democracias do Ocidente, retratadas como sistemas corruptos que empregam violência e manipulam as opiniões – uma crítica muito motivada pela descrença que se abateu depois do 11 de Setembro, da Guerra ao Terror e da crise econômica de 2008. Isso aparece na forma do experimento de *Pleasant Hill*, um presídio para supervilões onde a SHIELD utilizou Kobik para reescrever a memória destes, fazendo-os acreditar que viviam numa pequena cidade dos Estados Unidos e que acaba resultando nos eventos de Império Secreto. Outro ponto destacado por Flagel e Legatt (2021) é o de como nesse evento a tomada do poder dos Estados Unidos por fascistas não pareceu fazer muita diferença para os

mutantes, pois estes já eram perseguidos normalmente e nem para os “de fora”, como o Pantera Negra T'Challa e o povo de *Wakanda*, além de Namor e os atlantes. T'Challa se recusou a dar seu fragmento do cubo cósmico tanto para a HIDRA quanto para o Homem de Ferro, um dos membros da resistência, tratando-os como iguais. Esses pontos são bastante problemáticos porque

O perigo desta crítica é que ela pode sugerir que não há diferença entre a “falsa” democracia esposada pelo governo estadunidense e a honesta representação da paz por meio da força oferecida pelo fascismo e pelo Capitão HIDRA. As representações do evento dos modos extralegais e não democráticos que o governo estadunidense e suas agências operam podem ser legitimamente acusados de normalizarem o fascismo ao encorajar o cinismo com sistemas democráticos. Além disso, o evento parece apresentar o fascismo da HIDRA como uma simples ideologia política no meio das outras. (FLAGEL; LEGATT, 2021, p. 137, tradução nossa)

Apesar desses diversos problemas, o evento também fez críticas importantes principalmente no esforço que o fascismo faz para tentar apagar e reescrever a história, com objetivo de alterar a percepção da população sobre certos eventos e facilitar sua normalização. Destaca também o importante papel da memória, de punição e reparação para evitar que novos arroubos fascistas voltem a acontecer. Outro ponto forte é o modo que pessoas comuns abraçam o fascismo:

Como o Stevilão, os heróis e os estadunidenses que o seguem se comportam por razões compreensíveis, mas ao invés de justificar suas ações, o texto usa as motivações destes para criticar o papel que pessoas comuns na ascensão do fascismo. O evento Império Secreto revela que a nostalgia restauradora e a adoração ao herói estão no coração do consentimento político e explora a disposição dos cidadãos em abandonar princípios democráticos em relação a figuras públicas que nós alçamos como inquestionáveis em suas ações. O texto deixa muito claro que o procedimento é a questão central que separa Estados democráticos, mesmo os mais falhos, dos que são fascistas e a responsabilidade moral e as escolhas éticas não são inteiramente relativas.⁴¹ (FLAGEL, LEGATT, 2021, p. 141, tradução nossa)

A resposta da Marvel para as críticas recebidas logo no início do evento foi de que eles estavam escutando os fãs, pediu para que estes aguardassem o desenrolar da história e afirmou que os valores do Capitão seriam chave para derrotar a HIDRA,

⁴¹ No original: “Like Stevil, the heroes and the americans who follow him behave as they do for understandable reasons, but rather than justifying their actions, the text uses their motivations to critique the role of ordinary people on the rise of fascism. Secret Empire reveals that restorative nostalgia and hero worship are at the heart of political consent, and explores the willingness of citizens to surrender democratic principles to public figures who we cast as unquestionable in their actions. The text makes very clear that agency is still the central issue that separates democratic states, even flawed ones, from fascist ones, and that moral responsibility and ethical choices are not wholly relative.”

além de afirmar que seus heróis lutavam contra a opressão. Axel Alonso, editor chefe da Marvel no período, alegou que foram apenas coincidências com o momento político que viviam os Estados Unidos. O site *Screen Rant*, por exemplo, chegou a examinar a possibilidade de o evento ter sofrido alterações para agradar aos fãs.

A fase posterior a *Império Secreto, Capitão América: Lar dos Valentes*, escrita por Mark Waid e desenhada por Chris Samnee, durante o período Marvel Legado (*Marvel Legacy*) 2017-2018, “produziu um exemplo quase agressivo de nostalgia restauradora” (FLAGEL; LEGATT, 2021, p. 154). A *nostalgia restauradora* aqui citada refere-se ao conceito formulado por Svetlana Boym (2017), que

(...) se caracteriza por duas tramas principais: a restauração das origens e a teoria da conspiração. A visão de mundo conspiratória reflete a nostalgia por uma cosmologia transcendental e uma concepção pré-moderna simples do bem e do mal. Essa visão de mundo se baseia em um enredo transitório único, um confronto maniqueísta entre bem contra o mal e a inevitável expiação do inimigo mítico. A ambivalência, a complexidade da história, a variedade de evidências contraditórias e a especificidade das circunstâncias modernas são assim apagadas, e a história moderna é vista como realização de uma antiga profecia. (BOYM, 2017, p. 160)

Além disso, a nostalgia restauradora “não se percebe como nostalgia, mas antes como verdade e tradição”, “está no cerne do reavivamento nacional e religioso recentes”, e sua retórica “não trata do passado, mas antes de valores universais como família, natureza, pátria, verdade” (p. 159). A *nostalgia restauradora* também estaria inclinada “para a cultura oral e símbolos pictóricos” (p. 161). No caso do Capitão, a nostalgia restauradora se dá através de histórias que colocam o personagem lutando contra supremacistas, se opondo a governos autoritários e inspirando cidadãos.

O protagonista apareceu em um *flashback* lutando contra uma facção supremacista conhecida como Muralha e histórias que culminaram com o Capitão novamente congelado, acordando em 2025 num Estados Unidos distópico, onde a muralha e o Rei Maxmillian Babbington tomaram o poder e onde uma elite governava com luxo. Esse governo autoritário utilizava uma simbologia que remete à União Soviética, com estrelas vermelhas como símbolo, tanto em salas e como em uniformes. O período foi uma grande oportunidade de fugir dos problemas e consequências da fase anterior:

E ainda, se a natureza dos quadrinhos significa apertar o botão de reiniciar muito rápido, é também verdade que a extensa natureza do universo Marvel permite que as repercussões dos eventos permaneçam por anos, até décadas. Além disso, se a propriedade de empresa significa abandonar histórias controversas para agradar alguns fãs, também significa que uma base de fãs dividida pode levar a empresa a voltar aquela história para

agradar outros. A série de Mark Waid pode ter sido um exercício para fazer o Capitão América grande novamente, mas a série do Capitão América de Ta-Nehisi Coates, que começou em 2018, se ocupa diretamente com as consequências de Império Secreto e mostra que o escopo da mudança política mostrada no evento não pode ser colocado de lado facilmente. (FLAGEL; LEGATT, 2021, p.154, tradução nossa)⁴²

Inverno na América, o primeiro arco de histórias do título escrito por Ta-Nehisi Coates, começou com o Capitão América observando um confronto entre manifestantes pró e contra a HIDRA, uma alusão aos Estados Unidos divididos, algo que não é incomum na história estadunidense e permaneceu durante a campanha eleitoral de Donald Trump em 2016, que atacou mulheres, deficientes, imigrantes, mexicanos, muçulmanos e a mídia como um todo.

Na Figura 7, vemos o Capitão observando do alto de um prédio o confronto entre manifestantes pró e contra a HIDRA. Uma imagem que muito simboliza o imaginário do Capitão América: alguém que está acima dos conflitos, das disputas políticas, buscando fazer o que é certo e segundo seus ideais e o Sonho Americano. As cores da bandeira da HIDRA se assemelham muito a bandeira nazista, bem como a indumentária dos manifestantes pró HIDRA se assemelham as utilizadas por supremacistas brancos, geralmente com temas militares. Em um cartaz, podemos ler “A HIDRA estava certa”. Do outro lado vemos a presença de lenços e toucas ninja em integrantes - itens geralmente usados para dificultar a identificação e se proteger de bombas de efeito moral. Nos cartazes vemos apenas “No” (ou “Não”, em português), além de um símbolo contra a HIDRA.

⁴² No original: “And yet, if the nature of comics means hitting the re-set button very quickly, it is also true that the long-running nature of the Marvel universe allows the repercussions of events to play out over years, even decades. In addition, if corporate ownership means abandoning controversial storylines to please some fans, it also means that a divided fanbase can lead the corporation back to that story to please others. Mark Waid’s series might have been an exercise in making Captain America great again, but Ta Nehisi Coates’s run on Captain America, which began in 2018, engages directly with the fallout of Secret Empire and shows that political change of the scope shown in the event cannot be easily set aside.”

Figura 7 - Capitão América observa a divisão do país nos protestos



Fonte: COATES, Ta-Nehisi; YU, L.F. Capitão América, v.1, 2019, não paginado.

Um ataque desferido por soldados clones do personagem Bazuca⁴³ acontece e o Capitão é forçado a agir. Após o herói subjugar os soldados, o General Thaddeus Ross aparece no local à mando da presidência para investigar o ocorrido, recrutando a Agente 13, Sharon Carter, para ajudar. O Capitão é dispensado e, questionado se isto se deu por conta do uso do rosto do Capitão pela HIDRA, Ross justifica dizendo que as aparências pesam. O ataque foi desferido por um grupo de supersoldados terroristas usando a bandeira estadunidense e o Capitão América também é um supersoldado que utiliza a bandeira como uniforme.

⁴³“Um veterano da Guerra do Vietnã, Frank Simpson teve seus traumas do campo de batalha utilizados como arma quando ele sofreu lavagem cerebral para tornar-se uma máquina de matar selvagem e estúpida. Simpson recebeu um apelido apropriado dada sua presença destrutiva e mortal: Bazuca.” (MARVEL. *Nuke Frank Simpson*. Disponível em: <<https://www.marvel.com/characters/nuke-frank-simpson>> Acesso em:10/07/2024.)

Figura 8 – Estados Unidos russo



Fonte: COATES, Ta-Nehisi; YU, L.F. Capitão América, v.3, 2019, não paginado.

A Figura 8 acima conta com a presença de diversos quadros; alguns deles bem aproximados dos rostos das personagens, recurso que dá destaque para as expressões de Alexa Lukin e de Sharon Carter⁴⁴, personagem que acabou aprisionada. Uma das vilãs da história, Alexa, comparou os Estados Unidos com a Rússia e tinha a ideia de que os estadunidenses tinham perdido sua força e que alguém deveria resgatar o país para sua posição de primazia no Mundo. (Figura 8) Essa comparação pode ser entendida em termos de enredo se consideramos que os

⁴⁴“Aspirando ser como sua tia-avó Peggy, Sharon Carter se tornou uma agente secreta da SHIELD. Possuindo um forte guia moral, ela leva em conta seus instintos ainda que isto signifique trair a organização para quem trabalha.” (MARVEL. *Sharon Carter*. Disponível em: <<https://www.marvel.com/characters/sharon-carter>> Acesso em: 10/07/2024.)

esquecidos, como ela chama, são as pessoas que melhoraram de vida durante o período da HIDRA no poder, grupo que havia sido esquecido pelo governo estadunidense e público-alvo da Elite do Poder. O plano de trazer de volta a vida Aleksander Lukin, seu marido e que tinha a consciência do Caveira Vermelha⁴⁵ presa na sua mente para liderá-los sugere que a os Estados Unidos russo seria um país que ansiava por um líder, como o Stevilão foi. Não é novidade a Rússia aparecer como exemplo de antidemocracia nos quadrinhos, sobretudo fazendo alusão ao passado como URSS. É possível encontrar paralelos dessa ideia com as de Donald Trump:

O problema com estas elites dentro do movimento populista de Trump seria de gestão, faltaria aos EUA um boss, um godfather, como ele próprio que se diz capaz de discernir o bem do mal, o “nós” (estadunidenses) “deles” (outros) e que, sem descanso iria trabalhar para os americanos (brancos de classe média) expelindo dos EUA os parasitas, os preguiçosos, incompetentes, anti-patriotas todos aqueles seja da elite ou não que são viciados, trapaceiros e não confiáveis. (FINGUERUT, 2018, p. 105)

A eleição que levou Trump à presidência dos Estados Unidos também foi marcada por acusações de que a Rússia tinha influenciado o processo eleitoral de diversas formas, desde o uso de robôs em redes sociais para espalhar desinformação, divisão e impulsionar grupos políticos radicais até o emprego de *hackers* para vazar documentos e prejudicar a candidata democrata Hillary Clinton. O relatório Mueller, que investigou a interferência russa nas eleições estadunidenses de 2016, apesar de confirmá-la, não encontrou evidências de que a campanha de Trump conspirou ou colaborou com o governo russo, ainda que tenha se beneficiado.

O plano de Alexa era um pacto entre defesa, ciência, comércio e Deus: a Elite do poder, que unia vilões que conseguiram prestígio no governo estadunidense porque lutarem contra a HIDRA. Por exemplo, Wilson Fisk, o Rei do Crime, ganhou muito apoio por oferecer proteção aos cidadãos durante o período e se tornou prefeito de Nova York. Alexa visava justamente destruir o Capitão América, matando não só o sonho (americano), como a visão e ideia, destruindo sua reputação. Vejamos como isso se aproxima da realidade estadunidense do período:

⁴⁵ O órfão Schmidt se tornou um mendigo e um ladrão. No entanto, algumas vezes ele conseguia trabalhos subalternos. Shmidt estava trabalhando como mensageiro de hotel quando Adolf Hitler, ditador da Alemanha Nazista fez uma visita ao local. Reconhecendo nos olhos de Schmidt o ódio por toda humanidade, Hitler decidiu transformá-lo no nazista perfeito. Hitler acompanhou o treino de Schmidt e presenteou com uma máscara em forma de caveira, nomeando-o de Caveira Vermelha. (THE MARVEL, 2006, p.245, tradução nossa.)

Trump se aproxima de Buchanan ao enfatizar o sentimento de anti-esperança. Trata-se de uma ideia que manipula o medo frente a mudanças, seja mudanças culturais (como da contracultura dos anos de 1960), mudanças políticas, (como o fim da Guerra Fria), mudanças sociais (como o multiculturalismo) ou mudanças demográficas (como a ascensão dos millenials). Todas estas mudanças podem ser resumidas na ideia do colapso do Sonho Americano. Este colapso seria culpa das elites, do *mainstream* intelectual, político, cultural, burocrático, político e econômico. (FINGUERUT, 2018, p. 105)

A personagem foi até o Canal Fatos tentando coagir a emissora de divulgar uma história dizendo que Steve Rogers era o comandante supremo da HIDRA (Figura 9).

Figura 9 – Canal Fatos e Fake News



Fonte: COATES, Ta-Nehisi; KUBERT, Adam. Capitão América, v. 6, 2019, p. 01.

Identificamos uma prancha com seis quadros, com molduras definidas, a presença das sarjetas e, apesar do primeiro quadro mostrar o local onde ocorre o encontro, o foco está na expressão dos personagens durante a “negociação”. Ocorre na prancha algo que Postema (2018) chama de movimento pra frente e para trás do

leitor: é necessário ler o quadro seguinte antes que se retorne e preencha a lacuna do que aconteceu entre o quadro anterior e o próximo.” (p.100) Apesar do indivíduo ter negado, afirmando que não poderia publicar histórias baseadas em teorias conspiratórias, acabou cedendo por conta da ameaça de Alexa. Temos aqui uma alusão às *fake news* e aos ataques de Trump à imprensa.

Graças a um crime forjado para incriminá-lo, o Capitão acabou como o principal suspeito da morte do General Ross, se entregou voluntariamente e foi parar numa prisão privatizada, liderada por Barão Von Strucker, inimigo clássico do Capitão e membro da Elite do Poder. Lá, liderou um motim de presos e foi resgatado por um grupo de heroínas, as filhas da Liberdade, que numa reunião com Steve, revelam ser mais antigas que os Estados Unidos e terem visto a concepção do “Sonho Americano”. Este termo foi cunhado por James Truslow Adams na obra *O Épico da América* (1931). Segundo o autor,

(...) houve também o Sonho Americano, aquele sonho de uma terra onde a vida deve ser melhor, mais rica e completa para qualquer homem, com oportunidade para cada um de acordo com sua habilidade ou conquista. É um sonho difícil para as classes altas europeias interpretarem adequadamente, e muitos de nós crescemos cansados e desconfiados dele. Não é um sonho meramente de carros e altos salários, mas um sonho de uma ordem social onde cada homem e cada mulher pode ser capaz de atingir no mais alto grau o que eles são inatamente capazes, e serem reconhecidos pelos outros pelo que eles são, independentemente de circunstâncias fortuitas como nascimento ou posição. (ADAMS, 1931, p. 404, tradução nossa)⁴⁶

Apesar da expressão com este sentido ter aparecido em 1931, muitos sustentam que ele paira no ar desde a ida dos primeiros peregrinos ingleses para o território estadunidense. Guerra (2016) diz que, de acordo com o historiador Jim Cullen, existiriam seis tipos de Sonho Americano e cada um estaria conectado a uma época específica. Diferentemente desse pensamento, acreditamos que o ideal do Sonho está bem sintetizado na definição de Truslow Adams e o que mudaria seria a forma de como esse Sonho é mobilizado em diferentes épocas.

⁴⁶ No original “(...) there has been also the American dream, that dream of a land in which life should be better and richer and fuller for every man, with opportunity for each according to his ability or achievement. It is difficult dream for the European upper classes to interpret adequately, and too many of us ourselves have grown weary and mistrustful of it. It is not a dream of motor cars and high wages merely, but a dream of a social order in which each man and each woman shall be able to attain to the fullest stature of which they are innately capable, and be recognized by others for what they are, regardless of the fortuitous circumstances of birth or position.”

Na Figura 10 temos Sharon Carter, que estava à frente do grupo naquele momento, frisando a eternidade do Sonho e que ele é mais antigo que o herói estadunidense. A luz refletida no escudo ilumina o rosto de Steve, o que nos leva a interpretar que os ideais que o escudo representa (vida, liberdade e busca da felicidade) se refletem no *alter ego* do Capitão. Com a necessidade de recuperar a confiança da população, que viu as ações do herói no motim e foi bombardeada com notícias de que Steve Rogers era o comandante HIDRA Supremo, ele abandonou o uniforme de Capitão América e passa a agir como Steve Rogers, sem utilizar máscara.

Figura 10 - Capitão, Sharon Carter e o Sonho Americano



Fonte: COATES, Ta-Nehisi; KUBERT, Adam. Capitão América, v. 7, 2019, não paginado.

Figura 11 - Capitão falando frases de Ann Coulter



Fonte: COATES, Ta-Nehisi; SEELEY Tim; MASTERS, Jason; IZAAKSE, Sean; WALKER, Niko.

Capitão América, v. 8, 2020, não paginado.

A fase “A lenda de Steve” começou mostrando que Cães de Guarda, uma milícia local, estava agindo contra imigrantes ilegais. A Figura 11 acima ilustra bem a dificuldade do Capitão em se adequar aos novos tempos e explicita uma certa incoerência: necessitando agir para limpar sua reputação manchada, ainda assim ele mostrou-se relutante graças ao status ilegal dos imigrantes e foi lembrado pela Tigresa Branca⁴⁷ que ele era um fora da lei e de maneira muito mais grave.

A prancha contém nove quadros e foca nos personagens da cintura para cima ou apenas no rosto, com destaque para as expressões faciais ou corporais de discordância, argumentação e de acatar algo que não deseja fazer ou de difícil decisão, demonstrando a dinâmica da sequência do diálogo. Esta prancha inclusive foi motivo de controvérsia na rede social *Reddit*, onde um usuário apontou que Steve Rogers estava soando como Ann Coulter. Alguns usuários apontaram que o Capitão estava fora do personagem, acusam Coates de escrever um roteiro ruim, outros lembraram da fase de Spencer, em que o Capitão prendeu Sam por ajudar imigrantes na fronteira, outro pontua que o personagem reconhece que estava errado depois. Um comentário interessante do usuário TheLAriver, também na rede social *Reddit* argumenta que o Capitão não estava sendo colocado como de extrema-direita, mas sim que ele é um ideólogo obrigado a lidar com um mundo que possui áreas cinzentas, além de fazer um contraste entre os ideais estadunidenses e a política estadunidense.

Uma onda de assassinatos de policiais novatos começou a assolar Nova York e um homem conhecido como Flagelo⁴⁸ parecia ser o autor dos crimes. Logo após, o prefeito de Nova York, Wilson Fisk, também chamado de Rei do Crime e membro da Elite do Poder sofreu um atentado após uma discussão com Alexa. Rogers seguiu na sua investigação para saber mais sobre o Flagelo e foi visitar a família de Angel Larimore, um dos primeiros policiais a morrer. Ali acabou descobrindo que havia uma guerra entre policiais novos e antigos em curso e que Flagelo não tinha matado Larimore, mas sim outros policiais que tiraram a vida deste graças a descoberta de que o prefeito Wilson Fisk, com a colaboração de Alexa Lukin, havia infiltrado agentes dos Cães de Guarda na polícia para garantir sua autoridade e realizar atividades

⁴⁷“Ava Ayala se tornou um avatar do Deus Tigre Branco e adquiriu poderes incríveis, mas ela eventualmente conseguiu se livrar da sua influência para forjar seu próprio caminho como heroína.” (MARVEL. *White Tiger Ava Ayala*. Disponível em: < <https://www.marvel.com/characters/white-tiger-ava-ayala/in-comics>> Acesso em: 11 de jul. 2024.

⁴⁸ “Conhecidos como Flagelo do Submundo, Flagelos eram determinados a se livrarem do mundo do crime.” (THE MARVEL, 2006, p.259, tradução nossa)

ilícitas após os eventos da minissérie *Império Secreto*. Durante a visita eles foram atacados por outros Cães de Guarda e o irmão de Angel Larimore, Tony, acabou morto. A cidade entrou em caos, com populares, (que não sabiam da guerra entre policiais, nem que o Flagelo estava matando aqueles ligados aos Cães de Guarda) fazendo protestos, atacando ex-detentos e Rogers quem foi apaziguar os ânimos. Depois de uma investigação, o justiceiro Flagelo foi identificado como Antony Diaz, um ex-militar e marido de Alyssa Larimore. Policiais afirmaram que Flagelo estava numa casa próxima e Rogers foi confrontá-lo, onde o justiceiro acabou morrendo acidentalmente ao entrar na linha de disparo de uma torreta. Esse arco acabou com a visita do Agente Americano⁴⁹ a Alyssa Larimore onde disse que o governo matou o irmão dela para acobertar os crimes que o próprio governo cometia. Ele diz a Alyssa que ninguém era mais leal ao governo que ele, mas que sabia o que fazer agora enquanto ela olhava para a máscara do Flagelo.

A personagem Agatha Harkness, uma bruxa que se utiliza de poderes mágicos, fez um passeio pela História com Steve para mostrar a origem das Filha da Liberdade, organização predecessora das Filhas da Luz, um grupo de mulheres com “ideias libertárias, de liberdade de sentimento e expressão” (COATES, 2020 p. 7). A líder do grupo era conhecida como Dríade e diversas mulheres ocuparam este posto. A grande revelação é que a Dríade naquele momento, Peggy Carter, agente secreta e interesse amoroso de Steve Rogers no período da II Guerra Mundial, tinha sido trazida de volta a vida. Neste exercício de conhecer o passado, Steve descobre que Alexa Lukin foi quem treinou Peggy para ser uma agente. Peggy contou para Steve que o plano de Alexa era se vingar de Sharon Carter, que originalmente havia matado Aleksander Lukin e faria isto por meio de um encantamento, que retirou parte da alma de Sharon. Este encantamento deu origem a um artefato mágico, uma pedra chamada água-marinha de sangue. O objetivo era destruir esse objeto, restaurar a alma de Sharon e o país. No início do arco “Todos morrem jovens”, vimos o experimento que estava sendo feito no município de *Adamsville*, em Ohio, meio-oeste dos Estados Unidos,

⁴⁹ O irmão mais velho de Walker foi um soldado que morreu na Guerra do Vietnã e Walker se juntou as Forças Armadas para honrar sua memória. Após completar seu serviço, ele ouviu que o Mercador do Poder tinha desenvolvido um processo que dava força sobre-humana a pessoas normais. Walker devidamente se tornou o Superpatriota. Quando a Comissão de Atividades Super-Humanas forçou Steve Rogers a desistir de ser o Capitão América, ela indicou Walker em seu lugar. Rogers recuperou o manto mais tarde e Walker se tornou o Agente Americano. (THE MARVEL, 2006, p. 313)

comandado pela vigário Selene Gallio⁵⁰: ali era oferecido trabalho pesado na agricultura, reabilitação de pessoas através da religião. Em troca, era exigido o recrutamento de novos habitantes.

Na Figura 12, os personagens estão vendo uma reportagem na TV no primeiro quadro. No segundo e terceiro quadros o desenho emula uma imagem de TV e nos últimos três quadros o foco está nas expressões do entrevistado, de surpresa, raiva e desesperança. Mais um exemplo dessa nostalgia restauradora: na reportagem sobre o local administrado por Selene, o entrevistado lembra do pai exibindo um forte sentimento de nostalgia, onde o trabalho pesado reafirmava a masculinidade e moldava o caráter. Ao citar os videogames, mostra uma rejeição as novas formas de entretenimento (e também de trabalho, em alguns casos), atribui a culpa às novas gerações que, ao não cumprir papéis que eram tidos como do homem, como a proteção das mulheres, é vista como frouxa. A solução seria restaurar a dureza do trabalho, que formava o caráter e a masculinidade. O repórter inclusive fala em revolução e os chama de campeões.

⁵⁰ “Uma das mutantes mais velhas que se tem conhecimento, Selene também é uma poderosa feiticeira. Drena força vital dos outros; poderes telecinéticos, força e velocidade sobre-humanas.” (THE MARVEL, 2006, p.97, tradução nossa)

Figura 12 - Geração frouxa



Fonte: COATES, Ta-Nehisi; QUINN, Bob. Os Vingadores, v. 23, 2021, não paginado.

Novamente a restauração e a nostalgia aparecem - agora na pregação de Selene, como uma resposta diante de um Estados Unidos que estava corrompido, “caído”, graças aos valores deteriorados da sociedade, mostrando grande descontentamento com as mulheres (Figura 13). Os três homens no segundo quadro são Bucky Barnes⁵¹, Steve Rogers e Sam Wilson, infiltrados na igreja. Terceiro quadro mostra a expressão de desagrado e certa tristeza de Selene ao passo que o quarto, um olhar de esperança, mirando para o futuro. O quinto encerra com a aprovação da audiência ao discurso. Religião, a moralidade e o trabalho duro fariam os Estados Unidos grande novamente, uma alusão ao slogan de campanha do ex-presidente Donald Trump. Segundo Dias de Souza (2018), na eleição presidencial de 2016, Trump conseguiu 81% de votos entre evangélicos brancos, superando a porcentagem de candidatos republicanos em outras eleições. A indicação de Mike Pence, um evangélico conservador, como o seu vice, contribuiu para que lideranças evangélicas e membros da direita religiosa apoiassem a sua campanha. Ao adotar pontos importantes para esse setor como a nomeação de juízes pró-vida para a Suprema Corte estadunidense, medidas antiaborto e colocar-se contra o casamento homossexual a aliança estava selada, ainda que tenha provocado cisão no meio evangélico, já que outras lideranças se colocaram contra a campanha, principalmente os evangélicos mais jovens, tolerantes e não brancos.

⁵¹“O órfão James Buchanan Barnes era uma mascote para os soldados do Campo Lehigh, na Virgínia, onde o Steve Rogers estava lotado. Após descobrir que Steve era o Capitão América, Barnes começou a ajudá-lo em suas missões e tornou-se seu parceiro oficial. (THE MARVEL, 2006, p.28, tradução nossa) Após ser dado como morto, o Capitão descobriu que Bucky estava vivo, tinha sofrido lavagem cerebral e virou um agente secreto da União Soviética no período da Guerra Fria, com o codinome de Soldado Invernal. Graças aos esforços do Capitão, ele conseguiu lembrar quem ele tinha sido.

Figura 13 – Selene prega para os fiéis



Fonte: COATES, Ta-Nehisi; QUINN, Bob. Os Vingadores, v.24, 2021, não paginado.

Steve Rogers, Sam Wilson e Bucky Barnes vão para trabalhar no local infiltrados e descobriram o que ocorria: Selene, de posse da pedra água-marinha de sangue, a mesma que continha a alma de Sharon, consumia a alma daqueles que não cumpriam sua cota de recrutamento. Ao entrarem em combate com Selene e os habitantes da cidade, controlados por ela, Sam, Steve e Bucky foram salvos por Sharon Carter, que consegue subjugar Selene, revelando que esta necessitava das almas para restaurar suas forças e utilizava a água-marinha de sangue com esperança de que, criando um outro artefato, sua fome de almas fosse saciada. Nesta fase também foi revelada a rede que existia entre Cães de Guarda e Madripoor, cidade ficcional que tem um alta atividade criminosa: a captura de imigrantes ilegais que eram vendidos como escravos em leilões no local.

Assim que o objeto foi destruído, Sharon Carter rejuvenesceu. Atormentado pelo Caveira Vermelha, que vivia em sua mente, Aleksander Lukin tem lampejos de

ações que teve quando estava possuído pelo Caveira e é convencido por Alexa a abraçar este lado. O Capitão conseguiu ser inocentado por seus crimes e, enquanto dirigia na companhia de Sharon, Steve está no carro ouvindo a rádio Verdade, que além de incitar o público contra ele, convocou uma manifestação para o Central Park. Disfarçados, os dois heróis se misturam na multidão, onde podemos observar pessoas com bandeiras estadunidenses pintadas no rosto e máscaras do Caveira Vermelha, que se tornou um influenciador digital e um palestrante. Na Figura 14 temos Alexander Lukin/ Caveira falando com sua filha Sinthea/Pecado⁵² que o mundo mudou e sobre os erros que cometeu, pois era apenas um homem que utilizava a máscara do vilão como uma ferramenta. As imagens dos personagens são intercaladas com quadros mostrando a cobertura das manifestações pelo Canal Verdade onde podemos ver manifestantes com os rostos pintados com a bandeira dos Estados Unidos, lembrando muito o personagem Bazuca e os Cães de Guarda, que possuem máscaras parecidas com a bandeira confederada, armando uma bomba. A ideia de que a mídia é mentirosa e esconde as verdades do público não é nova. Alex Jones, um comunicador estadunidense, já difundia teorias da conspiração no rádio desde muito antes do 11 de Setembro e contribuíram para a ascensão de Trump:

Enquanto muita atenção foi dada para o relacionamento entre esses movimentos políticos e a campanha presidencial estadunidense, vitória e políticas de Donald Trump nós seguimos a sugestão de Gattinara e Pirro, 2018 em olhar além de partido e instituições políticas para incluir atores sem partido, especialmente especialistas políticos como Glenn Beck, Russ Limbaugh e, certamente, Alex Jones. Avlon (2010:2) os chama de radicais: 'partidários profissionais e ativistas desequilibrados, o núcleo dos odiadores e teóricos paranoicos [alimentados pelos] ecos em rádio, telejornais e a internet'. Nós os consideramos empreendedores ideológicos (North,1981): figuras que desempenham um papel fundamental na mudança ideológica e que prosperam em tempos de convulsão e alienação - uma condição que alimenta o conspiracionismo – quando pessoas estão abertas a interpretações alternativas sobre como as coisas funcionam. (VAN DEN BULCK; HYZEN, 2020, pp. 45-46, tradução nossa)⁵³

⁵²"Synthia Schmidt, a filha do Caveira Vermelha, utilizou o nome de Madre Superiora após receber um impulso artificial para tornar-se adulta. Quatro outras meninas órfãs receberam um tratamento de envelhecimento artificial similar e, como Irmãs do Pecado, elas lutaram contra o Capitão América e o Nômade." (THE MARVEL, 2006, p.273, tradução nossa) Apesar de estar grafado como Synthia, Sinthea parece ser o nome mais utilizado para a personagem.

⁵³No original: "While much attention has gone to the relationship between these political movements and the US presidential campaign, victory and politics of Donald Trump we follow Gattinara and Pirro's 2018 suggestion to look beyond party and institutional politics to include non-party actors, especially political pundits like Glenn Beck, Russ Limbaugh and, indeed, Alex Jones. Avlon (2010, p.2) call them wingnuts: 'professional partizans and unhinged activists, the hard-core haters and the paranoid theorists [fuelled by] self-segregated echo chamber of talk radio, television news and the Internet'. We

Alex Jones teve Trump como convidado em seu programa em 2015 e recebeu uma ligação ao vivo após a eleição agradecendo a ele e seu público pelo triunfo do então candidato a presidente dos EUA. A popularização da internet, o advento da *web 2.0* e a popularização de plataformas como *YouTube*, *Facebook* e outras redes sociais possibilitam a conexão com outras pessoas, formação de grupos e transmissões de eventos em tempo real. Isso possibilitou que indivíduos que não estão inseridos na grande mídia pudessem ter espaço para disseminar suas ideias:

Sem a restrição de interesses corporativos, uma ampla variedade de personalidades usa plataformas para se dirigir a uma grande audiência com opiniões que atravessam todo o espectro político, incluindo o podcast humorístico com inclinações para a esquerda El Chapo Trap House, o ateuista, intelectual público e um dos Quatro Cavaleiros do Não-Apocalipse Sam Harris; o professor youtuber Jordan Peterson, um Cristão, tradicionalista e crítico do autoritarismo do politicamente correto e Direita Alternativa, o ex-editor da Breitbart e podcaster neoliberal Ben Shapiro, entre outros. (VAN DEN BULCK; HYZEN, 2020, p. 47, tradução nossa)⁵⁴

Devido ao modo como algoritmo dessas redes operam, onde o indivíduo começa a receber um grande fluxo de vídeos sugeridos ou termos relacionados após pesquisar sobre algo, além da dificuldade e alguma vista grossa das empresas em moderar o que é dito em sua plataforma, o que facilita os discursos de ódio, não é muito difícil que o usuário acabe se fechando numa bolha de acordo com seu espectro político, o que facilita sua radicalização.

consider them as ideological entrepreneurs (North, 1981): figures that play a key role in ideological change and that thrive in times of upheaval and alienation – a condition that also feeds conspiracionism – when people are open to alternative interpretations of how things work.”

⁵⁴No original: “Not curbed by corporate interests, a wide range of personalities use digital platforms to address large audiences with opinions from across the political spectrum, including the left leaning humorous podcasts of El Chapo Trap House; blogger, atheist public intellectual and one of the ‘Four Horseman of Non-Apocalypse’ Sam Harris; *youtuber* professor Jordan Peterson, a Christian, traditionalist and critic of authoritarianist political correctness and Alt Right, former Breitbart editor, neo-liberal podcaster Ben Shapiro, amongst others.”

Figura 14 – Caveira Vermelha e o ódio



Fonte: COATES, Ta-Nehisi; KIRK, Leonard. Os Vingadores, v. 33, 2021, p. 60.

É isso que aconteceu na Figura 16, onde o herói estadunidense ficou sabendo que o irmão do policial é uma das vítimas do atentado e que descreveu o processo de radicalização e o estado de saúde do irmão no hospital, com queimaduras graves. No segundo quadro temos a imagem do irmão olhando para um laptop, onde aparece a imagem do Caveira e assuntos como Ordem e Caos, Dez regras para a vida, a genialidade de Karl Lueger (um antissemita que supostamente inspirou Hitler) e a armadilha feminista.

Figura 15 – Caveira Vermelha Jordan Peterson?



Fonte: COATES, Ta-Nehisi; KIRK, Leonard. Os Vingadores, v. 34, 2021, p. 75.

Esses assuntos (excetuando Karl Lueger) se assemelham bastante com os títulos dos livros e assuntos que Jordan Peterson, professor, *youtuber* e que já foi apontado como um dos gurus da Direita Alternativa, a despeito de ter ameaçado processar quem o associasse a esses grupos. Em um primeiro momento, Peterson se mostrou incrédulo e reclamou na rede social *Twitter* que parte de suas ideias estavam aparecendo nas falas do vilão, mas logo depois passou a criar e publicar *memes* com suas ideias e a imagem do Caveira Vermelha, além de lançar produtos de *merchandising* com um emblema parecido com o da HIDRA, mas com o desenho de uma lagosta e a inscrição “Hail Lobster”.

Voltando aos quadrinhos, um confronto ocorreu no meio da manifestação e os heróis decidiram agir. Prontamente, o Caveira Vermelha enviou condolências e culpou o Capitão pelo ocorrido. Outros protestos se alastraram pelo país, com o herói sendo espancado ao tentar evitar outro atentado. Depois de voltar à ativa após sua

recuperação, o Capitão recusou a proposta de matar o casal Lukin, pois acreditava que “tinha que ser melhor” do que eles. Sharon, então, foi a Wilson Fisk, que havia sido traído por Alexa, e deu informações sobre onde ela estaria, o que culminou no assassinato da sra. Lukin com um tiro, graças a uma colaboração entre o Rei do Crime e o Estrangeiro, outro personagem traído por Alexa. Após a morte de Alexa, Bucky Barnes escutou no comunicador a frase “justiça foi feita”, lema do Flagelo. O Capitão invadiu o esconderijo do Caveira Vermelha e, em um debate, o Caveira revelou não se importar com quantos seguidores seriam sacrificados para que o seu ideal fosse cumprido. O que este não sabia era que o debate estava sendo transmitido pelo seu canal na internet, que havia sido *hackeado* pelos heróis e agora atingia a audiência de milhares de estadunidenses. As manifestações perderam força, mas Peggy revelou ao final do arco que a campanha “o Caveira Vermelha está certo” havia surgido e se consolidado, exaltando a franqueza do vilão ao expor suas ideias.

Encerrado o processo de análise das histórias, é interessante fazermos uma comparação entre o Capitão América Sam Wilson e Capitão América Steve Rogers: Sam Wilson, durante o período em que carregou o manto de Capitão América, percebeu as injustiças e distorções que existem na sociedade estadunidense, assumiu uma posição política, algo que acabou colocando a opinião pública contra ele e que em último caos, acabou contribuindo para que ele abdicasse de ser o Capitão América. Sam procurou ajudar os menos favorecidos tentando corrigir falhas daquela sociedade: foi ajudar imigrantes ilegais que faziam a travessia da fronteira e foram apossados por uma organização supremacista e anti-imigrantes, conseguiu desbaratar um esquema que colocava esses imigrantes como cobaias de experimentos, tinha ligação com um grupo de vilões e era financiado por grandes figurões com enorme poderio financeiro, o que impediu que todos fossem responsabilizados por seus crimes. Posteriormente, Sam mudou de abordagem, tentando apaziguar o conflito entre o personagem Rage e os *Americops*, que cometiam violência policial contra minorias. Novamente, ele não teve êxito e foi fortemente criticado pela opinião pública. Ainda que a campanha fosse obra da HIDRA e depois ganhasse o reforço do Stevilão, Sam teve a percepção de que ele não teve êxito por se um homem negro, do Harlem ocupando o posto de Capitão, mesmo que Rogers (antes de tornar-se o Stevilão) tenha dado seu apoio. Steve Rogers, por outro lado, não se posiciona politicamente e parece estar sempre acima dos conflitos. Até a sua contraparte da HIDRA apresentou qualidades de um grande líder. Ele até fez uma

reflexão quanto a falta de uma posição política, ao ser perguntado sobre Sam ter assumido um lado, dizendo que faria diferente nos dias de hoje. Rogers mobiliza valores e credos típicos dos estadunidenses, como o Sonho Americano, apelou para a irmandade e o respeito às forças policiais diante da crise deflagrada pelo Flagelo. Mesmo diante do descrédito e de sua imagem arranhada, graças as ações do Stevilão, o povo acatou seu discurso. O diálogo com a Tigresa Branca e Sharon Carter mostrou certas contradições presentes em Steve Rogers: ele havia sido preso por um suposto assassinato e fugiu da prisão onde estava, tornando-se um fugitivo. Sabendo que era inocente, não hesitou em ferir a lei, mas ao ser convidado a agir em defesa de migrantes ilegais, começou a falar na lei, em fronteiras, tolerância a atividades ilegais, questionou o que eles estavam representando e pelo que estavam lutando. Aceitou participar da ação porque aquilo, além de oferecer um símbolo para essas pessoas, contribuía para obter uma redenção perante o povo estadunidense.

Acreditamos ter demonstrado que existem críticas a elementos ligados à direita tanto quanto à esquerda em Capitão América Sam Wilson. Em Império Secreto, apesar de tratar da ascensão fascista, ele normaliza a mesma, além de ter oferecido imagens que poderiam ser cooptadas por grupos de extrema-direita: Capitão HIDRA levantando o *Mjolnir* e o marketing com o logo da HIDRA. Na fase escrita por Tanehisi Coates o foco recai num Estados Unidos dividido e que remete ao contexto do governo de Donald Trump, onde existe o sentimento de descrença com o presente, uma valorização de um passado e um estímulo do ódio e do medo, dando propósito a indivíduos considerados uma falha ou perdidos, arrebatando seguidores para movimentos como a Direita Alternativa, ou “*alt-right*”.

2 FIGURAÇÕES DO CONSERVADORISMO NOS QUADRINHOS

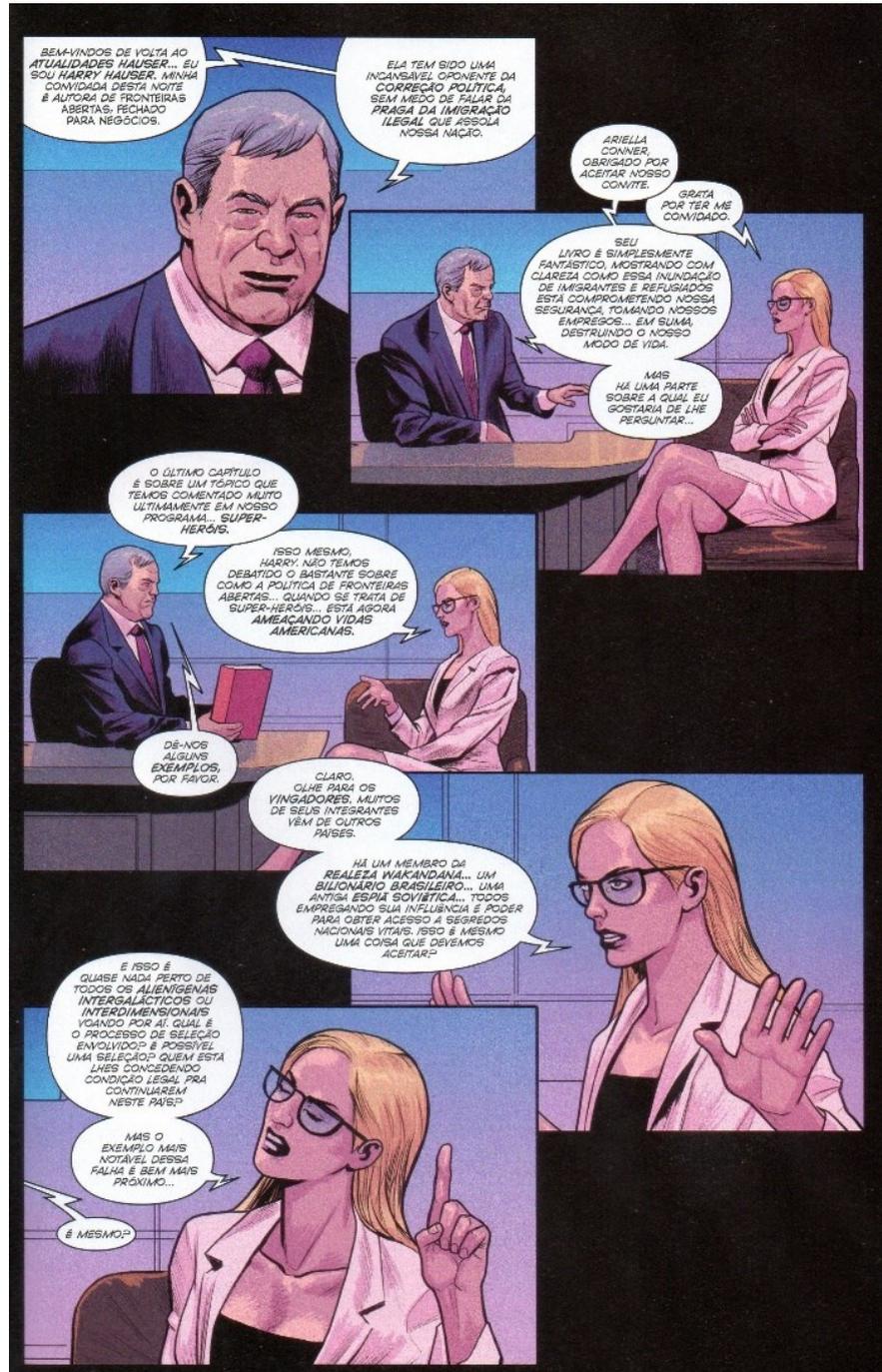
2.1 O discurso conservador nos quadrinhos: Ariella Conner/Ann Coulter em *Capitão América: Sam Wilson*

Nesta primeira parte do capítulo vamos analisar a personagem Ariella Conner, que aparece nos quadrinhos *Capitão América: Sam Wilson*, e destacar algumas vertentes da Direita Conservadora estadunidense. O livro escolhido para esta análise, *Adiós, America*, de Ann Coulter⁵⁵, foi lançado em junho de 2015 e trata de imigração, além de estar situado no período em que a série *Capitão América: Sam Wilson* foi lançada.

Na Figura 16 a seguir vemos o âncora Harry Hauser recebendo Ariella no seu programa, onde ele fala sobre o livro “Fronteiras abertas, fechado para negócios”. Segundo Hauser, o livro trata da destruição do modo de vida estadunidense por parte de imigrantes e refugiados. No final do livro, Conner trata dos super-heróis e dos grupos em que estes atuam, como os Vingadores, além da multiplicidade de nacionalidades destes, razão esta que poderia comprometer segredos estadunidenses de Estado. Ela citou ainda alienígenas, questionou qual método de seleção e quem dava o visto para estas pessoas continuarem atuando no país. Temos cinco quadros na figura 16 que parecem capturas de tv num fundo preto. No primeiro temos um close de Harry Hauser, no segundo e no terceiro o foco é no diálogo de Hauser com Ariella. Ela está de braços cruzados no segundo quadro, exibindo um certo desconforto e desaprovação, mas que também pode indicar um fechamento para o assunto, algo que se repete na maioria dos quadros da entrevista (figuras 16 e 17). No quarto e quinto quadros da figura 16, temos um close na expressão de Ariella, que já está mais solta, gesticulando com as palmas das mãos voltadas para a frente enquanto argumenta. No quinto, ela está com dedo em riste exibindo uma expressão de autoridade.

⁵⁵ Os livros da autora são, em sua maioria, ataques aos membros do Partido Democrata e aos progressistas, chamados de mentirosos e demagogos em alguns títulos, mas ela não deixa de criticar os integrantes do Partido Republicano. Apesar de ter feito um livro pró-Donald Trump, Coulter rompeu com o ex-presidente por este ter falhado em suas promessas de campanha quanto à política imigratória.

Figura 16 – Ariella Conner e seu livro

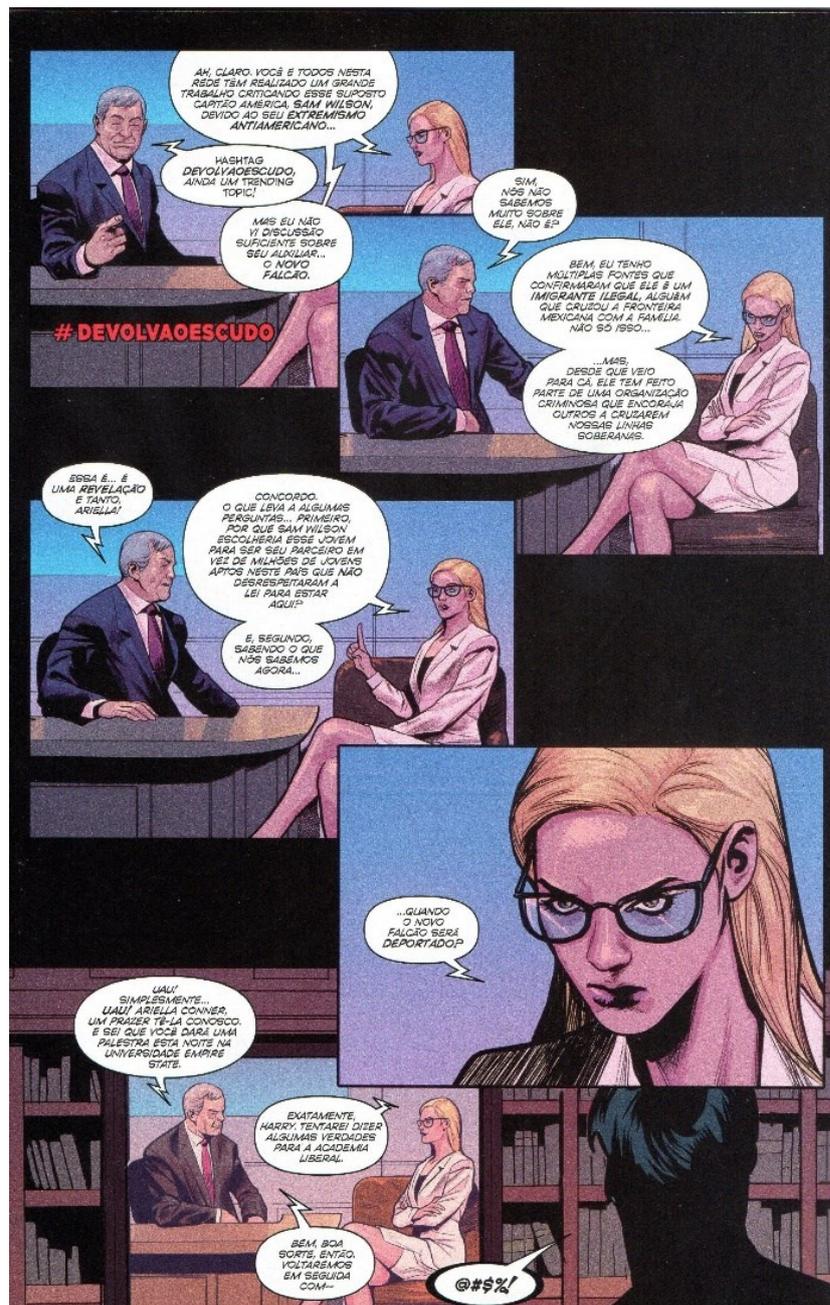


Fonte: SPENCER, Nick; RENAUD; Paul. Capitão América, n.14, 2018, não paginado.

Na figura 17, abaixo, ela atacou Sam Wilson por seu suposto extremismo antiamericano e alegou que o Falcão, Joaquim Torres, era um imigrante ilegal e pediu sua deportação. Temos a *hashtag* “Devolva o Escudo” na imagem, campanha para que Sam Wilson deixasse o posto de Capitão América. No segundo quadro, onde Ariella revelou que Joaquim cruzou a fronteira do México para os Estados Unidos, ela

volta a ficar de braços cruzados, indicando sua desaprovação e volta a colocar o dedo em riste enquanto fala de Sam e de Joaquim. No quadro em que pede a deportação do novo Falcão, o foco está no rosto da personagem, com sua expressão determinada e de seriedade. No último quadro vemos Joaquim assistindo a entrevista e soltando um palavrão, com o quadro ocupando todo o espaço, indicando o fim das capturas da tela da tv.

Figura 17 – Entrevista de Ariella Conner



Fonte: SPENCER, Nick; RENAUD, Paul. Capitão América, n.14, 2018, não paginado.

Apesar de introduzir o elemento ficcional, os argumentos muito se assemelham aos de Ann Coulter em seu livro *Adiós, América!*. A autora questiona o porquê de os imigrantes serem, supostamente, mais importantes do que os estadunidenses e também se as políticas de imigração não deveriam focar em atrair pessoas melhores dos que o cidadão-médio estadunidense:

Uma política de imigração boa para a América não aceitaria pessoas sem habilidades para trabalho. Não aceitaria idosos parentes de imigrantes, chegando em cadeiras de roda. Não aceitaria pessoas acusadas de terrorismo por seus próprios países. Não aceitaria mulheres grávidas cujos bebês prematuros vão custar aos contribuintes \$ 50,000 por nascimento, antes mesmo de embarcar numa vida de auxílio governamental. Não aceitaria Somalis que passaram suas vidas adultas em campos de refugiados no Quênia e depois aparecem com cinco crianças num abrigo para sem-teto em Minnesota. (COULTER, 2015, p. 17, tradução nossa)⁵⁶

Imigrantes de dezenove das vinte e cinco nações mais provedoras (de imigrantes) são mais prováveis de estar na pobreza do que americanos brancos nativos. Geralmente muito mais provável. Imigrantes do México e Honduras, por exemplo, tem uma taxa de pobreza três vezes maior do que americanos brancos. Os únicos imigrantes menos prováveis de serem mais pobres do que americanos brancos são aqueles vindos do Canadá, Polônia, Reino Unido, Alemanha, Índia e das Filipinas. Não precisamos dizer que nós recebemos menos imigrantes dessas nações do que as nações de imigrantes necessitados. Polônia e Alemanha não estão nem no top 10 de nações provedoras, Canadá e o Reino Unidos combinados mandam para nós menos imigrantes do que o México. (COULTER, 2015, p. 19, tradução nossa)⁵⁷

A solução advogada seria de que os Estados Unidos escolhessem quem deveria chegar ao país, abandonando a loteria, como a autora chama o sistema atual. É feita uma analogia do tema com o porquê de top models, como Kate Upton,

⁵⁶No original: “A good-for-America immigration policy would not accept people with no job skills. It would not accept immigrants’ elderly relatives, arriving in wheelchairs. It would not accept people accused of terrorism by their own countries. It would not accept pregnant women whose premature babies will cost taxpayers \$50,000 a pop, before even embarking on a lifetime of government support. It would not accept Somalis who spent their adult lives in a Kenyan refugee camp and then showed up with five children in a Minnesota homeless Shelter.”

⁵⁷No original: “Immigrants from nineteen of the top twenty-five source countries are more likely to be in poverty than native white Americans, generally far more likely. Immigrants from Mexico and Honduras, for example, have a poverty rate three times higher than white Americans. The only immigrants less likely to be in poverty than white Americans are those from Canada, Poland, the United Kingdom, Germany, India, and the Philippines. Needless to say, we take fewer immigrants from these countries than from the neediest immigrant countries. Poland and Germany aren’t even in the top ten source countries, and Canada and the United Kingdom combined send us fewer immigrants than Mexico does.”

deveriam sair com homens ricos de boa aparência e não com “homens pobres, carecas e perdedores”.

Figura 18 - Enquanto os heróis chegam, Ariella discursa na faculdade



Fonte: SPENCER, Nick; RENAUD; Paul. Capitão América, n.14, 2018, não paginado.

Acima, na Figura 18, Conner fala sobre respeito das fronteiras, soberania e ordem a uma plateia claramente hostil, onde o que se destaca na página são as onomatopeias indicando as vaias do público nos dois últimos quadros. Podemos perceber que alguns lugares vazios na plateia também. Ela atribui a morte do Senador

Tom Herald a esquerdistas radicais. Em 2010, Ann Coulter teve uma palestra na Universidade de Ottawa cancelada após manifestações de estudantes, o que estimulou o debate sobre liberdade de expressão nas Universidades e, em abril de 2017, Coulter faria uma palestra na Universidade da Califórnia, Berkeley, que foi adiada por razões de segurança. As fronteiras e a segurança são pontos muito presentes na obra de Ann Coulter. Podemos encontrar paralelos entre o ataque atribuído aos esquerdistas radicais e as críticas feitas por Coulter aos democratas em *Adiós, America!*. De acordo com sua teoria, os democratas, os ricos, os lobistas de Washington, os consultores republicanos, as igrejas gananciosas e até o *Wall Street Journal* estão do mesmo lado quando o assunto é imigração oriunda do Terceiro Mundo e o objetivo desses grupos seria impedir que os estadunidenses reflitam sobre imigração. Ela se coloca contra a não utilização de certas palavras no debate, tais como anistia, ilegal, *alien*/estrangeiro, cultura primitiva e Terceiro Mundo. A autora mostra descontentamento porque meios como o jornal *New York Times* se mostram contra a utilização de certos termos, agindo como “bebês-âncora”, porém não clarificam quais seriam os termos corretos a serem empregados no debate. Além disso, rebate alguns empregos da palavra “anistia”:

Anistia não é “reforma abrangente da imigração”, “um caminho conquistado para a cidadania”, ou, como Obama chama, “passos para lidar de forma responsável com milhões de imigrantes sem documentos que já vivem no nosso país.” É anistia. Imigrantes ilegais quebraram as leis da nação para estarem aqui. Qualquer lei que perdoa um ato ilegal, total ou parcialmente, é uma anistia. O que nós queremos dizer quando falamos “estrangeiro ilegal”, é “estrangeiro ilegal”, não “imigrantes sem documentos,” pessoas “ficando” aqui, “sonhadores,” “pessoas sem papéis” - ou “cidadãos sem documento” como o senador Rand Paul os chama. (COULTER, 2015, p. 30)⁵⁸

Outro artigo do jornal *The New York Times* é utilizado para atacar o argumento de que cercas ou barreiras não funcionam e que talvez fosse impossível policiar as fronteiras, argumento esse que também era mobilizado por Republicanos. A barreira, segundo o artigo, não solucionaria o problema de oferta e demanda, ainda serviria de exemplo de alienação de mentes e vidas fechadas pelo muro. Coulter cita o exemplo

⁵⁸No original: “Amnesty is not “comprehensive immigration reform,” “an earned path to citizenship,” or, as Obama calls it, “steps to deal responsibly with the millions of undocumented immigrants who already live in our country.” It’s amnesty. Illegal immigrants broke this nation’s laws to be here. Any law that forgives an illegal act, in whole or part, is an amnesty. What we mean when we say “illegal alien” is “illegal alien,” not “undocumented migrants,” people “staying” here, “Dreamers,” “people without papers”—or “undocumented citizens,” as Senator Rand Paul calls them”.

da Muralha da China e diz que a ideia de um mundo sem fronteiras seria ideal para as pessoas que não ligam para os Estados Unidos.

Todo mundo sabe que uma anistia gera mais estrangeiros ilegais, o que gera outra anistia. É chamado incentivo. É menos um incentivo se o portão está fechado. Primeiro, fechem os portões depois pensamos no que fazer com as pessoas que já estão aqui. Qualquer anistia é um estímulo para os estrangeiros ilegais. Se você escolher argumentar que não é, eu te indico a história. Essa não é a primeira vez que prometeram aos americanos patrulhar as fronteiras em troca da anistia. A Lei Simpson-Mazzoli de 1986, também conhecida como a Lei “Futebol Americano com Charlie Brown e Lucy”⁵⁹ deveria acabar com a imigração ilegal para sempre. Nos dê anistia uma vez e então nunca mais. Como em todas as leis que combinam o amargo com o doce, como aumento de impostos e corte de gastos, nós recebemos um e não o outro. A anistia veio, mas a segurança das fronteiras nunca chegou. A imigração ilegal sextuplicou. Tiveram mais meia dúzia de anistias desde então, legalizando milhões de estrangeiros mais que infringiram nossa lei. (COULTER, 2015, pp. 14-15, tradução nossa)⁶⁰

Coulter elege a política de Israel em relação à imigração como um exemplo a ser seguido, algo que ela gostaria de ver aplicado ao contexto estadunidense:

Israel respondeu ao influxo de estrangeiros ilegais prendendo-os e colocando-os em ônibus para fora do país. Este é um contraste com nossa política, que é colocá-los em ônibus para dentro do nosso país e matriculá-los em escolas dos Estados Unidos. O Times citou um espectador israelense, observando as prisões dizendo “isso deve ser feito ou amanhã não teremos mais um país e nós vamos precisar procurar por um outro.” Para os refugiados que não podiam ser deportados por conta da lei internacional, Israel construiu centros de detenção na fronteira, onde eles seriam mantidos até que as condições de seus países melhorassem. Netanyahu respondeu friamente aos protestos contra a detenção dizendo “os infiltradores que foram transferidos para a instalação especial de detenção podem ficar lá ou voltar para suas nações de origem.” (COULTER, 2015, p. 90, tradução nossa)⁶¹

⁵⁹A autora faz referência a um episódio do desenho *Peanuts* onde a personagem Lucy convence Charlie Brown a chutar uma bola de futebol americano, mas remove a bola no último momento, fazendo com que Charlie Brown caia no chão. Essa brincadeira acabou sendo recorrente no desenho, sempre com Lucy tirando a bola no último momento, mesmo prometendo que não iria fazê-lo.

⁶⁰No original: “Everyone knows that one amnesty begets more illegal aliens, which begets another amnesty. It’s called an “incentive.” There’s less of an incentive if the gate is locked. First lock the gate, then figure out what to do with the people already here. Any amnesty is an inducement to illegal aliens. If you choose to argue it’s not, I refer you to history. This is not the first time Americans have been promised secure borders in return for amnesty. The 1986 Simpson-Mazzoli Act, also known as “The Charlie Brown and Lucy with Football Act,” was supposed to end illegal immigration forever: Give us amnesty one time, then: Never again. As with all laws that combine the bitter with the sweet, such as tax hikes and spending cuts, we got one and not the other. The amnesty came, but the border security never did. Illegal immigration sextupled. There have been a half dozen more amnesties since then, legalizing millions more foreigners who broke our laws”.

⁶¹No original: “Israel responded to the influx of illegal aliens by arresting them and putting them on buses out of the country. This is in contrast to our policy, which is to put them on buses into our country and enroll them in U.S. schools. The Times quoted an Israeli bystander, observing the arrests,

Sua visão seria de que, sem imigrantes ilegais e utilizando a política migratória israelense, os Estados Unidos reduziriam drasticamente sua população carcerária

Figura 19 – O debate entre Ariella Conner e Joaquim Torres



Fonte: SPENCER, Nick; RENAUD; Paul. Capitão América, n.14, 2018, não paginado.

saying: "It must be done or tomorrow we will have no country and we will have to look for another one." 3 For refugees who could not be deported under international law, Israel built detention facilities on the border, where they were to be held until conditions in their countries improved. Netanyahu unsentimentally responded to protests over the detentions, saying, "The infiltrators who were transferred to the special detainment facility can either stay there or go back to their home countries".

Na Figura 19 acima temos o debate entre Ariella Conner e o Falcão Joaquim Torres. Ela o chama de “novo falcão mexicano” - similar ao tratamento dado por Ann Coulter a Marco Rubio⁶² (ou “o cubano Marco Rubio”). Ariella ainda argumenta que Joaquim Torres, ainda na condição de imigrante ilegal, poderia pagar mensalidades mais baixas do que outros alunos. Diante da resposta de Joaquim, ela questiona por que ele não vai embora, já que não gostava do modo como era tratado no país. Nos quadros em que Ariella debate, em três ela aparece em uma posição de destaque em relação a Joaquim, olhando de cima pra baixo e com olhar de desdém, o que nos parece um recurso para mostrar a segurança dela com sua posição sobre imigração e também como a personagem se acha superior em relação a Joaquim e aos imigrantes. Segundo o pensamento de Ann Coulter, os imigrantes vão para os Estados Unidos para viver de graça ou as custas do contribuinte, através das políticas de bem-estar social que existem ali. Além disso, ela questiona as políticas do México para impedir a migração para os EUA:

Agora ninguém vai pra casa, eles vão para o bem-estar. Os imigrantes de hoje não estão vindo para cá para respirar livremente, eles estão vindo viver de graça; A maioria deles não viria caso eles tivessem que viver na América trabalhe-ou-morra que existia quando nós conseguimos todos esses parentes chorando sobre. Quais são as políticas do México sobre isso? Se meu dinheiro acaba e eu tenho algumas crianças com meu namorado igualmente não-mexicano, nós ganhamos dinheiro de graça dos contribuintes mexicanos? E sobre os bebês! Eles não fizeram nada de errado! (COULTER, 2015, p. 47, tradução nossa)⁶³

Questiona também os supostos privilégios que imigrantes possuem, se comparados aos estadunidenses, deixando clara sua posição sobre as mudanças climáticas que afetam o planeta:

Os americanos costumavam falar sobre “integração”. Então um dia, do nada, a palavra integração foi substituída por “diversidade” - assim como “aquecimento global” repentinamente se tornou “mudanças climáticas” - então “julho”. Integração era sobre reequilibrar erros históricos feitos a América negra. Diversidade não. Sob o regime da diversidade, todos

⁶² Senador pelo Estado da Flórida desde 2011 e filho de imigrantes cubanos. <
<https://www.rubio.senate.gov/about/>> Acesso em: 13 ago. 2024.

⁶³No original: Now no one goes home, they go on welfare. Today's immigrants aren't coming here to breathe free, they're coming to live for free. Most of them wouldn't come at all if they had to survive in the work-or-die America that existed when we got all those relatives being wept over. What are Mexico's policies on that? If my money runs out and I have a few kids with my equally non-Mexican boyfriend, do we get free money from Mexican taxpayers? What about the babies! They didn't do anything wrong!”

recebem direitos especiais e privilégios, exceto os homens brancos. (COULTER, 2015, p. 51, tradução nossa)⁶⁴

Na sua visão, existiria uma cultura criminosa vinda do Terceiro Mundo, que perpassa todas as classes sociais e estava sendo exportada para os Estados Unidos. O tipo de crime cometido pelos estadunidenses seria muito diferente dos cometidos pelos imigrantes:

A América está impotente contra a cultura criminosa que está sendo imposta a nós pela imigração vinda do Terceiro Mundo. Roubo de identidade, golpes com cartão de crédito, fraudes em assistência médica e vales-refeições, roubo de dedução fiscal e golpes em seguros com batidas forjadas – estes não são hábitos nativos americanos. Nossos criminosos matam suas esposas pelos \$30,000 de seguro de vida após deixar seu DNA por toda a cena do crime. Americanos acham que só pessoas idiotas se tornam criminosas, mas isso não é verdade no Terceiro Mundo, onde criminalidade transcende a classe social. (COULTER, 2015, p. 88, tradução nossa)⁶⁵

No livro, encontramos ainda subtítulos como “*You know where hispanics are overrepresented? U.S. prisons*” (“Você sabe onde os hispânicos estão super-representados? Em prisões dos Estados Unidos”, em tradução livre) e “*Lost a friend to drugs? Thank a mexican*” (“Perdeu um amigo para as drogas? Agradeça a um mexicano”, tradução nossa). Nos capítulos seguintes, seguem-se diversos casos noticiados pela imprensa envolvendo crimes cometidos por imigrantes com o título de “*Spot the immigrant!*” (algo como “Ache o imigrante”, em tradução livre do inglês).

Na figura 20, Ariella dá sua versão para o ocorrido em frente às câmeras: sustentando sua visão anti-imigração, diz que americanos de verdade estavam no meio do fogo cruzado entre fações de extrema esquerda nos campi das universidades, ignorando que ela foi salva por um imigrante e não por um super-herói branco, como Joaquim Torres, o Falcão, pontua.

⁶⁴No original: “Americans used to talk about “integration.” Then one day, out of the blue, the word “integration” got replaced with “diversity” —just like “global warming” suddenly became “climate change”—then “July.” Integration was about redressing historic wrongs done to black America. Diversity isn’t. Under the diversity regime, everyone gets special rights and privileges, except white men.”

⁶⁵No original: “America is helpless against the criminal cultures being foisted on us by immigration from the Third World. Identity theft, credit card scams, Medicare and food stamp fraud, tax rebate theft, and staged-crash insurance scams—these are not native American habits. Our criminals kill their spouses for the \$30,000 life insurance policy after splashing their DNA all over the crime scene. Americans think only dumb people become criminals, but that’s not true in the Third World, where criminality transcends social class”.

Figura 20 - Ariella culpa a extrema esquerda



Fonte: SPENCER, Nick; RENAUD; Paul. *Capitão América*, n.14, 2018, não paginado.

Como dissemos, os Bombásticos são uma paródia de estereótipos dos chamados Guerreiros da Justiça Social, o que pode ser evidenciado novamente na fala de uma integrante do grupo dirigida a Sam Wilson, chamado de Capitão Patriarcado e que o acusa de *mansplaining*, ou o hábito que os homens possuem em explicar algo para as mulheres e que, inclusive, já pode ser do conhecimento destas. O Capitão explicaria como o jeito dos Bombásticos lidarem com o ódio era errado, o que leva ao comentário irônico do Capitão América Sam sobre o uso de granadas e de como as

faculdades mudaram. Sam Wilson, ao sinalizar de forma positiva sobre a ação de Rage e Falcão, que buscou fazer a coisa certa ainda que o resultado fosse descontentamento dos dois lados, acabou confrontado por Torres, que cobrava ações mais contundentes dele. Sam é acusado de pensar que suas ações seriam mais valorizadas porque Torres e Rage estiveram na posição de fazer o correto em que ele se encontra constantemente. A ideia de fazer a coisa certa aproxima o Capitão Sam Wilson da posição regular do Capitão América Steve Rogers.

Voltando a Ariella Conner, o argumento sobre americanos de verdade encontra ecos no discurso de Ann Coulter: apesar do senador Marco Rubio ter nascido nos EUA, ela o chama de cubano e, como veremos no item 2.2, ela defende e valoriza o caráter WASP da sociedade estadunidense, bem como a descendência britânica e holandesa entre os presidentes dos EUA. Acreditamos que essa posição da autora acerca dos imigrantes tem uma importante relação com as narrativas nacionais: como mostra Junqueira (2023), até historiadores do período da II Guerra Mundial e dos anos 1960 colocavam os Estados Unidos em uma posição excepcional, que difunde a ideia de modernidade política e econômica, além de acreditar que o país cumpria um destino que já estaria traçado, uma posição de destaque perante o mundo. Como os Estados Unidos acreditam possuir valores superiores o contato com outras culturas costuma envolver tensões, primeiro pelo não reconhecimento da cultura do outro, bem como com a tentativa de impor os valores que julga superiores. No período da guerra entre Estados Unidos e México (1846-1848) os mexicanos já eram vistos como inferiores. Assim, a anexação de todo território mexicano poderia se tornar um problema graças a incorporação de raças mistas por parte de uma nação formada por brancos anglo-saxões⁶⁶. Existia também o desejo de que mexicanos fossem impossibilitados de desfrutar e governar as instituições estadunidenses caso territórios fossem incorporados. Em um momento em que os Estados Unidos pareciam estar em declínio quanto à sua posição de primazia perante outros países, os imigrantes acabam se tornando “bodes expiatórios” para explicar esse declínio, bem como uma ferramenta para instigar o medo em certos setores da população. A figuração de Ann Coulter como Ariella Conner nos quadrinhos, nos parece que ocorreu apenas uma adaptação de seu pensamento para a situação narrativa dos quadrinhos de super-heróis. A ida de Conner a uma universidade confrontar a “academia liberal”, a ideia de

⁶⁶Para mais, ver Junqueira (2023, p. 72).

que uma nação sem fronteiras é uma nação sem lei e sem ordem, a noção de que os imigrantes são privilegiados, até o modo a que ela se refere a Joaquim Torres, como Falcão mexicano são muito similares a acontecimentos da vida real e de suas convicções apresentadas no livro *Adios, America!* Não encontramos paralelos entre suas ideias e o incômodo com estrangeiros tendo acesso a segredos de Estado, mas não nos parece um exagero que sua postura fosse a mesma de sua parte nos quadrinhos. Veremos no próximo item como narrativas nacionais, mitos de origem aparecem no discurso de Coulter.

2.2 *Adios, America!* e uma outra concepção da História Estadunidense

Ann Coulter (2015) alega que não existe um debate honesto sobre imigração nos Estados Unidos porque não seria possível ouvir os dois lados, diferentemente de questões como aquecimento global, aborto, Guerra no Iraque, *Obamacare*, etc. Segundo sua visão, os grupos que constituem uma elite querem que a imigração em massa de nações do terceiro mundo continue, os dois partidos são coniventes e, apesar do povo dizer que deseja menos imigração, os políticos não escutam. A mídia mentiria em todos os assuntos, mas imigração seria o tópico em que mais inverdades são ditas pois esta sabe que a sua posição sobre o tema não é popular:

Os problemas derivados da imigração não controlada estão em todas as notícias. Só nunca lhe dirão que eles são problemas da imigração - crianças vivendo na pobreza, obesidade infantil, gravidez na adolescência, gravidez de pais e mães solteiros, abismal taxa de abandono do ensino médio, desigualdade de renda, terroristas locais, fraudes massivas em assistência médica, crimes na internet, roubo de identidade, superlotação de presídios, o vasto número de sem-seguros utilizados para justificar o *Obamacare*, tráfico sexual. A epidemia de crianças estupradas, destruição dos nossos parques nacionais, mortes por dirigir alcoolizado, tuberculose resistente a medicamentos, sarampo e outras epidemias virais, falência das pensões do governo, baixa pontuação em leitura e em matemática e americanos mais baixos. (COULTER, 2015, p. 10, tradução nossa)⁶⁷

⁶⁷No original: “The problems stemming from unchecked immigration are all over the news. You’ll just never be told they are problems of immigration—children living in poverty, childhood obesity, teen pregnancy, out-of-wedlock births, abysmal high school dropout rates, income inequality, “homegrown” terrorists, massive Medicare frauds, internet crime, identity theft, prison overcrowding, the vast number of uninsured used to justify *Obamacare*, sex trafficking, the epidemic of child rape, the destruction of our national parks, drunk driving casualties, drug-resistant tuberculosis, measles and other viral outbreaks, bankrupt government pensions, lower reading and math scores and shorter “Americans”.”

Para Coulter, imigração é a mais importante questão a ser debatida, já que ela acredita que, caso saiam derrotados neste tópico, os estadunidenses perderiam posteriormente em tudo. Ela confessa também a dificuldade de debater o tema porque, segundo ela, dizer que preferia os Estados Unidos “como era antes” agora é considerado racismo e emitir opiniões contrárias ao consenso de uma suposta “elite” torna a pessoa em um alvo de ataques. A autora alega que, após a anistia dada pelo governo Reagan, a preocupação das pessoas recaía sobre quando as sanções para quem empregava imigrantes ilegais iriam começar e sobre a segurança da fronteira ao sul. Além disso, ela questiona o termo “crise”:

Eu não quero ser obtusa, mas por que estrangeiros ilegais vivendo nas sombras é uma crise? Nós precisamos trazer mais pessoas que irão rebaixar os salários de nossos companheiros americanos porque...por que de novo? Não é uma crise para os americanos que outras pessoas vieram para o país deles ilegalmente e agora se sentem desconfortáveis em viver aqui infringindo a lei. Devia ser desconfortável quebrar a lei. Talvez estrangeiros ilegais deveriam considerar isso antes de vir. (COULTER, 2015, p. 11, tradução nossa)⁶⁸

Segundo a autora, o governo não coleta estatísticas precisas de crimes cometidos por imigrantes e a mídia não divulga, o que dificulta a tarefa, mas seria possível notar a onda de crimes cometidos por imigrantes utilizando a procura do site de busca *google* e vendo a quantidade de resultados obtidos. O acesso a este tipo de informação poderia mudar a percepção da população estadunidense sobre as políticas de imigração:

Aqui estão alguns modos que podem fazer a diferença: saber quantos criminosos são imigrantes pode afetar nossa opinião sobre nossas políticas de imigração vigentes. Poderia nos ajudar a avaliar a proposta de Marco Rubio de legalizar 20-30 milhões de imigrantes ilegais, em massa. Poderia nos dizer quanto dinheiro uma moratória na imigração poderia economizar dos pagadores de impostos ao reduzir o número de policiais, entidades que cuidam de pessoas desaparecidas, médicos que atuam em emergências, cirurgiões, procuradores, juízes, funcionários judiciais, agentes penitenciários e profissionais que prestam assistência em casos de estupro que se tornam necessários graças aos estrangeiros criminosos. Isso seria extremamente

⁶⁸No original: “I don’t mean to be obtuse, but why is it a crisis that illegal aliens are “living in the shadows”? I forget. We need to bring in more people who will drive down the wages of our fellow Americans because—why again? It is not a crisis for Americans that other people have come into their country illegally and now find it uncomfortable to be living here breaking the law. It’s supposed to be uncomfortable to break the law. Perhaps illegal aliens should have considered that before coming.”

relevante para o debate sobre se construir uma barreira na nossa fronteira do sul. (COULTER, 2015, p. 79, tradução nossa)⁶⁹

É possível ter uma estimativa do número de imigrantes que estão encarcerados graças ao *Escritório de Prestação de Contas do Governo (Government Accountability Office, em inglês)*, mas ainda assim diversas categorias não são contabilizadas, o que leva a escritora a afirmar: “Para ser extra obscuro, o GAO contou todos os imigrantes em prisões federais – legais e ilegais – mas contou somente imigrantes ilegais em prisões estaduais e cadeias locais” (COULTER, 2015, p. 81) ⁷⁰. Ela sugere uma triagem que levaria em conta, primeiramente, imigrantes que podem ajudar a nação; em segundo, imigrantes que não ajudam a nação, mas não são criminosos; e em terceiro, criminosos, e cobra que o censo trouxesse informações precisas sobre os crimes cometidos por imigrantes.

Coulter aponta que a unidade da comunidade hispânica é uma fantasia liberal e que diversos grupos não se toleram. Perguntados em enquetes sobre quem é o mais importante líder latino/hispânico hoje, os hispânicos respondiam com “não sei”, mas existiam lideranças que aparecem falando em nome do grupo como um todo. Critica também um descolamento da elite do partido Republicano com seus funcionários, pois estes acreditavam que “o cubano Marco Rubio” iria atrair votos hispânicos e lembra que Sarah Palin não conseguiu atrair os votos das mulheres de Manhattan apenas por ser mulher. Segundo a autora, os republicanos não deveriam envergonhar-se por serem contra a imigração porque isto daria 30 milhões de votos para os democratas, nem de não perdoarem transgressores da lei.

Uma solução apontada para o problema migratório seria a segurança na fronteira para impedir a chegada de novos fluxos migratórios para o país. A autora faz uma metáfora com uma banheira que está vazando, onde não se discute se é

⁶⁹No original: “Here are some ways it might make a difference: Knowing how many criminals are immigrants might affect our opinion of our current immigration policies. It would help us evaluate Marco Rubio’s proposal to legalize 20–30 million illegal immigrants, en masse. It could tell us how much money an immigration moratorium would save the taxpayers by reducing the number of police, missing persons operators, hospital emergency room doctors, surgeons, prosecutors, judges, court clerks, prison guards, and rape counselors made necessary by criminal aliens. It would be extremely relevant to the debate about whether to build a fence on our southern border.”

⁷⁰No original: “To be extra opaque, the GAO counted all immigrants in federal prisons—legal and illegal—but counted only illegal immigrants in state prisons and local jails.”

necessário um pano, um esfregão para limpar a água ou pegar um balde e sim desligar a água/ o registro. Marco Rubio é criticado novamente pelo projeto de lei *Gang of Eight* ou Gangue dos Oito, oficialmente *The Border Security, Economic Opportunity, and Immigration Modernization Act of 2013*, um projeto bipartidário que continha 4 democratas e 4 republicanos e que procurava legalizar imigrantes ilegais, dar vistos de trabalho. Ela mostra-se a favor da crítica feita pelo Senador Republicano do Tennessee, Bob Corker, de que muito dinheiro estava sendo aplicado para policiar a fronteira, mas era empregado de maneira errada.

Coulter identifica um problema, que seria a lei de Imigração de 1965 proposta por Teddy Kennedy, que acabou com o grande número de cotas que existiam para países que tradicionalmente povoaram os Estados Unidos (Irlanda, Alemanha e Inglaterra) e adicionou a política de reunificação familiar, possibilitando que imigrantes que viviam nos Estados Unidos pudessem levar para o país seus parentes. O período em que a lei passou, pós 1964, é definido pela autora como o período mais destrutivo da História dos Estados Unidos, pois o Congresso aprovava “a legislação esquerdista mais louca desde o *New Deal*” (COULTER, 2015, p. 20, tradução nossa). Como os Democratas não conseguiam ter a maioria nos votos da população branca desde as eleições de 1948, a solução encontrada foi trazer novas pessoas que pudessem votar no partido. Isto teria provocado a chegada de um grande contingente de imigrantes do Terceiro Mundo, o que teria alterado a configuração da nação, tornando-a mais pró-liberais e dando a vantagem para os Democratas. Este tipo de iniciativa teria ocorrido também antes da eleição presidencial de 1996, tornando 1 milhão de imigrantes aptos para voto, sem levar em conta a ficha criminal, possibilitando a reeleição de Bill Clinton. Pessoas brancas poderiam votar em um candidato republicano ou democrata sem qualquer tipo de constrangimento, mas quando pessoas não brancas votam nos republicanos, são interpelados com questões do tipo “como você pode votar contra sua própria raça?” De acordo com Coulter, esse contingente de imigrantes não se opõe a um Estado grande, porque desfrutam de seus benefícios, além de não pagarem impostos:

Olhe para os países de origem deles! Imigrantes tem sempre preferido o partido Democrata, mas pode-se contar com os mexicanos para desenvolver um bloco de votos que vai continuar pobre e precisando de assistência governamental por gerações. Além disso, é parte da cultura mexicana votar em bloco em partidos de esquerda inúteis. Apesar de escândalos, corrupção e fracasso econômico, o Partido Institucional Revolucionário governou o México por setenta e um anos seguidos. Setenta e um anos! Até afro-

americanos não estiveram votando em bloco nos democratas por tantos anos. (COULTER, 2015, p. 24, tradução nossa)⁷¹

Ela questiona se os Democratas seriam maioria caso a preferência dos antepassados de pessoas nascidas nos Estados Unidos fossem levados em conta. Sobre os Democratas, afirma que quando estes eram um partido que dizia representar os trabalhadores estadunidenses, eles também eram contra imigração. O partido então teria sido dominado pela extrema-esquerda, tornando-se um partido de elites urbanas, composto por feministas, ativistas dos direitos de transgêneros, veganos, legalizadores de drogas e operadores de fundos *hedge* que não pagam impostos. O pensamento de Ann Coulter tem semelhanças com a teoria da Grande Substituição. De acordo com Barone e Da Silva (2023), o francês Renaud Camus, romancista e ideólogo da extrema-direita, é o autor dessa teoria, que foi desenvolvida na obra *Le Grand Remplacement (A Grande Substituição, em português)*, de 2011:

Segundo esta teoria, que ocupa um lugar central na práxis da extrema-direita, haveria em curso uma investida demográfica islâmica global contra a civilização ocidental, um processo de substituição, via imigração, da população branca por uma população não branca (especialmente do norte da África e do Oriente Médio). Em outras palavras uma espécie de contra-colonização empreendida pelas antigas colônias francesas e europeias. (BARONE; DA SILVA, 2023, p. 194)

O que na teoria de Camus é uma investida demográfica islâmica global torna-se uma investida de países do terceiro mundo no geral e o principal agente do processo de substituição seria o partido democrata, tendo como objetivo sair vencedor das eleições.

Segundo a autora, ativistas pró-imigração rotulam os estadunidenses de intolerantes, racistas, sexistas e homofóbicos, parecendo não gostar dos Estados Unidos. Coulter (2015) utiliza uma pesquisa da *Pew Research* mostrando que, mesmo após a eleição de Obama para um segundo mandato, apenas 40% dos liberais são orgulhosos de serem estadunidenses, ao passo que mais de 70% dos conservadores têm orgulho do país. Se antes pessoas anti-Estados Unidos se juntavam a insurgências comunistas em “selvas do Terceiro Mundo” e acabavam presas, agora

⁷¹No original: “Look at their home countries! Immigrants have always favored the Democratic Party, but Mexicans can be counted on to develop into a voting bloc that will remain poor and in need of government assistance for generations. Also, it’s part of Mexican culture to bloc-vote for useless left-wing parties. Despite scandals, corruption, and economic failure, the Institutional Revolutionary Party ruled Mexico for seventy-one straight years. Seventy-one years! Even African Americans haven’t been bloc-voting for the Democrats that long.”

trazem o Terceiro Mundo para dentro dos Estados Unidos “De acordo com uma enquete do Washington Post, a maioria dos imigrantes de segunda geração de México, Cuba, Haiti, Vietnã e das Índias Ocidentais não se referiam a eles mesmos como americanos e disseram que a América não era a melhor nação do Mundo” (p. 23)⁷². Isto parece ir contra um movimento que se verificava em 2006:

Mas é importante notar que a utilização de bandeiras norte-americanas nas manifestações de abril de 2006, em maior número que as de países da América Latina, tanto quanto a versão para o espanhol do hino nacional norte-americano, revelam uma nova e desafiadora compreensão da cidadania. Em muitos cartazes e camisetas se podiam ler frases como “Sou ilegal e daí:”, “Não existe ser humano ilegal”, “Hoje marchamos amanhã votamos”. “Quem faz a América somos nós”, o que ironicamente pode nos remeter ao mito de origem puritano citado anteriormente, de uma América aberta, apropriado e reelaborado no atual contexto da globalização que produz, como efeito imprevisto, identidades transnacionais, híbridas, que desestabilizam o sentido de nação e identidade nacional hegemônicas. (AZEVEDO, 2007, p. 15)

O mito de origem puritano que o trecho se refere é o “Sonho Americano”. Não é nosso objetivo investigar as causas aqui, mas, se a pesquisa do Washington Post estiver correta, indica que algo ocorreu nesse período que contribuiu para a mudança de percepção.

Coulter passa então a examinar a 14ª Emenda, que conferiu cidadania automática aos bebês nascidos em solo estadunidense. Originalmente, ela teria sido introduzida durante o período da reconstrução, após a Guerra Civil estadunidense, para impedir que os democratas negassem o direito de cidadania aos escravizados recém libertos. Duas decisões teriam alterado esse propósito original: uma em 1898, Estados Unidos contra Wong Kim Ark, onde a Suprema Corte decidiu que filhos de imigrantes legais teriam direito à cidadania e que, de acordo com juristas e o *Yale Law Journal*, a decisão da maioria teria sido baseada na lei feudal britânica, o que Coulter vê como absurda, já que os Estados Unidos tinham rejeitado a ideia britânica de rei. Em 1982, durante o governo Reagan, uma decisão por 5x4 no caso *Plyler x Doe* ratificou que não seria possível fazer uma distinção plausível entre residentes que entraram de acordo com a lei ou de forma ilegal. Este princípio teria sido elaborado pelo juiz William Brennan que, de acordo com a autora, foi baseado em um livro de Clement L. Bouvé e introduzido na lei como uma nota de rodapé. Este pensamento

⁷²No original: “According to a Washington Post poll, a majority of second-generation immigrants from Mexico, Cuba, Haiti, Vietnam, and the West Indies did not refer to themselves as “Americans” and said America was not the best country in the world.”

nos parece estar relacionado com os dois grandes grupos de interpretação da Constituição dos Estados Unidos: originalistas e pragmáticos. A posição de Coulter, republicana, é alinhada com os originalistas, um grupo que, de acordo com Limonic (2024), tem como objetivo captar a intenção original dos escritores da Constituição estadunidense. Presidentes republicanos tendem a escolher juizes originalistas para integrar a Suprema Corte, ao passo que os democratas escolhem juizes pragmáticos, que acreditam que irão produzir um melhor resultado para sociedade levando em conta custos e benefícios.

Coulter (2015) também direciona críticas a uma “elite” que estaria interessada em mão de obra barata:

O que vai acontecer quando pessoas que vem de países onde evasão fiscal é um modo de vida forem obrigados a pagar impostos? O que vai acontecer quando uma população formada na maioria por idosos brancos for mantida por uma população de jovens marrons em sua maioria? Quais impostos vão ser aumentadas para maquiagem o déficit? Não com pessoas que não pagam impostos de modo algum. Empregadores não ligam. Eles querem trabalho barato AGORA. Negócios americanos são como tubarões. Muito apetite, zero cérebro. (COULTER, 2015, p. 25, tradução nossa)⁷³

A autora aponta que os imigrantes seriam responsáveis por diferentes crimes que estavam presentes na sociedade estadunidense, onde cada etnia seria especialista em algum tipo de crime. As diferenças culturais permitiriam estes comportamentos, que seriam normais para estas etnias:

As pessoas notam quando suas pequenas garotas são estupradas e mortas por mexicanos, quando comerciantes árabes cometem crimes de honra, seus vizinhos Hmong estão sendo cafetões de nossas pequenas garotas e batendo em filhotes de pastor-alemão até a morte, seus proprietários indianos estão importando concubinas e seus conhecidos chineses estão matando suas esposas por causa de “humilhação”. Eles notam quando albaneses e russos se mudam – e repentinamente suas comunidades tornam-se incubadoras de tráfico humano, fraudes na assistência médica, fraudes em seguros de carro com acidentes premeditados. (COULTER, 2015, p. 28, tradução nossa)⁷⁴

⁷³No original: “What will happen when people who come from countries where tax evasion is a way of life are supposed to pay taxes? What’s going to happen when a mostly white senior population is being supported by a mostly brown younger population? Whose taxes will be raised to make up the shortfall? Not the people who don’t pay any taxes at all. Employers don’t care. They want the cheap labor NOW. American businesses are like sharks: All appetite, no brain.”

⁷⁴No original: “People notice when their little girls are raped and killed by Mexicans, their Arab shopkeepers commit honor killings, their Hmong neighbors are pimping out little girls and clubbing German shepherd puppies to death, their Indian landlord is importing concubines, and their Chinese acquaintances are murdering their wives out of “humiliation.” They notice when Albanians and

Coulter cita uma frase de um juiz da Suprema Corte estadunidense sobre o processo de Americanização o qual os imigrantes eram submetidos ao chegarem aos Estados Unidos, no início do século XX, em contraste com uma decisão da justiça favorável aos imigrantes:

Em 1915, o futuro juiz da Suprema Corte Louis Brandeis fez um discurso sobre o que ele chamou de “O dia da americanização” - o quatro de julho. Ele disse que o processo de recém-chegados se tornando americanos envolvia não somente mudanças superficiais, como adotar “as roupas, as maneiras e os costumes que prevaleciam aqui no geral” ou mesmo o “muito mais importante” aquisição da língua inglesa. A mudança, ele disse, era mais “fundamental”. O imigrante não está americanizado até que seus interesses e sentimentos tornem-se profundamente enraizados aqui. E nós devidamente demandamos do imigrante ainda mais que isso. Ele é obrigado a ser trazido em completa harmonia com nossos ideais e aspirações e cooperar conosco para sua obtenção. Somente quando isto é feito ele vai possuir a consciência de um americano. E Brandeis estava referindo-se exclusivamente sobre imigrantes europeus - não índios Mapuche de Araucanía, com sua rica tradição em sacrifícios humanos. Corte para 2014: a Corte dos Estados Unidos apelou ao Nono Circuito para preservar nas escolas da Califórnia uma proibição de utilizar camisas com a bandeira americana para não irritar imigrantes mexicanos comemorando o Cinco de Maio. (COULTER, 2015, pp. 26-27, tradução nossa)⁷⁵

Neste trecho, além da visão irônica sobre os indígenas estadunidenses, é deixado de lado como se deu o processo de americanização. Durante o período que os Estados Unidos recebiam grandes contingentes de imigrantes, entre 1865 e 1915, o debate sobre raça, diferenças culturais, biológicas entre os povos era muito presente. Muitos tentavam explicar os problemas que existiam na sociedade estadunidense da época por esse viés, onde os imigrantes que não eram brancos europeus eram vistos como inferiores. Segundo Limoncic (2024), a peça de teatro de

Russians move in—and suddenly their communities are hotbeds of human trafficking, Medicare fraud, and “crash for cash” auto insurance frauds.”

⁷⁵No original: “In 1915, future Supreme Court Justice Louis Brandeis gave a speech on what he called “Americanization Day”—the Fourth of July. He said that the process of newcomers becoming Americans involved not only superficial changes, such as adopting “the clothes, the manners and the customs generally prevailing here” or even the “far more important” acquisition of English. The change, he said, was far more “fundamental”: [T]he immigrant is not Americanized unless his interests and affections have become deeply rooted here. And we properly demand of the immigrant even more than this. He must be brought into complete harmony with our ideals and aspirations and cooperate with us for their attainment. Only when this has been done will he possess the national consciousness of an American. And Brandeis was talking exclusively about European immigrants—not Mapuche Indians of Araucanía, with their rich tradition of human sacrifice. Flash to 2014: The U.S. Court of Appeals for the Ninth Circuit upholds a California school’s ban on wearing American flag T-shirts so as not to upset Mexican immigrants celebrating Cinco de Mayo.”

Israel Zangwill chamada *The melting-pot* (“O caldeirão”, em tradução do inglês), de 1908, buscou mostrar a capacidade do Novo Mundo (no caso, os Estados Unidos) em apagar ressentimentos, as rivalidades e ódios oriundos do Velho Mundo (a Europa): nela, um judeu que vivia na Rússia e conseguiu sobreviver a perseguição que ocorria no país, fugiu para os Estados Unidos onde se casou com a filha do oficial que havia dado cabo de sua família. Os Estados Unidos seriam o caldeirão de “raças”. Essa ideia está relacionada com o processo de “Americanização”:

Como Wattenerg observa “Zangwill encontrou a metáfora exata para traduzir a experiência do imigrante urbano dentro do Excepcionalismo Americano. Se eles deveriam sofrer para serem derretidos no caldeirão então eles tornariam-se tão Americanos quanto a todos os outros” (2001) Esse modelo Americano de assimilação foi reforçado pelos valores e ideais essenciais estabelecidos pelos colonos Anglo Protestantes originais do país que estão integrados no Credo Americano, que promove os princípios de liberdade, igualdade, individualismo, populismo e *laissez-faire* que sustenta a Constituição dos Estados Unidos. O modelo também abraça, como Wattenberg nota, a noção do Excepcionalismo Americano, uma expressão cunhada por Alexis de Tocqueville em meados do século XIX que assume que a extraordinária História e desenvolvimento da nação garante seu lugar especial no mundo. (OWEN, 2005, p. 01, tradução nossa)⁷⁶

Em um primeiro momento acreditava-se na força da ideia e das instituições estadunidenses para que esse processo fosse levado adiante:

Confiava-se na superioridade natural do ambiente democrático para levar os estrangeiros a adotar os estilos de vida de seu novo país. Mesmo que os pais, nascidos em outros países, fossem incapazes de realizar uma transição total para a nova cultura, esperava-se que as escolas públicas ajudassem seus filhos a completarem a transformação e a converterem-se em cidadãos dignos de confiança. (COBEN, 1976, p. 296)

Ao notarem que os métodos convencionais não estavam funcionando, alguns setores da sociedade buscam um caminho independente para garantir que o patriotismo fosse passado aos imigrantes. No contexto da I Guerra Mundial, o problema acaba por agravar-se:

⁷⁶No original: “As Wattenberg observes, “Zangwill had found exactly the right metaphor to translate the urban immigrant experience into American Exceptionalism. If they would but suffer to be melted in the pot, then they would become just as American as anyone else” (2001). This “American model” of assimilation was reinforced by core values and ideals established by the country’s original Anglo Protestant settlers that are embedded in the American Creed, which promotes the principles of liberty, equality, individualism, populism, and *laissez-faire* that underpin the U.S. Constitution. The model also embraced, as Wattenberg notes, the notion of American Exceptionalism, a phrase coined by Alexis de Tocqueville in the mid-19th century which assumes that the nation’s extraordinary history and development warrants its special place in the world. American Exceptionalism is rooted in the conviction that the country’s vast frontier offers boundless and equal opportunities for individuals to achieve their goals through hard work and self-sacrifice.”

A partir da década de 1890, as Filhas e Filhos da Revolução Americana, e algumas outras associações afins, estabeleceram programas não-formais de educação patriótica, a fim de doutrinar os imigrantes adultos com a linguagem e os costumes aprovados pelos patriotas. Quando a I Guerra Mundial revelou uma chocante ausência de lealdade para com o esforço militar da nação, especialmente entre os americanos de origem irlandesa, alemã ou austríaca, a aceitação geral da diversidade desapareceu. Até cidadãos moderados, que não esperavam uma revolução depois da guerra, apoiaram os programas extraordinariamente ampliados e habilmente organizados de americanização, que tinham por alvo adultos e crianças de raça estrangeira. (COBEN, 1976, pp. 296-297)

Com apoio de parte da população e anuência do governo, cenas de violência acabam se alastrando: “Por vezes, registraram-se cenas que lembravam os *pogroms* do Velho Mundo. Em Flat River, Missouri, em meados de julho de 1917, centenas de trabalhadores imigrantes foram subitamente expulsos da cidade por “patriotas” locais ávidos por procurar seus empregos (ABRAMS, 1976, p. 118). O fervor patriótico, acompanhado do vigilantismo e da histeria, passa então a cobrar a americanização forçada:

Num punhado de extraordinários incidentes, pessoas foram alvejadas a tiro por fanáticos por não se levantaram durante a execução do Hino Nacional. Muitas outras foram detidas por falar “desrespeitosamente” da bandeira ou, simplesmente, por se recusarem a pô-la na janela quando solicitada. As sentenças por tais delitos eram pronunciadas rapidamente, levando as vítimas a meses ou até anos de cadeia. Os patriotas atacavam especialmente os americanos de origem alemã, submetendo-os a toda a espécie de humilhações, como demonstrarem sua “lealdade” ajoelhando-se e beijando em público a bandeira americana. (ABRAMS, 1976, p.118)

Os mexicano-americanos já encontravam problemas com a segregação na década de 1920:

Gradualmente, os mexicano-americanos gravitaram rumo às cidades, como San Antonio, El Paso e especialmente Los Angeles, que prometiam uma vida de maior variedade e talvez de maiores oportunidades econômicas do que o trabalho nos desertos recuperados. Nessas cidades, entretanto, os mexicanos foram segregados por muralhas de preconceito, pobreza e idioma nos *barrios*, com escolas, instalações sanitárias e moradia inferiores. Pais de língua espanhola enviavam os filhos inadequadamente preparados para escolas dominadas por professores e administradores “ingleses”, pelo que as deficiências acadêmicas e econômicas dos pais eram frequentemente transmitidas à geração seguinte. (COBEN, 1976, p. 345)

A situação não ficava restrita a este grupo, atingindo também os imigrantes vindos da Europa:

Em menor grau, outras minorias étnicas - irlandeses, italianos, judeus da Europa Oriental e poloneses – espalhadas pelas cidades do país compartilhavam das desvantagens e dos obstáculos dos negros e mexicanos, tal como os 40.000 porto-riquenhos que se mudaram para Nova York depois das restrições impostas à imigração. Só um tremendo

esforço permitia a alguns escaparem à sorte dos demais e a muitos faltava o desejo de deixarem seus familiares enclaves étnicos. (COBEN, 1976, p. 345)

Leis que pretendiam restringir a imigração foram aprovadas em 1917, 1921 e 1924 e representam uma vitória para grupos que estimulavam o pânico falando sobre um suposto desaparecimento da população branca no futuro. Duas obras da época merecem destaque: *The passing of the great race* (1916), escrito por Madison Grant, sustenta a ideia de que as guerras e a miscigenação colocavam em perigo os nórdicos ou o sangue nórdico (que seria o criador da civilização ocidental, uma vez que nomes de destaque em várias áreas compartilhavam deste sangue) e *The rise tide of color against the white world supremacy* (1920), escrito por Lothrop Stoddard, que também alertava para o desaparecimento do mundo branco, outrora dominador de diversos povos. O aumento de “pessoas de cor”, a industrialização de China e Japão, o nacionalismo em países colonizados e a miscigenação seriam perigos a serem enfrentados e a solução proposta seria a restrição da imigração de pessoas não-brancas para países com população majoritariamente branca.

Os centros educativos e recreativos tiveram um importante papel no cuidado com a população imigrante e contribuíram para a ideia de pluralismo cultural:

Em primeiro lugar, em decorrência de seus esforços de reabilitação dos imigrantes frequentemente desmoralizados com que lidavam, muitos assistentes sociais – especialmente em *Hull House* – aprenderam a apreciar o valor da herança étnica dos imigrantes. Com base nessa experiência, John Dewey, que trabalhara com residentes da *Hull House*, desenvolveu a ideia do pluralismo cultural – a coexistência de diversos grupos que alimentavam sistemas de valor e preferências étnicas divergentes - não só como um arranjo social viável, mas também como a consubstanciação das mais importantes qualidades de uma sociedade democrática. (ABRAMS, 1976, p. 69)

O primeiro centro surgiu em 1886, em Nova York e, em 1910, já chegavam à marca de 400. Ligados ao cristianismo social e na esteira de um processo que buscava dar relevância a uma igreja que era cada vez mais de classe média e superior, buscavam combater os males de uma sociedade pecadora, como alcoolismo, prostituição, pequenos atos de corrupção, visando também “estabelecer ligação pessoal com as classes assalariadas e estrangeiras de nascimento, e converter o bairro ou distrito numa unidade de coesão social de que a grande cidade estava tão nitidamente carente” (ABRAMS, 1976, p. 65).

Graças a essas experiências, uma outra ideia de assimilação surgiu contestando o processo de Americanização e a ideia de *Melting-Pot*:

Entendendo a americanização como resultado da imposição autoritária de padrões culturais uniformes a uma população formada por imigrantes de origens diversas, o filósofo Horace Kallen, imigrante judeu alemão, publicou, em 1915, o ensaio *Democracy versus the Melting-Pot* (Democracia contra o caldeirão de “raças”) no qual propunha o conceito de pluralismo cultural. Como cada instrumento de uma orquestra contribui com timbre próprio para o som harmônico de uma sinfonia, também cada grupo de imigrantes contribuiria, segundo ele, com sua cultura própria para o som harmônico da nação norte-americana. Para Kallen, até o nome do país, Estados Unidos da América, desvinculava-o de qualquer filiação étnica ou nacional, ao contrário da Inglaterra, país dos anglos, ou da França, país dos francos. (LIMONCIC, 2024, p. 83)

A autora se contrapõe a ideia de que os Estados Unidos são uma nação de imigrantes e que sempre foi diversa. Para ela, é uma nação dos colonos ingleses e holandeses e isto não surpreenderia ninguém caso História dos Estados Unidos ainda fosse ensinada em escolas do país. Aqui, Coulter recupera e alinha-se ao mito de origem dos pais peregrinos (*pilgrim fathers*). Este mito conta que, no século XVII, um grupo de protestantes rompidos com a Igreja Anglicana, cruzou o Atlântico à bordo do navio *Mayflower*, onde firmaram o Pacto Mayflower (documento que previa leis iguais e justas) e fundou a colônia de Plymouth. Este grupo estava munido da carta patente da *Virgínia Company of London*, uma das companhias organizadas por comerciantes e que visavam estabelecer assentamentos na América do Norte. As lideranças do grupo eram oriundas dos chamados Separatistas, que fugiram para a Holanda graças à perseguição religiosa que havia na Inglaterra e encontraram dificuldades no novo país, o que os motivou a procurar outro local para viver. O aspecto religioso se fez presente também em discursos e sermões feitos na colônia: a ideia de uma excepcionalidade da situação, de um povo eleito por Deus em busca da sua Terra Prometida. O sermão de John Winthrop, que fala da cidade sobre a colina a qual todas as nações olham na direção, foi e continua sendo mobilizado por políticos e governantes. Vejamos a relação deste mito de origem com a historiografia:

Os pais peregrinos são tomados como fundadores dos Estados Unidos. Não são pais de toda a nação, são os pais da parte WASP (em inglês, *white, anglo-saxon protestant*, ou seja, branco anglo-saxão e protestante) dos EUA. Em geral, a historiografia costuma consagrá-los como modelos de colonos. Construiu-se uma memória que identificava os peregrinos, o *Mayflower* e o Dia de Ação de Graças como as bases sobre as quais a nação tinha sido

edificada. Como toda memória ela precisa obscurecer alguns pontos e destacar outros. (KARNAL, 2015, pp. 46-47)

Assim, Coulter (2015), ao invocar a História dos Estados Unidos, não está completamente errada, já que a própria historiografia estadunidense consagra os pais da parte “WASP” como colonos-modelo e uma das bases da nação. Junqueira (2023) diz que o mito de origem relacionado com a miscigenação associado à colonização do estado de Virgínia - o casamento do colono John Smith com a indígena Pocahontas - ficou relegado a um âmbito local enquanto o mito dos puritanos peregrinos foi alçado a uma narrativa nacional. O problema é que Ann Coulter desconsidera que narrativas nacionais e mitos de origem são construídos e frutos de escolhas. A autora defende uma perspectiva que não é nova entre os estadunidenses: a defesa das origens nórdicas, ou de brancos oriundos do norte da Europa ou da Europa Ocidental. Coulter (2015) examina a descendência dos presidentes estadunidenses para confirmar essa perspectiva das origens brancas da Europa Ocidental ou do Norte:

A vasta maioria dos presidentes dos Estados Unidos foram descendentes de britânicos ou holandeses. Não existiu um único sem algum ancestral britânico. Nem um. Os poucos presidentes recentes com etnias exóticas foram: Teddy Roosevelt e Franklin Roosevelt, que eram parte franceses, além de britânicos e holandeses, Herbert Hoover, que era suíço e alemão, além de britânico, Dwight Eisenhower, que era suíço e alemão, além de britânico, Richard Nixon, que era parte alemão, além de britânico, George H. W. e W. Bush, que eram também parte alemães, além de britânicos e holandeses e Barack Obama, que é parte queniano, além de britânico. (COULTER, 2015, p. 44, tradução nossa)⁷⁷

Segundo a autora, os pioneiros que chegaram no território estadunidense não seriam imigrantes pois não existiria uma sociedade estabelecida naquele lugar. Além disso, coloca-se contra também a ideia dos Estados Unidos como uma nação feita por imigrantes e aproveita para novamente ironizar os indígenas estadunidenses:

América não é uma mera massa terrestre – caso contrário, os índios teriam escrito a Declaração de Independência e colocado o homem na Lua. Longe de descobrirem a América, os índios nem detectaram América. Não existia América até os britânicos e holandeses chegarem. Eles não são imigrantes porque não havia uma sociedade estabelecida para eles partirem. Sem os colonos brancos, o que é conhecido como “América” continuaria a ser um continente sem nome cheio de tribos migratórias correndo atrás do traseiro

⁷⁷No original: “The vast majority of U.S. presidents were exclusively of British or Dutch descent. There has not been a single one without at least some British ancestry. Not one. The few recent presidents with exotic ethnicities were: Teddy Roosevelt and Franklin Roosevelt, who were part French—in addition to British and Dutch; Herbert Hoover, who was Swiss and German—in addition to British; Dwight Eisenhower, who was German and Swiss—in addition to British; Richard Nixon, who was part German—in addition to British; George H. W. and W. Bush, who are also part German—in addition to British and Dutch; and Barack Obama, who is part Kenyan—in addition to British.”

de um búfalo toda vez que seus estômagos roncassem. (COULTER, 2015, p. 43, tradução nossa)⁷⁸

Mais adiante, Coulter defende o caráter “não-diverso” dos Estados Unidos:

Por centenas de anos antes da assinatura da Declaração e centenas de anos depois, a América foi extraordinariamente não diversa etnicamente (britânicos, holandeses, África ocidental e germânicos, em práticas religiosas (majoritariamente protestante e 98 por cento cristã), na língua (inglês) e em costumes culturais (sem lamentos em funerais ou estupro de crianças). (COULTER, 2015, p. 44, tradução nossa)⁷⁹

Neste momento do livro, Samuel Huntington, autor de prestígio acadêmico e político conhecido pela teoria do “Choque de Civilizações”, fundador da revista *Foreign Affairs* e ex-diretor de planejamento de segurança do Conselho de Segurança Nacional durante o governo Jimmy Carter (1977-1981) é citado pela autora defendendo a singularidade dos colonos que chegaram naquele território:

O professor de Harvard Samuel Huntington pergunta: “A América ainda seria a América que é hoje se no século XVII e XVIII ela fosse colonizada não por britânicos protestantes, mas por franceses, espanhóis ou portugueses católicos?” Claramente não. “Não seria América, seria Quebec, México ou Brasil” O autor Richard Brookhiser escreve: O caráter Anglo-Saxão, Branco e Protestante é o caráter americano...É o molde, modelo, o arquétipo, o conjunto de eixos em que o cristal cresceu. Sem Anglo-Saxões, brancos e protestantes, seria completamente outra nação. (COULTER, 2015, p. 45, tradução nossa)⁸⁰

⁷⁸No original: “America is not a mere landmass—otherwise, the Indians would have written the Declaration of Independence and put a man on the moon. Far from discovering America, Indians didn’t even detect America. There was no America until the British and Dutch arrived. They were not “immigrants” because there was no established society for them to move to. Without the white settlers, what is known as “America” would still be an unnamed continent full of migratory tribes chasing the rear end of a buffalo every time their stomachs growled.”

⁷⁹No original: “For one hundred years before the signing of the Declaration, and one hundred years after, America was extraordinarily un-diverse in ethnicity (British, Dutch, West African, and Germanic), in religious practice (overwhelmingly Protestant, 98 percent Christian), in language (English), and in cultural mores (no wailing at funerals or child rape).”

⁸⁰No original: Harvard professor Samuel Huntington asks: “Would America be the America it is today if in the 17th and 18th centuries it had been settled not by British Protestants but by French, Spanish, or Portuguese Catholics?” Clearly not: “It would not be America; it would be Quebec, Mexico, or Brazil.” Author Richard Brookhiser writes: “The WASP character is the American character. . . . It is the mold, the template, the archetype, the set of axes along which the crystal has grown. Without the WASP it would be another country altogether.”

É interessante notar a particular interpretação do autor sobre a acessibilidade do “Sonho Americano”, principalmente em relação aos mexicano-americanos que vivem nos Estados Unidos:

Huntington chegou a afirmar que só existiria um sonho americano criado por uma sociedade anglo-protestante e que os mexicano-americanos só poderiam partilhar desse sonho se sonhassem em inglês (Huntington, 2004) Uma tal representação da identidade norte-americana, avessa ao multiculturalismo, responsabilizado pela deterioração dos padrões sociais, políticos e econômicos dos EUA, não parece manter qualquer relação com a realidade do processo em curso, mas é esposada por um segmento conservador da sociedade, hoje, como foi em outros momentos da história dos EUA. (AZEVEDO, 2007, p. 88)

Isso vai contra a definição do “Sonho Americano” de Truslow Adams, que fala em independência de “circunstâncias fortuitas, como nascimento ou posição”. A teoria do “choque de civilizações” propõe que os conflitos pós-Guerra Fria envolveriam aspectos culturais e religiosos, com o autor dividindo o Mundo em nove civilizações e alertando para um declínio da civilização ocidental. Como exemplo de como essas narrativas e mitos podem aparecer nos quadrinhos, podemos ver de que forma o Capitão mobiliza o Sonho Americano junto da ideia do excepcionalismo estadunidense na figura 21. A prancha dividida em nove quadros apresenta os personagens discutindo sobre qual destino de Alexa Lukin, Steve Rogers destaca a oportunidade de fazer a coisa certa, não se igualando aos inimigos da Elite do Poder, a necessidade de acreditar que os heróis são melhores que seus adversários e sua crença no Sonho. O Capitão América, o modelo do que os EUA deveriam ser, é contrário ao assassinato de Alexa pela necessidade em acreditar na proposição de Truslow Adams de que a vida deve ser melhor e, também, em uma “ordem social onde cada homem e cada mulher pode ser capaz de atingir no mais alto grau o que eles são inatamente capazes” (1931, p. 404) além da crença que os EUA são diferentes de todas as outras nações e têm uma missão de transformar o mundo. Caso o Capitão parasse de acreditar nesses mitos e narrativas nacionais, ele perderia sua essência. Um aspecto de destaque é que o Capitão não vê problemas em violar a soberania de outros países caso assassinato estivesse em jogo.

Figura 21 - Excepcionalismo do Capitão



Fonte: COATES, Ta-Nehisi; KIRK, Leonard. *Os Vingadores*, v.35, 2022, p.79.

Os dois últimos quadros, apesar de separados, formam uma só imagem, com Steve falando e Sharon Carter observando. Essa separação nos parece intencional, pois Sharon quem entrega informações ao Rei do Crime sobre o paradeiro de Alexa, o que acaba culminando na sua morte da vilã.

Voltando ao pensamento de Coulter (2015), esta, apesar de defender o caráter branco, anglo-saxão e protestante, também inclui os afro-estadunidenses:

Até o ataque de Teddy Kennedy, a América nunca foi menos de 99 por cento de brancos da Europa Ocidental e pretos da África Ocidental. Isso é “bi-racial”, não “diverso”. Afro-americanos são tão parte da América Anglo-Saxã como os próprios anglo-saxões. Entusiastas do trabalho barato amam insultar trabalhadores negros com plenos elogios aos imigrantes que trabalham duro fazendo trabalhos que “americanos” -pisca, pisca- “simplesmente não fazem”. Mas você não consegue entender a América sem falar sobre os negros. América é a única nação a fazer uma revolução sobre o princípio que todo homem é igual perante Deus e é a única nação a lutar uma guerra civil

sangrenta para acabar com a escravidão e redimir aquele compromisso.⁸¹
(COULTER, 2015, p. 45, tradução nossa)

Ann Coulter pode acreditar que os afro-estadunidenses são parte dos Estados Unidos anglo-saxão, mas isso não é o que se verifica historicamente:

Uma nação forjada na Conquista do Oeste, fundada por homens de virtude cívica, caldeirão de “raças”, culturalmente plural. Em tais narrativas, os afro-americanos estavam ausentes, assim como estavam, evidentemente, da narrativa WASP. Nada de novo. Desde a fundação da República, os Estados Unidos foram pensados como um país de brancos. A primeira lei de naturalização, de 1790, já dizia que o aplicante deveria ser branco. Índios eram considerados estrangeiros; escravizados, um mal necessário. (LIMONCIC, 2024, p.83)

A narrativa nacional dos “WASP”, também conhecida como *nativista*, legitimou a lei de segregação conhecida como “Jim Crow” nos estados do Sul no período pós-Guerra Civil. Os mais impactados por essa lei, implementada no período conhecido como “Reconstrução”, foram os ex-escravizados e os seus descendentes, que eram obrigados a frequentar locais e instituições públicas separadas da dos brancos. Foi nesse mesmo período histórico que surgiu a Ku Klux Klan, ou KKK, grupo que promovia violência, perseguições e humilhações públicas aos afro-estadunidenses. Dissolvida em 1869, uma segunda versão do grupo voltaria a atuar depois de 1915, estimulado pelo filme *O nascimento de uma nação* e tendo como alvo de suas perseguições negros, imigrantes judeus e católicos.

Outro ponto passível de discussão seria que de que a Guerra Civil estadunidense tinha como objetivo acabar com a escravidão. De acordo com Junqueira (2023), o objetivo do Norte na Guerra Civil estadunidense ou Guerra de Secessão, era evitar a divisão dos Estados Unidos em dois países, apesar do partido do presidente Lincoln na época, o Republicano, ser a favor da abolição da mão de obra escravizada. O exército nortista era chamado exército da União, o que evidenciaria as aspirações do Norte. Izecksohn (2022) defende que a escravidão foi o elemento central que levou tanto à secessão quanto à guerra e que isto seria bem

⁸¹No original: “Until Teddy Kennedy struck, America was never less than 99 percent white Western European and West African black. That’s “bi-racial,” not “diverse.” African Americans are every bit as much a part of Anglo-Saxon America as the Anglo-Saxons themselves. Cheap-labor enthusiasts love to insult black workers with fulsome tributes to hardworking immigrants doing jobs that “Americans”—wink, wink—“just won’t do,” but you cannot understand America without talking about blacks. America is the only country to fight a revolution based on the principle that all men are equal before God, and it is the only country to fight a bloody civil war to end slavery and redeem that promise.”

comprovado pela historiografia dos últimos 50 anos. (Karnal *et al*, 2015) defende que o embate se deu com objetivo de recuperar a unidade territorial e transforma-se na luta para acabar com a escravidão graças aos escravizados e abolicionistas. A Lei de Emancipação dos Escravos, de 1º de janeiro de 1863, foi fruto das pressões de diversos setores, da ausência de acordos quanto a escravidão nas terras do Oeste, da possibilidade de acelerar o fim da guerra e conferir popularidade ao governante. Limonic (2024), por exemplo, afirma que o conflito teria começado limitado e tendo como objetivo evitar a secessão de alguns estados escravistas – tanto que quatro deles (Delaware, Kentucky, Missouri e Maryland) ainda faziam parte da União ao fim do conflito.

Segundo o pensamento de Coulter (2015), as leis antidiscriminação, direitos civis, programas de bem-estar social, cotas raciais, alterações constitucionais sobre propriedade privada e liberdade de contrato, criminalização de certas palavras foram feitas para os negros estadunidenses, como forma de corrigir a experiência destes naquela sociedade. Não existiria necessidade de direitos civis sem os negros (p. 52). Agora existiria um novo movimento de direitos civis, mas excluindo os afro-estadunidenses. Mais um indicativo da interpretação originalista da Constituição por parte da autora, buscando apreender a intenção original da lei para negar direitos civis aos imigrantes. Assim, nos parece que o argumento visa estimular uma divisão entre os afro-estadunidenses e os imigrantes. O fato de os direitos civis serem uma conquista dos afro-estadunidenses não impede que estes possam ser ampliados para corrigir a experiência destes na sociedade, bem como esta ampliação não implica em perda de direitos dos primeiros.

Coulter (2015) cita o estudo de um professor de Harvard de posicionamento pró-diversidade como exemplo de que ela seria “prejudicial”. Essa passagem também passa a impressão de que a intenção da autora é mostrar como acadêmicos tentam manipular ou encontrar somente os resultados que desejam em suas pesquisas, atribuindo descrédito ao trabalho destes:

Robert Putnam, professor de Harvard e autor de *Bowling Alone*, passou anos estudando os efeitos da diversidade étnica no bem-estar de uma comunidade. Na verdade, diversidade é um desastre. Contrariando sua expectativa – e desejo! - o estudo de Putnam mostrou que quanto maior a diversidade étnica, menos as pessoas confiavam em seus vizinhos, seus líderes locais e até as notícias. Pessoas em comunidades diversas doavam menos para a caridade, votavam menos, tinham menos amigos, estavam mais infelizes e eram mais propensas a descrever a televisão como “minha

mais importante forma de entretenimento.” (COULTER, 2015, p. 53, tradução nossa)⁸²

Minnesota é usada como exemplo para demonstrar como a diversidade, aliada a política de imigração estadunidense, seria prejudicial para o país, associando os refugiados a grupos terroristas e a outros tipos de crimes:

Em poucas décadas, Minnesota foi de ter aproximadamente 99 por cento de alemães, holandeses, finlandeses, dinamarqueses e poloneses para 20 por cento de imigrantes africanos, incluindo ao menos uma centena de milhares somalis. E isso não contando os somalis que recentemente deixaram o país para lutar com a Al Qaeda e o ISIS. Centenas de milhares é apenas uma estimativa. Nós não sabemos precisamente quantos somalis o governo federal trouxe como refugiados porque o governo não nos diz. A verdade não deve ser confiada ao público. Desde que se tornou mais multicultural, Minnesota se tornou um berço de fraudes de cartão de crédito, tráfico humano e roubos. (COULTER, 2015, p. 67, tradução nossa)⁸³

Acreditamos que esse ataque de Coulter ao multiculturalismo pode ser melhor compreendido utilizando o trabalho de Sarah M. Iler (2017) que trata do uso do termo “multicultural” nos Estados Unidos e que, em 1917, tinha seu uso ligado à agricultura:

Isso foi sucedido pelo aparecimento do senso humanístico do termo na década de 1930 para comumente descrever um ideal individual com competência em múltiplas culturas mundiais diferentes ou gêneros de cultura artística como música, literatura e poesia. O senso sociológico do termo emergiu por volta do mesmo tempo, como uma descrição de uma situação social onde múltiplos grupos etnicamente, racialmente e nacionalmente diferentes viviam juntos numa comunidade compartilhada. Dentro de 15 anos, o sentido humanístico do termo se tornou arcaico e o sentido ligado à agricultura, esotérico. Ao mesmo tempo, o sentido sociológico do termo emergiu como o sentido primeiro de multicultural e inspirou a criação de um sentido completamente novo, educacional do termo, que por fim, o suplantou. O período entre 1946 e 1973 foi especialmente formativo. (...) Esse período viu o primeiro aparecimento de multiculturalismo, primeiro como uma descrição e depois como uma filosofia política e uma política oficial no Canadá. Além disso, o sentido sociológico do termo nos Estados Unidos mudou paralelo a Guerra Fria e o Movimento de Direitos Civis. Sob essa

⁸²No original: “Robert Putnam, Harvard professor and author of *Bowling Alone*, has spent years studying the effects of ethnic diversity on a community’s well-being. It turns out diversity is a train wreck. Contrary to his expectation—and desire!—Putnam’s study showed that the greater the ethnic diversity, the less people trusted their neighbors, their local leaders, and even the news. People in diverse communities gave less to charity, voted less, had fewer friends, were more unhappy, and were more likely to describe television as “my most important form of entertainment.”

⁸³No original: “In just a few decades, Minnesota has gone from being approximately 99 percent German, Dutch, Finnish, Danish, and Polish to 20 percent African immigrant, including at least one hundred thousand Somalis. And that’s not counting the Somalis who have recently left the country to fight with al Qaeda and ISIS. One hundred thousand is just an estimate. We don’t know precisely how many Somalis the federal government has brought in as “refugees” because the government won’t tell us. The public can’t be trusted with the truth. Since becoming more multicultural, Minnesota has turned into a hotbed of credit card skimming, human trafficking, and smash-and-grab robberies.”

influência, o termo evoluiu de uma positiva descrição de diversidade como um traço excepcional da sociedade estadunidense em uma visão alternativa desta. (ILER, 2017, pp. 175-176)⁸⁴

Sarah Iler nos mostra também que a diversidade nem sempre foi vista como negativa dentro da sociedade estadunidense:

Ao término dos anos de 1950, a maioria dos estadunidenses concordavam que os Estados Unidos era uma sociedade multicultural com uma herança multicultural. Muitos também acreditavam que essa diversidade enriquecia a democracia estadunidense e a separava dos regimes totalitários na Europa. Mas o amanhecer do Movimento afro estadunidense pelos Direitos Civis nos anos 1950 desafiou essa percepção ao jogar luz nas contradições morais entre os estimados ideais democráticos e a realidade das relações raciais estadunidenses. Entre meados dos anos de 1950 e o início dos anos 1970, acadêmicos, políticos e membros públicos estadunidenses questionaram o que significava para os Estados Unidos serem uma sociedade democrática, multicultural e debateu como reconciliar melhor o ideal democrático com as realidades da desigualdade racial, política e social. ⁸⁵ (ILER, 2017, p. 150, tradução nossa)

Os termos *multicultural* e *multiculturalismo* tornam-se controversos a partir da concepção da Educação Multicultural, no início dos anos de 1970. Ao indagar-se sobre a queda na popularidade do conceito, Iler (2017) fala em uma “frustração generalizada seguida das guerras culturais sobre o papel do multiculturalismo na vida pública estadunidense” (p. 171, tradução nossa)⁸⁶. Os termos passaram a ser vistos

⁸⁴No original: “This was followed by the appearance of the humanistic sense of the term in the 1930s to generally describe an ideal individual with competency in multiple different world cultures or genres of artistic culture such as music, literature and poetry. The sociological sense of the term emerged around the same time as a description of a social situation where multiple different ethnic, racial, and national groups live together in a shared Community. Within 15 years, the humanistic sense of the term had become archaic and the agricultural sense of the term had become esoteric. At the same time, the sociological sense of the term emerged as the primary meaning of multicultural and inspired the creation of a completely new, educational meaning of the term, which eventually surpassed it. The period between 1946 and 1973 was especially formative. (...) This period saw the first appearance of multiculturalism, first as a description and then as a political philosophy and official state policy in Canada. In addition, the sociological meaning of the term in the United States changed alongside the Cold War and Civil Rights Movement. Under this influence, the term evolved from a positive description of diversity as an exceptional trait of American Society into an alternative vision of it.”

⁸⁵No original: “By the end of the 1950s, most Americans agreed that the United States was a multicultural society with a multicultural heritage. Many also believed that this diversity enriched American democracy and set it apart from totalitarian regimes in Europe. But the Dawn of the African American Civil Rights Movement in the 1950s challenged this perception by illuminating the moral contradictions between the nation’s cherished democratic ideals and the reality of American race relations. Between mid-1950s and the early 1970s, scholars, politicians, and members of American public questioned what it meant for America to be a democratic, multicultural Society and debated how best to reconcile the democratic ideal with the realities of racial, political, and social inequality.”

⁸⁶No original: “widespread frustration following the culture wars over the role of multiculturalism in American public life.”

de forma positiva ou negativa de acordo com a visão política dos indivíduos. Nos anos 1980 e 1990, a situação se aprofundou:

Durante os anos 1980 e 1990, o multiculturalismo se tornou conceitualmente ligado com o conceito de politicamente correto. Em meados dos anos 1990, muitos estadunidenses estavam fartos com a abordagem predominante da diversidade cultural que refletiu em treinamento de sensibilidade, políticas identitárias, códigos de fala e o politicamente correto (ILER, 2017, p.171, tradução nossa)

Nos parece que essa é uma das queixas de Ann Coulter, especialmente ao tratar do tema da imigração. De acordo com a sua visão, as políticas de imigração estadunidense afetariam os trabalhadores menos qualificados e mais pobres, e até mesmo imigrantes que chegaram mais recentemente ao país. A necessidade de trabalho permitiria que as condições de trabalho e salários caíam, graças a esse contingente de pessoas recém-chegadas necessitando de dinheiro. Atitude que beneficiaria os privilegiados:

Adivinhe quem são mais prejudicados por nossas políticas de imigração? Americanos com poucas qualificações para trabalho, especialmente americanos negros. Sabe quem mais é prejudicado pela constante importação de trabalhadores com baixa qualificação? Imigrantes hispânicos - os mesmos que foram aceitos no ano passado e no ano anterior e no ano anterior ao anterior. (COULTER, 2015, p. 63, tradução nossa)⁸⁷

Novamente a autora estimula a divisão, agora também entre os imigrantes. Nenhum tipo de proposta visando aumentar a qualificação destes trabalhadores ou garantir um salário digno para eles. Retornemos aos quadrinhos do Capitão América: sendo um personagem “fora do tempo”, de uma era em que a distinção entre bem e mal seria mais simples, o personagem mostrou relutância em auxiliar imigrantes ilegais, já que ele estaria infringindo a lei. Porém, ele entende que para redimir sua reputação manchada, era necessário estar ao lado dos mais necessitados, dos oprimidos e não da lei. Por isso, age contra os Cães de Guarda, uma milícia local que estava atacando trabalhadores migrantes ilegais (Figura 21). A milícia usa máscaras

⁸⁷No original: “Guess who’s hurt the most by our immigration policies? Americans without a lot of job skills, especially black Americans. You know who else is hurt by the constant importation of low-skilled workers? Hispanic immigrants—the ones who were admitted last year, and the year before, and the year before that.”

que lembram a bandeira confederada estadunidense, símbolo utilizado por grupos racistas e supremacistas brancos. A página está dividida em cinco quadros, onde nos dois primeiros temos os Cães de Guarda atirando e espancando os migrantes. No terceiro, uma criança corre chorando e no quarto um membro da milícia se prepara para atirar. No quinto, ele é interceptado pelo escudo do capitão, que deixa um rastro vermelho, branco e azul, o que dá todo um simbolismo à página. Nos parece um importante contraponto ao discurso de Coulter, que mobiliza muito a lei, mas falha em oferecer soluções que não sejam simplórias.

Figura 22 – Capitão América salva os imigrantes ilegais



Fonte: COATES, Ta-Nehisi; MASTERS, Jason; IZAAKSE; WALKER, et al. *Capitão América*, v.8, 2020, não paginado.

Como vimos, o pensamento de Ariella sobre a imigração ilegal não difere do pensamento de Coulter (2015). A autora vê os imigrantes ilegais como os principais vetores de criminalidade e problemas enfrentados pelos Estados Unidos e sua concepção da História estadunidense reivindica um caráter branco e anglo-saxão, excluindo os povos indígenas e recusando a noção de uma sociedade diversa, advogando a concepção de uma sociedade birracial. Ela deu destaque ao papel dos negros estadunidenses em sua versão da história do país afirmando que estes têm lugar entre os “WASP”, o que nos parece algo profundamente contraditório, uma vez que foi esse primeiro grupo quem legitimou as Leis Jim Crow e a atuação de organizações como a KKK. Nos parece que Coulter (2015) traz esta concepção para o debate somente para tentar atenuar o seu alinhamento com os “WASP”, além de lembrar o papel que o Partido Democrata teve na segregação a fim de colocá-los contra os imigrantes, alegando que existe um novo movimento de direitos civis sem os negros, bem como procura sublinhar e acirrar diferenças entre os diversos grupos.

2.3 Hail Lobster: É possível aproximar Jordan Peterson do Caveira Vermelha?

Trataremos nesta seção da figuração de Jordan B. Peterson nos quadrinhos do Capitão América utilizando a obra intitulada *12 regras para a vida: um antídoto para o caos*, de 2018. Peterson é formado em Ciência Política e Psicologia e foi professor na Universidade de Toronto e em Harvard. Além disso, ele é comentarista de mídia e escritor. Peterson atraiu muita atenção pela sua recusa em utilizar pronomes para designar a preferência de gênero, o que contrariava o projeto de Lei C-16 do governo canadense, e seu canal de *Youtube*, onde postava suas palestras, comentários e entrevistas, rapidamente passou a ganhar relevância. Ele é apontado como membro da *Intellectual Dark Web*, um grupo de intelectuais, pensadores e personalidades midiáticas que estão fora dos meios midiáticos tradicionais e que formaram a sua própria rede através de *podcasts*, canais no *Youtube* e perfis em outras plataformas digitais onde criticam políticas identitárias, difundem alertas sobre “ameaças” à

liberdade de expressão e defendem a existência de diferenças de cunho essencialista entre homens e mulheres (Weiss, 2018 apud Finlayson, 2021).

Como dissemos no primeiro capítulo, os assuntos que aparecem na tela do laptop do segundo quadro da Figura 15 (*Ordem e Caos, Dez regras para a vida*), a genialidade de Karl Lueger e a “armadilha feminista” são temas caros a Peterson. Não é difícil perceber que *Dez regras para a vida* é uma alusão ao título do livro *12 regras para a vida: um antídoto para o caos*. Além disso, o tema “ordem e caos” aparece de forma recorrente ao longo da obra. Karl Lueger parece ser uma referência a Carl Jung, pensador que influencia bastante o pensamento de Peterson. A página do quadrinho também retrata o processo de radicalização de indivíduos que ocorre na internet, principalmente no site de vídeos *Youtube*: ao acessar um vídeo, o algoritmo começa a sugerir outros com temática semelhante, fazendo com que o usuário caia em uma espiral, consumindo conteúdos cada vez mais nichados e extremos. Peterson, inclusive, é apontado em relatos como uma “porta de entrada” para este processo de radicalização *online*⁸⁸. Levando em conta que o livro se encaixa como “literatura de autoajuda”, um gênero de grande popularidade, ele também poderia ser um ponto de partida para pessoas que desconhecem o autor. Além disso, consideramos importante destacar que as ilustrações do livro foram feitas por Ethan Van Sciver, um artista que teve papel de destaque no *Comicsgate* graças ao seu canal de *Youtube*, que também teve início no ano de 2017.

Na Figura 23 adiante temos uma conversa via telefone celular entre Aleksander Lukin, portador da consciência do Caveira Vermelha, e Sinthea, vilã conhecida como Pecado, onde a conversa gira em torno da compreensão dessa massa de homens sobre o custo das ações que se desenrolariam (um atentado à bomba). Pecado refere-se aos homens como “idiotas imprestáveis”, o que evidencia que não há uma real preocupação com essas pessoas por parte de seus líderes, que desejam apenas apoio em termos de números para concretizar suas ambições ou ações. Aleksander falou sobre decadência americana e as hordas mestiças, em referência aos imigrantes. Como vimos na análise que fizemos do livro de Ann Coulter, os imigrantes nesta obra são apontados como elemento nocivo à sociedade estadunidense.

⁸⁸No relato de Justin Brown-Ramsey sobre seu processo de radicalização para a extrema-direita “Alt-Right” e sua posterior saída, é através do conteúdo de Jordan Peterson e da tentativa de emular seu comportamento que Brown-Ramsey passa a aprofundar-se em conteúdos de extrema-direita. Fonte: <https://jacobin.com.br/2023/07/eu-cai-no-buraco-da-extrema-direita-mas-encontrei-meu-caminho-de-volta/> Acesso em: 08 fev. 2024.

Figura 23 - Conversa entre Pecado e Aleksander Lukin



Fonte: COATES, Ta-Nehisi; KIRK, Leonard. *Os Vingadores*, v. 34, 2021, p. 77.

A teoria da Grande Substituição, mobilizada pela extrema-direita e propagada pela mídia conservadora (e inclusive por Tucker Carlson, apresentador da Fox News que fez críticas ao quadrinho do *Capitão América: Sam Wilson*), estimula o medo do outro. Essa massa frustrada e sem rumo encontra, graças ao medo alardeado do que poderia ser o futuro dos Estados Unidos, um propósito. Na sua concepção, a força do pesadelo é maior em contraposição ao “Sonho Americano”, já que o pesadelo motiva os homens a matarem e morrerem para evitar que ele venha a se concretizar como

realidade. A página termina com imagens de manifestações violentas por diversas cidades dos Estados Unidos, com homens com pinturas similares a do personagem Bazuca no rosto, vestidos com máscaras do Caveira Vermelha, trabalhadores entrando em confronto com a polícia e outro grupo utilizando máscaras do grupo Cães de guarda. A utilização de Bazuca parece fazer referência aos militares estadunidenses que atuam em guerras e que foram esquecidos pelo governo, as máscaras do Caveira Vermelha e do Cães de Guarda são referências ao nazismo, supremacismo branco, grupos terroristas estadunidenses de extrema-direita. A composição da página é interessante, pois podemos notar os beneficiados dessas ações tomando vinho nos seus lares, situados na parte superior página, ao passo que a massa está nas ruas manifestando, praticando atos de violência, ao fim da página. No meio, encontra-se o veículo utilizado para mobilizar a massa, os vídeos do Caveira Vermelha disponíveis na internet, com temas sobre imigração, “bárbaros ao portão” e “o que Bismarck sabia”. Acreditamos que Bismarck seja Otto von Bismarck, primeiro-ministro da Prússia e Chanceler da Alemanha. Bismarck empreendeu um conflito contra a Igreja Católica conhecido como *Kulturkampf*, que pode ser traduzido como “batalha pela cultura” ou “guerra cultural”:

Para Gross (1997), a expressão guerra cultural teria raízes no *Kulturkampf*, um episódio relacionado ao Segundo Reich alemão, no final do século XIX, quando Bismarck promoveu uma campanha cultural contra a investida do catolicismo no país recém-unificado. Em reação à ortodoxia moral cristã, o chanceler almejava modernizar a sociedade alemã, secularizando-a, para impedir os avanços dos interesses papais nos assuntos do Estado. Travou-se, então, verdadeira guerra cultural cujo troféu seria a conquista simbólico-psicológica da opinião pública. (DOS SANTOS, 2021, p. 182)

O prefácio do livro *12 regras para a vida*, escrito por Norman Doidge, conta que Peterson possui uma grande coleção de quadros originais que retratam Lênin e o espírito revolucionário socialista comprados após a queda da URSS. O motivo de ter essa coleção seria para lembrar “que centenas de milhões foram mortos em nome de uma utopia” (PETERSON, 2018, p. XI), que considera “um marcador visual da sua busca sincera por ir além da ideologia simplista, de direita ou esquerda, e não repetir os erros do passado” (PETERSON, 2018, p. XI). Ele afirma que o livro *Maps of Meaning* surgiu graças ao potencial autodestrutivo da humanidade no contexto da Guerra Fria, para defender as várias identidades. Doidge critica as ideologias, os ideólogos e diz que Peterson leu sobre o *gulag* soviético, o Holocausto e a ascensão

nazista para compreender a ideologia. Diz nunca ter conhecido um cristão tão atormentado e interessado em compreender o que aconteceu aos judeus no período quanto Peterson. Aponta que a falta ou carência de regras que atingiriam os jovens é maior nos dias de hoje, que estes entram em cursos de humanidades para aprender sobre os maiores livros já escritos e recebem ataques ideológicos simplórios. Aquele que lê o prefácio fica com a impressão de que esta é uma obra que o senso comum chama de “sem viés político”.

O primeiro capítulo, ou Regra 1, chamado “Costas eretas, ombros para trás”, trata do comportamento das lagostas e da competição que existe entre elas por território, o que acaba levando ao conflito. A lagosta que perde uma batalha acaba tendo receio de lutar novamente, ainda que enfrente um adversário que já derrotou, porque se percebe como um animal inferior. A química do cérebro entre vencedor e inferior seria bastante diferente, o que seria refletido em sua postura. A lagosta vencedora também atrairia diversas fêmeas.

No mundo das lagostas, o vencedor leva tudo, algo que o autor atribui também as sociedades humanas, onde 1% da população tem mais recursos que todos os outros. Esses animais seriam relevantes porque existem há mais ou menos 350 milhões de anos e, segundo Peterson, as hierarquias de dominância seriam uma característica permanente, quase eternas. Lagostas processam informações sobre status e sociedade apesar de possuírem cérebros e sistemas nervosos mais simples, mas teriam uma semelhança comportamental, experimental e de sua neuroquímica básica muito grande com os seres humanos.

É no capítulo 2 (ou “Regra 2”), chamado “Cuide si mesmo como cuidaria de alguém sob sua responsabilidade”, que Peterson (2018) define “Ordem e Caos”, que aparece na Figura 15 como tópico do canal do Caveira Vermelha: “No entanto, o mundo da experiência tem constitutivos primais também. São elementos necessários, cujas interações definem o drama e a ficção. Um deles é o caos. Outro é a ordem. O terceiro (uma vez que há três) é o processo que faz a mediação entre os dois e parece idêntico ao que pessoas modernas chamam de consciência” (p. 35). O autor também diz que é graças a sensação do caos à espreita que nós compreendemos histórias como *Pequena Sereia*, *Pinóquio*, *O Rei Leão* e *Bela Adormecida* pelo jogo entre mundo e submundo, conhecido e desconhecido contido nessas obras, lugares onde já estivemos durante a vida.

A partir da Regra 5, “Não deixe seus filhos façam algo que faça você deixar de gostar deles”, comentários do autor que explicitam a sua visão de mundo começam a ficar mais evidentes, começando por uma crítica à diversidade:

Nossa sociedade enfrenta um chamado cada vez maior para desconstruir suas tradições estabilizadoras de forma a incluir quantidades cada vez maiores de pessoas que não se ajustam ou não vão se ajustar às categorias nas quais até mesmo nossas percepções são baseadas. Isso não é bom. O problema particular de cada pessoa não se resolve através de uma revolução social, porque as revoluções são desestabilizadoras e perigosas. (...) Sendo assim, alterar descuidadamente nosso modo de ser social em nome de algum lema (diversidade é o que me vem à mente) ideológico terá maiores chances de criar mais problemas do que coisas boas, considerando o sofrimento que até as pequenas revoluções geralmente produzem. (PETERSON, 2018, p. 123)

Como exemplo das “pequenas revoluções”, Peterson (2018) cita o impacto que a liberação drástica de leis de divórcio ocorrida em 1960 teve sobre as crianças. Ele se queixa do “ethos adolescente dos anos 1960, uma década cujos excessos levaram ao total menosprezo da fase adulta, a uma descrença impensada na existência de um poder competente e a uma incapacidade de distinguir entre o caos da imaturidade e a liberdade responsável” (p.123). Aqui, o autor acaba ecoando outro aspecto comum ao conservadorismo estadunidense: culpar a geração dos anos 60 por diversos tipos de problemas. De acordo com Limoncic (2024), a obra da historiadora Gertrude Himmelfarb intitulada *Uma nação, duas culturas* (1999), buscou explicar a sociedade estadunidense utilizando a ideia do pensador Adam Smith sobre “dois sistemas de moralidade”. Para a autora, existiria um modelo estrito e austero, que ela relaciona com a cultura dos anos 1950 e a ideia de valores atrelados à família, moralidade, ao respeito pela religião e à autoridade, e um outro modelo solto ou liberal que corresponderia à contracultura dos anos 1960, atrelada ao relativismo cultural, sexualidade desenfreada, desprezo pela autoridade, distanciamento da tradição e da responsabilidade. Segundo Huysen (2020), o documentário *Generation Zero*, que conta com roteiro e direção do assessor político e guru da extrema-direita estadunidense Steve Bannon, culpabiliza a geração de 1960 tanto pela crise econômica de 2008, quanto pela presença do Marxismo Cultural na academia.

Talvez a Regra 6, nomeada “Deixe sua casa em perfeita ordem antes de criticar o mundo”, seja uma das proposições mais conhecidas do autor: “Não culpe o capitalismo, a esquerda radical ou a iniquidade de seus amigos. Não reorganize o estado até que você tenha ordenado sua própria experiência. Tenha um pouco de

humildade. Se você não pode levar paz para sua casa, como ousa tentar governar uma cidade?” (PETERSON, 2018, p. 165). Trata-se de uma regra profundamente individualista, pois “perfeita ordem” é algo bastante subjetivo - o indivíduo pode ficar tão imerso em seu quarto que se esquece dos problemas que o cercam e afetam a coletividade, tais como problemas ambientais, desregulamentações e privatizações, como salienta Burston (2019). Peterson (2018), em diversas partes do texto, chama a atenção para adoção de ideologias e crenças que não se sustentariam por parte de uma “esquerda acadêmica”:

Já vi pessoas definirem suas utopias e depois transformarem suas vidas em um lamaçal de problemas tentando torná-las realidade. Um aluno que seja mais de esquerda adota uma postura antiautoritária da moda e passa os próximos 20 anos trabalhando ressentidamente para derrubar os moinhos de vento de sua imaginação. (PETERSON, 2018, p. 220)

Vejamos o que Finlayson (2021) fala sobre os membros da “*Intellectual Dark Web*” e suas visões acerca da academia e suas políticas internas:

A academia é identificada com um liberalismo conformista, acusada de colocar a ideologia acima da ciência, distanciada da cultura e dos valores da nação, corrompida pela ideia de abraçar o princípio de diversidade dos *campi* ainda muito covardemente se levantar contra as políticas identitárias dos estudantes e reclamações de micro agressões. (FINLAYSON, 2021, p. 172)

Ele inclusive ressalta que “Jordan Peterson, por exemplo, aconselha a estudantes a sair das aulas caso os professores comecem a discutir sobre diversidade, inclusão ou equidade, gravar um vídeo e postar no *YouTube*” (Peterson, 2018 apud Finlayson, 2021).

É na Regra 11, “Não incomode as crianças quando estão andando de skate”, que as críticas de Peterson direcionadas ao pensamento e à autores ligados à esquerda política se tornam mais contundentes, ocupando uma parte extensa do capítulo. Ele denuncia uma situação de “sofrimento masculino” no mundo moderno tanto fora quanto dentro das universidades:

Já presenciei estudantes universitários, especialmente aqueles das áreas de humanas, sofreram um real declínio em sua saúde mental por serem filosoficamente repreendidos por esses defensores do planeta por sua existência como membros da espécie humana. É pior, acredito, para os jovens do sexo masculino. Como beneficiários privilegiados do patriarcado, suas realizações são consideradas não merecidas. Como possíveis adeptos da cultura do estupro, são sexualmente suspeitos. Suas ambições os

transformaram em saqueadores do planeta. Não são bem-vindos. (PETERSON, 2018, p. 308)

Trata-se de uma crítica clara ao feminismo, sobretudo pelos termos que utiliza, como *patriarcado* e *cultura do estupro*. Ao tratar de diferenças entre garotos e garotas, como maior independência, desobediência e interesses, ele alinha-se a uma abordagem essencialista e afirma:

De modo impressionante, essas diferenças, fortemente influenciadas por fatores biológicos, são mais pronunciadas nas sociedades escandinavas em que a igualdade de gêneros é mais avançada: o oposto do esperado por aqueles que insistem, de forma cada vez mais ruidosa, em que o gênero é um constructo social. Não é. Não há o que discutir. Os dados provam isso. (PETERSON, 2018, p. 309)

Peterson cita dois exemplos de instituições acadêmicas que estimulariam o ativismo como atividades obrigatórias e defende a ideia de que disciplinas como direito, educação, história da arte, estudos de gênero, sociologia, literatura e serviço social estão tratando os homens como “opressores” e que suas atividades são rotuladas como “potencialmente destrutivas”. Para ele, essas áreas de estudo seriam influenciadas por humanistas marxistas, dentre os quais o autor destaca Max Horkheimer e Jacques Derrida. Sobre Horkheimer, Peterson (2018) afirma que ele

Acreditava que os princípios ocidentais de liberdade individual ou do livre mercado eram meramente máscaras que serviam para disfarçar as verdadeiras condições do Ocidente: desigualdade, dominação e exploração. Ele defendia que a atividade intelectual deveria se dedicar à mudança social em vez da mera compreensão, e esperava emancipar a humanidade de sua escravidão. Horkheimer e sua Escola de Frankfurt de pensadores associados – primeiro na Alemanha e, mais tarde, nos Estados Unidos – visavam uma crítica e transformação completas da civilização ocidental. (PETERSON, 2018, p. 317)

Peterson (2018) se aproxima da concepção da “*alt-right*” de que a Escola de Frankfurt e o Marxismo Cultural seriam responsáveis pelo declínio da cultura estadunidense. Essa ida de Horkheimer e de alguns membros da Escola de Frankfurt para os Estados Unidos ocorreu já que o instituto na Alemanha havia sido fechado por ordem da Gestapo e porque os grande parte dos intelectuais envolvidos tinham origem judaica. Andreas Huyssen (2017), ao se debruçar sobre a obra de Andrew Breitbart de 2011 “*Righteous Indignation*” e no site de notícias criado por ele, Breitbart, no contexto da ascensão política de Stephen Bannon como guru da campanha de Donald Trump à presidência dos Estados Unidos, encontra uma obsessão de Breitbart com a

Escola de Frankfurt. Isso que teria motivado a criação do *Breitbart News*, como forma de atacar o “Complexo de mídia Democrata”. Tanto Huyssen (2017) quanto Jay (2011) falam que essa ideia de que a Indústria Cultural de Adorno e Horkheimer foi desenvolvida para auxiliar no controle das massas por parte de uma elite se remetem a Patrick Buchanan e Lyndon Larouche, que foram candidatos à presidência pela extrema-direita nas eleições de 1990 nos Estados Unidos - um braço do movimento de Larouche chamado Fidelio publicou um ensaio intitulado *New Dark Age: Frankfurt School and Political Correctness* (1992), escrito por Michael Minnicino. O livro *The Death of the West* (2001), escrito por Buchanan, atribui à Escola de Frankfurt a promoção do Marxismo Cultural, que Jay diz ser uma reciclagem do termo Bolchevismo Cultural utilizado na República de Weimar para acusar os modernistas.

Peterson sustenta que a experiência do marxismo na União Soviética, Camboja, Vietnã, China e outros resultou em milhares de mortes, opressão, corrupção e mergulhou o mundo numa Guerra Fria. Cita também os Kulaks e a obra de Alexandre Soljenitsin, *Arquipélago Gulag*, que defende a ideia de que o sistema soviético se sustentava na tirania e no trabalho escravo. Com certa indignação o autor diz que, mesmo com esses resultados, os intelectuais recusavam-se a aprender (tanto com as críticas feitas por George Orwell quanto com a experiência real) e o marxismo continuava com destaque na academia, principalmente entre os franceses. Ele passa então a dar destaque ao pensamento de Jacques Derrida, chamando-o de líder dos pós-modernistas:

De acordo com Derrida, as estruturas hierárquicas surgiram apenas para incluir (os beneficiários daquela estrutura) e excluir (todos os demais que eram, portanto, oprimidos). Mesmo essa alegação não foi radical o suficiente. Derrida alegava que essa tendência à divisão e opressão era embutida na linguagem em si – encravada nas mesmas categorias que usamos para simplificar pragmaticamente e superar o mundo. Existem “mulheres” apenas porque os homens se beneficiam por sua exclusão. Há “masculino e feminino” apenas porque os membros do grupo mais heterogêneo se beneficiam pela exclusão da pequena minoria de pessoas cuja sexualidade biológica é amorfa. (PETERSON, 2018, p.322)

Diferentemente de Derrida, o autor rejeita essa noção sobre estrutura hierárquica (como visto no capítulo 1 e sua descrição das hierarquias de dominância das lagostas), acredita que seria a competência (cita também capacidade e habilidade), ao invés do poder, que determina o status e diz que isto é óbvio tanto em fatos quanto na observação geral. Peterson ainda afirma que tem crenças que estariam mais à esquerda do espectro político, como a de que a desigualdade social

é prejudicial, de que adotar o modelo de empresas privadas no processo de administração universitária é errado, acredita que o governo pode ser positivo, porém reclama do financiamento público “para instituições e educadores cujo objetivo declarado, consciente e explícito é a destruição da cultura que os sustenta” e alega que “se radicais de direita recebessem financiamento público para operações políticas disfarçadas de cursos universitários”, haveria uma forte comoção progressista (PETERSON, 2018, p. 324).

A existência de cursos totalmente “hostis” aos homens seria algo que contribui para a diminuição da obtenção de diploma de ensino superior destes e afetaria os relacionamentos e a possibilidade de formar uma família dado que a mulheres teriam uma tendência de escolher parceiros de status igual ou superior. Segundo ele, a adoção do politicamente correto nas universidades agravou estes problemas. Peterson (2018) faz uma comparação e afirma que garotas vencendo na hierarquia dos garotos são valorizadas, ao passo que, quando um jogo competitivo é dominado por garotas, não fica claro como os garotos poderiam vencer, já que não poderiam usar a força e sua vitória não seria valorizada, o que levaria a um abandono do jogo. Ao se debruçar sobre a noção de patriarcado, apesar de concordar que a cultura é sim uma estrutura que oprime e não rejeitar que ela possa ser objeto de crítica, Peterson (2018) diz que pensá-la apenas como “opressora” seria ingratidão e ignorância, uma vez que também herdamos toda uma infraestrutura funcional, tais como sistemas políticos e econômicos comparativamente não corruptos, tecnologia, liberdade, riqueza, luxo, oportunidade, expectativa de vida etc. Peterson (2018) acredita que a opressão do patriarcado foi “uma tentativa coletiva imperfeita de homens e mulheres se libertarem de privação, doença e trabalho penoso, que se estendem ao longo de milênios” (p. 315). Nesta tentativa, as mulheres tinham mais desvantagens biológicas que os homens. (menor força física, capacidade de reprodução). Ele cita o antropólogo suíço Johann Jakob Bachofen, cujas ideias de um primeiro estágio de desenvolvimento em mulheres foram influentes nos estudos do feminino e dos estudos matriarcais do feminismo da década de 1970. Segundo Peterson (2018), Carl Jung, ao analisar a ideia de matriarcado primitivo de Bachofen, identificou “que a progressão desenvolvendo descrita pelo antigo pensador suíço representava uma realidade psicológica em vez de histórica. Ele via no pensamento de Bachofen o mesmo processo de projeção de fantasia imaginativa no mundo externo nos levou a popular o cosmos com constelações e deuses” (p. 334). Carl Jung

já foi acusado de ser antissemita e ter flertado com o nazismo, e ocasionalmente esse debate volta a ganhar relevância. Ainda que essas alegações não se sustentem, ela pode ter sido inspiração para o tópico “a genialidade de Karl Lueger” que vemos no quadrinho que figura o canal do Caveira Vermelha. Karl Lueger foi um político austríaco, prefeito de Viena, que explorou o antissemitismo e foi elogiado por Hitler no livro *Mein Kampf*⁸⁹.

Na Figura 24 a seguir, temos um discurso do Caveira Vermelha sobre a decadência dos homens do mundo, dizendo que o homem americano era um conquistador e se tornou apenas um zelador. O personagem ofereceria a “espada da hombridade” (no original inglês, “*sword of manhood*”) como alternativa a ser um “zelador” do Sonho Americano, ou de uma vida de zelo com o lar, papel socialmente atribuído às mulheres. As imagens do Caveira Vermelha focadas em suas expressões faciais de desacordo, decepção e exaltação são intercaladas com imagens do Capitão América apanhando de capangas do vilão Ossos Cruzados, comandados pela também vilã Sinthea/Pecado. O herói acabou salvo pela chegada da Agente 13 Sharon Carter, que na figura veste uma armadura branca, algo que o Caveira reprova em seu discurso, dizendo que já bastava de mulheres travando batalhas que seriam dos homens. Isso faz parte da estratégia do Caveira Vermelha em destruir a reputação do Capitão América. Podemos encontrar alguns paralelos entre a espada da hombridade e o discurso de Peterson.

⁸⁹Britannica, T. Editors of Encyclopaedia. "Karl Lueger." Encyclopedia Britannica, October 20, 2023. Disponível em: <https://www.britannica.com/biography/Karl-Lueger>. Acesso em: 20 fev. 2024.

Figura 24 – A espada da hombridade



Fonte: COATES, Ta-Nehisi; KIRK, Leonard. *Os Vingadores*, v. 34, 2021, p. 87.

No final do capítulo 11, Peterson (2018) salienta a necessidade de homens serem “durões” para se contrapor à ideia de que, caso a socialização dos meninos fosse feita tal qual a das meninas, o mundo seria melhor, bem como o argumento de que a agressividade masculina seria um traço socialmente aprendido e internalizado. “Ser durão” seria uma exigência masculina e também um desejo das mulheres, já que elas buscariam algo que elas mesmas não seriam capazes de oferecer. Para isso, Peterson relata uma experiência pessoal que teve ao trabalhar com um grupo predominantemente masculino em uma linha ferroviária, de onde o autor extrai o seguinte:

Os homens impõem um código de conduta entre si quando trabalham juntos. Faça seu trabalho. Carregue seu fardo. Fique esperto e preste atenção. Não resmungue nem seja melindroso. Defenda seus amigos. Não bajule nem entregue ninguém. Não seja escravo de regras idiotas. Nas palavras imortais de Arnold Schwarzenegger: “Não seja um mariquinha” Não seja dependente. (PETERSON, 2018, p. 340)

Além desse ideal de masculinidade, o autor faz um alerta sobre os perigos que essa “feminilização” dos homens poderia acarretar. Esse é um dos poucos momentos do livro em que o autor se refere à extrema-direita, fora algumas menções a Hitler e sua crítica à autores de massacres:

Quando a docilidade e a inofensividade se tornam as únicas virtudes aceitáveis, então a severidade e a dominância começarão a exercer um fascínio inconsciente. Em parte, o que isso significa para o futuro é que se os homens forem obrigados a se feminilizar se interessarão cada vez mais por ideologias políticas severas e fascistas. Clube da Luta, talvez o filme fascista mais popular dos últimos anos em Hollywood, com a possível exceção da série Homem de Ferro, oferece um exemplo perfeito dessa inevitável atração. O crescimento do apoio populista a Donald Trump nos Estados Unidos é parte do mesmo processo assim como (de uma forma mais sinistra) o recente aumento dos partidos de extrema direita mesmo em países liberais como Holanda, Suécia e Noruega. (PETERSON, 2018, p. 342)

Peterson não desenvolve esse ponto de vista e tampouco explica por que considera os filmes citados como obras fascistas. Nos quadrinhos, a adoção do fascismo ocorre sobretudo por parte de homens que não têm um propósito, que são considerados uma decepção por eles próprios e também pelos outros. O Caveira Vermelha contrapõe o Sonho com o pesadelo, com o medo do que o mundo ou do quê essas pessoas podem se tornar. A ideia de carregar seu fardo e o papel do homem são também mobilizados pelo Caveira quando fala sobre seus seguidores. Dos nove quadros da figura 25, os três do meio são flashbacks que mostram, primeiro, o Capitão com Bucky Barnes, no episódio em acreditava-se que Bucky havia perdido a vida, no meio, o evento Domingo Sangrento, ocorrido em 1965, em que manifestantes protestando contra a segregação e pelo direito de voto foram violentamente atacados pela polícia municipal e estadual após cruzarem a ponte Edmund Pettus⁹⁰, no estado do Alabama e o último faz referência a uma cena do filme Capitão América: o primeiro vingador (2011) em que ele se vê perdido no meio da

⁹⁰ Ver mais em <<https://www.nps.gov/places/alabama-the-edmund-pettus-bridge.htm>> Acesso em: 14 de ago. de 2024.

Times Square, em Nova York, após ser descongelado. O Caveira também revisita o passado dos Estados Unidos ao falar que o Capitão “empunha a bandeira de homens que subjugaram e destroçaram um continente”, saúda esses homens que fizeram a nação com sangue e solo, além de acusar o herói de estar deslocado do tempo e do próprio país.

Figura 25 - Noção de sacrifício



Fonte: COATES, Ta-Nehisi; KIRK, Leonard. *Os Vingadores*, v. 36, 2021, p. 78.

Entendemos que o vilão faz referência não só a Guerra de Independência dos Estados Unidos (1775-1783), mas também ao processo de expansão territorial do país, que inclui a Guerra Mexicano-Americana (1846-1848) e o movimento conhecido como Marcha para o Oeste, que ocorreu durante todo o século XIX, onde diversas populações indígenas que residiam no território estadunidense foram exterminadas.

Voltando a Peterson, este foi diversas vezes acusado de ser um teórico da Direita Alternativa e era visto com certa simpatia por membros desse grupo, encaixando-se na definição de “*alt-light*”:

(...) nas plataformas e fóruns *online* anonimizados e menos risíveis emerge uma subcultura confessional e debochada de jovens que se exprimem com ressentimento daquilo que taxa como “politicamente correto”, “misândrico”, “multicultural” e “marxismo cultural”. Nagle (2017) identifica essa vertente como *alt-light*, uma versão mais informal da *alt-right*.” (VILAÇA, D’ANDREA, 2021, p. 421)

Porém, como mostra Burston (2019) Peterson se vê como um liberal clássico, chegando a ameaçar blogs e jornalistas (de esquerda ou direita) que o colocassem como apoiador da Direita Alternativa, no contexto do movimento *Unite the Right*, em 2017, liderado por Richard Spencer, um supremacista branco. Mesmo assim, ele ainda é citado favoravelmente pela Direita Alternativa e acusado de ser garoto propaganda da mesma pela esquerda. Quais as razões disto? Será que a figuração de Peterson como Caveira Vermelha seria um exagero? Uma primeira resposta seriam os tópicos e canais que Jordan Peterson frequenta:

Indivíduos ou sites chave são pontos de condensação para uma eclética variedade de ideias enquanto frases e slogans, fragmentos de propostas estão livres dos argumentos onde elas primeiramente apareceram, fluindo através de questionários e fóruns capturadas por indivíduos maquinando seu próprio caminho através delas. Por exemplo, Lewis mostra como Jordan Peterson, uma figura do *mainstream* da *Intellectual Dark Web* está conectada com participantes que estão a margem, como Richard Spencer através de aparições que cada um fez, discutindo sobre QI, no canal de YouTube de Sargon of Akkad, um membro da UKIP⁹¹ localizado em Swindon. (Finlayson, 2021 apud Lewis, 2018) Peterson e Spencer não são indistinguíveis politicamente, mas o meio os coloca no mesmo universo discursivo na perspectiva dos espectadores, literalmente colocando-os na mesma sintonia das recomendações para assistir geradas por algoritmo; fragmentos de crédito sobre psicologia, natureza e genética fluem online entre e ao redor deles. (FINLAYSON, 2021, p. 173, tradução nossa)⁹²

⁹¹Em inglês, “United Kingdom Independence Party”, ou Partido da Independência do Reino Unido.

⁹²No original: “Key sites or individuals are condensation points for an eclectic range of ideas while phrases and slogans, fragments of propositions broken free of the arguments within which they first appeared, flow across forms and forums, picked up by individuals plotting their own path through them. For example, Lewis shows how Jordan Peterson, a mainstream figure from the ‘Intellectual Dark Web’ is connected with fringe participants like Richard Spencer through the appearances each made, discussing IQ, on the YouTube channel run by ‘Sargon of Akkad’ a Swindon-based UKIP member. Peterson and Spencer are not politically indistinguishable, but the medium brings them into the same discursive universe from the perspective of viewers, literally putting them on the same page of algorithmically generated viewing recommendations; fragments of claims about psychology, nature and genetics flow online between them and around them.”

O site *Heterodox Academy*, fundado em 2015 e formado por acadêmicos contrários a uma suposta falta de diversidade política nas universidades, realizou uma pesquisa que buscava verificar se ele realmente atraía um público radical para o seu canal e se ele seria uma porta de entrada para conteúdo da Direita Alternativa. Estes foram os resultados:

Embora não conclusiva, nossa descoberta conjunta duas linhas de evidência que sugerem que a exposição a conteúdo de Jordan Peterson pode (inadvertidamente) servir como um vetor para espalhar ideias da Direita Alternativa. Comunidades associadas com a Direita Alternativa tendem a associar o material de Peterson no contexto de suas mais hediondas ideias misóginas e supremacistas e a interação com o material do YouTube de Peterson prevê uma maior (ao invés de menor) engajamento com conteúdo da Direita Alternativa no YouTube. (FINKELSTEIN, 2019)⁹³

Ou seja: resultados muito diferentes daqueles que Peterson sustenta, ao afirmar estar “resgatando” jovens homens da misoginia e do supremacismo branco. O artigo ainda alerta que, a fim de obter uma conclusão mais concreta dos resultados, seria importante observar se o público que consome conteúdo da Direita Alternativa engaja criticamente com ele ou se a linguagem racializada e misógina faz aumentar o público de Peterson no seu canal de *YouTube*. Ainda sustenta que não vê o autor canadense como extremista ou simpatizante do nazismo.

Burston (2019) vê Jordan Peterson como um conservador tradicionalista, que resiste a mudança social, sente falta dos bons tempos, defende um *status quo* dos anos 1950 pré-feminismo, utiliza mitos e lendas como forma de mostrar uma sabedoria antiga esquecida e que auxilia na resistência ou resiliência das mudanças trazidas pela modernidade ou pós-modernidade, ainda que ele invoque, tenha como herói e goste de comparações de sua pessoa com o intelectual Stuart Mill. Burston (2019) também considera injusto chamar Peterson de “fascista”, pois conservadores tradicionalistas teriam, em seu ponto de visto, profundas convicções morais e princípios, algo que poderia estimular uma tomada de posição *contra* o fascismo.

Finlayson (2021) vê os membros da *Intellectual Dark Web* como “empreendedores ideológicos” que se opõem ao progressismo e a reforma social:

A comunicação digital aumentou o alcance e a potencial proeminência deles, criando um “mercado de ideias” no qual o aumento de alcance de ideologias

⁹³No original: “While not conclusive, our findings conjoin two lines of evidence that suggest exposure to Jordan Peterson’s content may (inadvertently) serve as a vector for the spread of alt-right ideas. Alt-right-associated communities tend to associate Peterson’s material in the context of their most heinous misogynist and white supremacist ideas, and engagement with Peterson’s YouTube material predicts higher (rather than lessened) engagement with alt-right content on YouTube.”

conservadoras e reacionárias podem competir por uma parcela de sucesso. Para estes, desigualdade é um conceito fundamental entendido como um fenômeno natural, verificado cientificamente e uma base necessária para a ordem civil, essencial para manter a liberdade individual, estabilidade econômica e coerência cultural; a falha do liberalismo em reconhecer a realidade da desigualdade está levando a um declínio civilizacional e uma dominação ilegítima, e isso deve ser exposto como infundada, irracional e contra a natureza. (FINLAYSON, 2021, p. 172, tradução nossa)⁹⁴

As ideias de Peterson se encaixam nesta definição. A noção de *empreendedor ideológico* nos parece acertada porque Peterson, após manifestar incredulidade em suas ideias serem parodiadas nos quadrinhos (THE GUARDIAN, 2021), logo passou a fazer *memes* do Caveira Vermelha com suas frases e começou a vender produtos com uma paródia da logo da organização HIDRA, mas com uma lagosta no centro (O'LEARY, 2021). Ainda que o dinheiro com a venda das camisas tenha sido doado para instituições de caridade, esse fato mostra como esses indivíduos sabem transformar uma “polêmica” em publicidade “positiva”, ainda que seja bastante questionável ter a sua imagem associada a um vilão nazista e uma organização maligna que, por algum tempo, foi a figuração do nazismo nos quadrinhos. Podemos articular uma discussão entre a noção de *empreendedor ideológico* e a crítica presente nos quadrinhos. O Capitão América enfrenta o Caveira Vermelha através do diálogo na figura 26. A página está dividida em cinco quadros, com o último ocupando um espaço maior que os outros. O foco dos quadros recai nas expressões dos personagens, mostrando a tranquilidade do herói estadunidense e o destempero do vilão. Os colchetes no último quadro têm a função de indicar que o Caveira estava sendo filmado. A página pode ser entendida como uma discussão sobre a responsabilidade desses *empreendedores ideológicos* sobre as ideias que propagam e o papel dos ideais estadunidenses em afastar indivíduos desses discursos.

⁹⁴No original: “Digital communication has increased their reach and potential prominence, creating a ‘marketplace of ideas’ within which an increasing range of conservative and reactionary ideologies may compete for a share of success. For these, inequality is a core concept, understood as a natural phenomenon, scientifically verified, and the necessary basis of civil order, essential to the maintenance of individual freedom, economic stability and cultural coherence; liberalism’s failure to recognize the reality of inequality is leading to civilizational decline and illegitimate domination, and must be exposed as undergrounded, irrational and against nature.”

Figura 26 – Confronto entre Caveira e Capitão



Fonte: COATES, Ta-Nehisi; KIRK, Leonard. *Os Vingadores*, v. 36, 2021, p. 77.

O Capitão perguntou qual sentido de o Caveira coagir jovens a cederem dinheiro, corpos e vidas para sua causa. O vilão apontou justamente a inabilidade do herói em resguardar essas pessoas, que contra-atacou citando que a liberdade de expressão, garantida pela Primeira Emenda da Constituição daquele país, permitia o discurso odioso do Caveira. O Capitão América reconheceu que deixou uma geração desprotegida para este tipo de discurso, mas destacou a diferença entre os pecados dos dois: a crença no Caveira Vermelha por parte de seus seguidores levou pessoas à morte. Este reagiu mostrando todo seu desprezo pela vida de seu público. Nos chama atenção como a crítica à líderes nazifascistas, bem como ao que chamamos de *empreendedores ideológicos* destaca que ambos não têm nenhuma preocupação

real com seus seguidores, somente com eles mesmos, seus números, poder e influência. A crença na liberdade individual, autonomia dos indivíduos, liberdade sem interferência do governo, mentalidade aberta para ouvir as diversas opiniões e pontos de vista, o Sonho Americano, democracia, tidos como típicos valores estadunidenses, deveriam manter os indivíduos afastados dos pensamentos desses líderes, bem como dos empreendedores ideológicos. O que podemos extrair do trecho é que mera crença na superioridade desses valores não é suficiente para garantir que os cidadãos estadunidenses não possam ser cooptados por discursos antidemocráticos.

Colocar as ideias de Jordan Peterson na boca do vilão Caveira Vermelha foi um grande equívoco? Depende do modo que interpretamos a figuração do Caveira Vermelha nesse quadrinho. Jordan Peterson não é um defensor do nazismo, algo inclusive sublinhado por Norman Doidge no prefácio de *12 regras para a vida*, falando sobre a preocupação de Peterson com a perseguição contra judeus, ainda que se declare como católico. Associar uma pessoa ao nazismo é algo grave e que requer um cuidado redobrado. Em nossa análise, compreendemos o personagem Caveira Vermelha como um propagador de ódio na internet através de seu canal do *YouTube*, alguém que através de tópicos como o masculinismo e o antifeminismo promoveu uma radicalização de indivíduos para a Direita Alternativa. Notamos também que Peterson utiliza um vocabulário comum ao usado por este grupo, compartilhando de uma crítica à Escola de Frankfurt que possui um viés antisemita e adotando críticas à geração de 1960 e ao feminismo, bem como uma defesa do masculinismo. O autor também estimulou que professores fossem gravados em sala de aula caso citassem as noções de inclusão e diversidade, fomentando a produção de um conteúdo *online* que pode contribuir não somente para a difusão das ideias centrais para a ideologia da Direita Alternativa (ou “*alt-right*”), mas também a um aumento de consumo de material deste grupo, contribuindo para a radicalização de indivíduos sem que haja uma preocupação daquele que produz esse material em mudar a abordagem para não ser confundido com grupos extremos ou radicais. A crítica feita pelo autor possui validade e é relevante para fomentar uma reflexão sobre os modos como as redes operam, bem como a responsabilidade dos produtores de conteúdo pelos materiais que produzem, uma vez que, utilizando esses temas e vocabulário, Peterson consegue obter engajamento através do ódio e, com ele, mantém números altos em termos de visualizações na internet.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Stan Lee alegou que a Marvel não tinha posicionamento político definido, onde apenas ser pró-guerra ou intolerante não era permitido, sendo um microcosmo do que era os Estados Unidos em termos políticos. A editora adotou concepções liberais/progressistas em seus quadrinhos, como a ideia de irmandade, nos anos 1960 e 1970, e o multiculturalismo, nos anos de 1980 e 1990 e que perdura até hoje, porém não são raros os erros como a presença de estereótipos em personagens latinos, asiáticos, negros e indígenas, muitas das inovações ocorreram graças as equipes criativas e não foi incomum o veto ou resistência dos editores-chefes tanto em relação a ideias transgressoras, quanto a excessos que prejudicariam a imagem apolítica da empresa. Nos quadrinhos de super-herói da editora encontramos elementos que remetem as narrativas nacionais como o Sonho Americano e o Excepcionalismo dos Estados Unidos e o nacionalismo é visto de forma positiva. A ideia de que os fãs podiam alterar os rumos das histórias e personagens se acirrou no contexto de Guerra Cultural, dentro de um meio que permite que qualquer mudança seja desfeita, como é o de quadrinhos de super-heróis. *Capitão América: Sam Wilson*, o quadrinho acusado de vilanizar conservadores, apresentou elementos radicais de esquerda que queriam eliminar indivíduos que propagam o ódio contra os imigrantes, o que nos parece uma tentativa de mostrar que havia crítica aos dois lados. *Império Secreto*, ainda que não tivesse essa intenção, normalizou o fascismo e ofereceu ao público uma imagem que poderia ser mobilizada pela “*alt-right*”. A fase de Ta-Nehisi Coates denuncia como homens considerados um fracasso ganham um propósito através do ódio propagado nas redes por indivíduos que não se importam com as vidas destes, onde um vilão nazista utiliza ideias e métodos parecidos com um autor e YouTuber. Não se trata de condenar os comentários existentes nos quadrinhos acerca da realidade: nós reconhecemos sua importância, sobretudo quanto ao convite para pensar o mundo, porém sublinhar que existem elementos nessa indústria que prejudicam esse olhar sobre a realidade e da necessidade das equipes criativas terem maior responsabilidade com essas críticas, que podem ter um efeito contrário ao do desejado, oferecendo símbolos e atraindo mais atenção para indivíduos que estimulam e lucram com o ódio.

Na análise do livro de Ann Coulter (2015), percebemos o emprego de narrativas nacionais caras ao grupo branco, anglo-saxão e protestante estadunidense e ao processo de americanização que a ideia de *melting-pot* estimulou, bem como o ódio e desumanização de imigrantes considerados ilegais. Outro aspecto que marca a obra é o clamor pelo endurecimento nas políticas migratórias estadunidenses, denunciando uma conivência dos partidos Republicano e Democrata em lidar com o tema, um interesse Democrata em atrair imigrantes ilegais para obter mudar o perfil eleitoral e obter vantagem, num pensamento que remete a teoria da Grande substituição. Já em Jordan Peterson, percebemos uma nostalgia ao período anterior ao dos anos 1960, defesa do masculinismo e alinhamento com teorias conspiratórias propagadas pela “*alt-right*”, bem como uma propensão ao engajamento de conteúdos deste grupo. Acreditamos que a adoção de políticas cada vez mais intolerantes por parte dos conservadores contribui para uma figuração que não é positiva nas histórias recentes da Marvel. De um ponto de vista mercadológico, seria contraproducente para a Marvel adotar o antifeminismo, masculinismo ou um discurso de que imigrantes ilegais são criminosos e que cada um teria especialidade em um crime de acordo com sua origem. Iria também contra a ideia dos heróis de lutarem pelos mais necessitados, bem como a concepção multicultural que a editora adotou. Por outro lado, é necessário lembrar que estamos falando de um grande conglomerado que tem poder de influenciar no debate político, que busca o lucro em seus produtos, procurou e procura colocar-se como apolítico quando lhe convém, o que evidencia pouco compromisso com as causas que parece abraçar e que possui um histórico de decisões, no mínimo, controversas.

REFERÊNCIAS

Fontes:

- COATES, Ta-Nehisi; YU, L.F. *Capitão América*, v.1. Barueri: Panini, 2019.
- _____. *Capitão América*, v. 2. Barueri, SP: Panini, 2019.
- _____. *Capitão América*, v. 3. Barueri, SP: Panini, 2019.
- _____. *Capitão América*, v. 4. Barueri, SP: Panini, 2019.
- _____; KUBERT, Adam. *Capitão América*, v. 5. Barueri: Panini, 2019.
- _____. *Capitão América*, v. 6. Barueri, Panini, 2019.
- _____. *Capitão América*, v. 7. Barueri, Panini, 2019.
- _____. et al. *Capitão América*, v. 8. Barueri: Panini Brasil, 2020.
- _____; QUINN, Robert. *Capitão América*, v. 9. Barueri: Panini Brasil, 2020.
- _____. *Capitão América*, v. 10. Barueri, Panini Brasil, 2020.
- _____. *Capitão América*, v. 11. Barueri: Panini Brasil, 2020.
- _____. *Capitão América: Todos morrem jovens - parte 1. Os Vingadores*, v. 23. Barueri: Panini Brasil, 2021.
- _____. *Capitão América: Todos morrem jovens - parte 2. In: Os Vingadores*, v. 24. Barueri: Panini Brasil, 2021.
- _____. *Capitão América: Todos morrem jovens - parte 3. In: Os Vingadores*, v. 25. Barueri: Panini Brasil, 2021.

_____. Capitão América: Todos morrem jovens - parte 4. In: *Os Vingadores* v. 28. Barueri: Panini Brasil, 2021.

_____. Capitão América: Todos morrem jovens - partes 5 e 6. In: *Os Vingadores* v. 29. Barueri: Panini Brasil, 2021.

_____; KIRK, Leonard. Capitão América: Todos morrem jovens - parte 7 In: *Os Vingadores*, v. 32. Barueri: Panini Brasil, 2021.

_____. Capitão América: Todos morrem jovens - parte 8 In: *Os Vingadores*, v. 33. Barueri: Panini Brasil, 2021.

_____. Capitão América: Todos morrem jovens - parte 9 In: *Os Vingadores*, v. 34. Barueri: Panini Brasil, 2021.

_____. Capitão América: Todos morrem jovens - parte 10. In: *Os Vingadores*, v. 35. Barueri: Panini Brasil, 2022.

_____. Capitão América: Todos morrem jovens - conclusão. In: *Os Vingadores*, v. 36. Barueri: Panini Brasil, 2022.

SPENCER, Nick; ACUÑA, Daniel. *Império Secreto*, v. 1. Barueri, SP: Panini, 2018.

_____. et al. *Império Secreto*, v. 2. Barueri, SP: Panini, 2018.

_____. et al. *Império Secreto*, v. 3. Barueri, SP: Panini, 2018.

_____. et al. *Império Secreto* v. 4. Barueri, SP: Panini, 2018.

_____. et al. *Império Secreto* v. 5. Barueri, SP: Panini, 2018.

_____. *Capitão América: Sam Wilson*, v. 2. Barueri, SP: Panini, 2022.

_____. et al. *Capitão América: Sam Wilson*, v. 3. Barueri, SP: Panini, 2022.

_____. *Capitão América*, n. 11. Barueri, SP: Panini, 2018

_____. *Capitão América*, n. 12. Barueri, SP: Panini, 2018.

_____; UNZUETA, Angel. *Capitão América* n. 13. Barueri, SP: Panini, 2018.

_____;RENAUD, Paul. *Capitão América*, n. 14. Barueri, SP: Panini, 2018.

_____. *Capitão América*, n.15. Barueri, SP: Panini, 2018.

_____. *Capitão América*, n. 16. Barueri, SP: Panini, 2018.

_____. *Capitão América*, n. 17. Barueri, SP: Panini, 2018.

_____; IZAAKSE, Sean. *Capitão América*, n. 18. Barueri, SP: Panini, 2018.

_____; BENNET, Joe. *Capitão América*, n. 19. Barueri, SP: Panini, 2018.

_____. *Capitão América*, n. 20. Barueri, SP: Panini, 2018.

WAID, Mark. *Capitão América: Lar dos valentes*. Barueri: Panini Comics, 2018

Bibliografia:

ABRAMS, Richard M. Reforma e Incerteza: A América ingressa no século XX, 1900-1918. In: LEUCHTENBURG, William E. (Org.). *O século inacabado: A*

América desde 1900. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1976.

ALLEN, Jesse. *Marvel Comics and New York stories: anti-heroes and street level vigilantes Daredevil and The Punisher*. New York: The City University of New York, 2014.

ARAÚJO, Anderson da Silva. *A representação do Capitão América no quadro político norte-americano (1941-1974)*. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 2020.

ASSIS, Erico. A noção de fidelidade na tradução de histórias em quadrinhos. In: */// Jornadas Internacionais de Histórias em Quadrinhos*, São Paulo, 2015. Disponível em: <https://jornadas.eca.usp.br/anais/3asjornadas/eixo_hq_linguagem.php> Acesso em: 28 jul. 2023.

AUSTIN, Allan W.; HAMILTON, Patrick L. *All new, all different? A history of race and the American superhero*. Austin: University of Texas Press, 2019.

AZEVEDO, Cecília. Imigração e identidade nacional nos EUA: notas sobre um debate. *Dimensões*, n. 19, p.73-94, 2007.

BAKER-WHITELAW, Gavia. *Marvel writer driven off twitter by sexist harassment*. Daily Dot. 27/5/2016. Disponível em: <<https://www.dailydot.com/parsec/chelsea-cain-mockingbird-marvel-sexist-harassment/>> Acesso em: 14/05/2024

BARNHARDT, Adam. *Luke Cage: City of fire writer reveals what happened to the cancelled Marvel Series*. *Comicbook*, 06 fev. 2023. Disponível em: <<https://comicbook.com/comics/news/luke-cage-city-of-fire-canceled-reason-revealed-ho-che-anderson>> Acesso em: 05 abr. 2023.

BARBIERI, Daniele. *As linguagens dos quadrinhos*. 1. ed. São Paulo: Peirópolis, 2017.

BARONE, Victor; DA SILVA, Glaydson J. A grande substituição, o colonialismo e os usos do passado: esboço para uma crítica ao caráter paranoico da Nova Direita francesa. *Fronteiras: Revista Catarinense de História*, n. 41, jan./jun. 2023. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=672074280009>> Acesso em: 08 maio. 2024.

BERGESON, Samantha. *Disney to still fund 'Don't say gay' bill backers, will support gay rights with 'inspiring' content*. *IndieWire*. 04 mar. 2022. Disponível em: <<https://www.indiewire.com/features/general/disney-fund-dont-say-gay-support-gay-rights-content-1234704433>> Acesso em: 24 de ago. 2024.

BONOLO, Cameron. *Blood Hunt: everything to know about Marvel's bloodiest event ever*. *Comicbook*, 06 mar. 2024. Disponível em: <<https://comicbook.com/comics/news/blood-hunt-reading-list-marvel-vampires-event-explained/>> Acesso em: 15 maio. 2024.

BOYM, Svetlana. *Mal-estar na nostalgia*. *História e Historiografia*, n. 23, p. 153-165, 2017.

BUDROW, Erin. *Marvel's Captain America and White Nationalism in the United States*. *Summer Research*, n. 344, 2019. Disponível em:

<https://soundideas.pugetsound.edu/summer_research/344> Acesso em: 20 jan. 2023.

BURROWS, Todd S. Black Panther, black writers, white audience: Christopher Priest and vs. Reginald Hudlin. *Fire!!!*, v. 4, n. 2, 2008. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/10.5323/fire.4.2.0055>> Acesso em: 17 maio. 2024.

BURSTON, Daniel. It's hip to be square! The myths of Jordan Peterson. *Psychotherapy and Politics International*, v. 17, n. 1, 2019. Disponível em: <<https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1002/ppi.1475>> Acesso em: 02 jan. 2024.

CALLARI, Victor. *Guerra Civil Super-heróis: terrorismo e contraterrorismo nas histórias em quadrinhos*. 1. ed. São Paulo: Criativo, 2016.

COATES, Ta-Nehisi. Why I'm writing Captain America and why it scares the hell out of me. *The Atlantic*. Culture, 28 nov. 2018. Disponível em: <<https://www.theatlantic.com/entertainment/archive/2018/02/we-who-love-america/553991>> Acesso em: 30 out. 2020.

COBEN, Stanley. Os primeiros anos da América moderna. In: LEUCHTEMBERG, Willian E. (Org.). *O século inacabado: A América desde 1900* – v. 1. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1976.

CONSTANT, Paul. G. Willow Wilson on commercial art, ethics, and Donald Trump. *The Seattle Review of Books*, 30 jan. 2016. Disponível em: <https://www.seattlereviewofbooks.com/notes/2016/01/30/g-willow-wilson-on-commercial-art-ethics-and-donald-trump/> Acesso em: 05 abr. 2023.

COULTER, Ann. *Adios, America! The left's plan to turn our country into a third world hellhole*. Washington: Regnery Publishing, 2015. E-book.

DAVID, Peter. *The illusion of change*. Peter David. 24/12/2012. Disponível em: <<https://www.peterdavid.net/2012/12/24/the-illusion-of-change/>> Acesso em: 14 maio. 2024.

DE CAMPOS, Rogério. *Super-homem e o romantismo de aço*. São Paulo: Ugra Press, 2018.

DESSEM, Matthew. Jordan Peterson is shocked to discover his resemblance to nazi supervillain Red Skull. *Slate*, 07 abr. 2021. Disponível em: <<https://slate.com/culture/2021/04/red-skull-jordan-peterson-captain-america-ta-nehisi-coates-youtube.html>> Acesso em: 25 jan. 2023.

DIAS DE SOUZA, Marco A. A eleição de Donald Trump e reconfiguração da direita religiosa estadunidense. *Mundo e desenvolvimento*. v.1 n.1, 2018.

DITTMER, Jason. *Captain America and the nationalist superhero*. Philadelphia: Temple University Press, 2013. E-book.

DOS SANTOS, Frederico R. C. O que se entende por Retórica da Guerra Cultural. *Domínios da Linguagem*, v. 15, n. 1, jan./mar. 2021.

DUTRA, Joatan Preis. *História e História em quadrinhos: A utilização das hqs como fonte histórica político-social*. Florianópolis: UFSC, 2002.

EVANS, J. Richard. *Captain America, masculinity and violence: the evolution of a*

national icon. New York: Syracuse University Press, 2015.

FINKELSTEIN, Joel. On Jordan Peterson, alt-right and engagement across difference. *Heterodox Academy*. 18 nov. 2019. Disponível em: <<https://heterodoxacademy.org/blog/social-science-jordan-peterson-alt-right-language/>> Acesso em: 04 abr. 2024.

FINGERUT, Ariel. A ascensão de Donald J. Trump e o embate ideológico nos EUA. *Mundo e Desenvolvimento*, v. 1 n. 1, 2018.

FINLAYSON, Alan. Neoliberalism, the alt-right and the intelectual dark web. *Theory, Culture & Society*, v. 38, n. 6, p. 167-190, 2021.

FLAGEL, Monica; LEGATT, Judith. *Superhero Culture Wars – Politics, marketing and social justice in Marvel Comics*. London: Bloomsbury Academic, 2021. E-book.

FURIASSE, Amanda. Savage monster or grieving mother? Sabra and Marvel's political theology of reconciliation in Israel-Palestine. In: STEVENSON, Gregory (Org.). *Theology and the Marvel Universe*. Maryland: Lexington Books/Fortress Academy, 2020.

GARÓFALO, Nico. AI Ewing condena ilustrações preconceituosas do brasileiro Joe Bennett. *Omelete*, 02 set. 2021. Disponível em: <<https://www.omelete.com.br/marvel-comics/al-ewing-critica-joe-bennett>> Acesso em: 10 jul. 2023.

_____. Marvel desliga brasileiro Joe Bennett após artes ofensivas. *Omelete*, 09 set. 2021. Disponível em: <<https://www.omelete.com.br/marvel-comics/joe-bennett-desligado-substituido-timeless>> Acesso em: 10 jul. 2023.

GILLEN, Shawn. Captain America, Post-Traumatic Stress Syndrome, and the Vietnam Era. In: WEINER, Robert (Org.). *Captain America and the struggle of the superhero*. North Carolina: McFarland & Company, 2009.

GRUENWALD, Mark. Deface the nation. *Captain America v.1, n.312*. Dezembro de 1985.

GROENSTEEN, Thierry. *O sistema dos quadrinhos*. 1. ed. Nova Iguaçu, RJ: Marsupial Editora, 2015.

GUERRA, Fábio Vieira. *A crônica dos quadrinhos: Marvel comics e a história recente dos EUA (1980-2015)*. 2016. 448 f. Tese (Doutorado em História Social) - Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2016. Disponível em: <https://www.oasisbr.ibict.br/vufind/Record/UFF-2_99b7bf87c0a0a2ea365906bfc7627659> Acesso em: 28 abr. 2024.

GUSTINES, George G. Captain America: Fighting Evil Again. *New York Times*. 28/8/2017. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2017/08/28/books/captain-america-fighting-evil-again.html>> Acesso em: 29 jan. 2023.

HESSEL, Marcelo. Mulher-Aranha Marvel se desculpa pela capa de Milo Manara. *Omelete*, 30 ago. 2014. Disponível em: <<https://www.omelete.com.br/marvel-comics/mulher-aranha-marvel-se-desculpa-pela-capade-milo-manara>> Acesso em: 05 abr. 2023.

HICKS, Olivia. Fearfully and wonderfully made: the racial politics of Cloak and Dagger. In: GUYNES, Sean; LUND, Martin (Eds.). *Unstable Masks: whiteness and American superhero comics*. Columbus: The Ohio University Press, 2020.

HOWE, Sean. *Marvel Comics: a história secreta*. São Paulo: Leya, 2013. E-book.

HUYSSSEN, Andreas. Breitbart, Bannon, Trump and the Frankfurt School: A strange meeting of minds. *Public Seminar*. 28 set. 2017. Disponível em: <<https://publicseminar.org/2017/09/breitbart-bannon-trump-and-the-frankfurt-school/>> Acesso em: 26 fev. 2024.

_____. Behemoth levanta-se novamente: reflexões sobre o fascismo no século XXI. *Arte e Ensaios*, v. 26, n. 40, jul./dez., 2020.

ILER, Sarah M. *The history of "Multicultural" in the United States during the Twentieth Century*. 2017. 207 f. Dissertation. (Graduate Program in Education Policy & Leadership) - The Ohio State University. Ohio, 2017. Disponível em: <<https://www.proquest.com/openview/3e72a325c25421a74906cbeb2424352d/1?pq-origsite=gscholar&cbl=18750&diss=y>> Acesso em: 14 jun. 2024.

IZECKSOHN, Vitor. *Estados Unidos: uma história*. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2022.

JAY, Martin. Dialectic of Counter-Enlightenment: The Frankfurt School as a scapegoat of the lunatic fringe. *Salmagundi*, n. 168/169, fall 2010/ winter 2011. Disponível em: <<https://canisa.org/blog/dialectic-of-counter-enlightenment-the-frankfurt-school-as-scapegoat-of-the-lunatic-fringe>> Acesso em: 26 fev. 2024.

JUNQUEIRA, Mary A. *Estados Unidos: Estado Nacional e narrativa da nação (1776-1900)*. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2023.

KARNAL, Leandro (Et. Al.) *História dos Estados Unidos: das origens ao século XXI*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2015.

KELLNER, Douglas. *A cultura da mídia*. São Paulo: EDUSC, 2001. E-book.

_____. *American Horror Show: Election 2016 and the ascent of Donald J. Trump*. Rotterdam: Sense Publishers, 2017. E-book.

KUBAI, Andy L. Secret Empire: Did fan reaction affect the ending? *Screen Rant*. 20/9/2017. Disponível em: <https://screenrant.com/marvel-secret-empire-fan-reaction-alternative-ending> Acesso em: 29 jan. 2023.

LEON, Melissa. Captain America slams Fox News for sympathizing with his xenophobic villains. *Daily Beast*, 01 nov. 2015. Disponível em: <<https://www.thedailybeast.com/captain-america-writer-slams-fox-news-for-sympathizing-with-his-xenophobic-villains>> Acesso em: 29 jan. 2023.

LEPORE, Jill. *Estas verdades: a história da formação dos Estados Unidos*. 1. ed. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2020.

LIMONCIC, Flávio. *Estados Unidos no século XX*. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2024.

MARCO RUBIO. Apresenta biografia e realizações do senador. Disponível em: <<https://www.rubio.senate.gov/about/>> Acesso em: 13 ago 2024.

MARVEAL, Chloe. Marvel depoliticizes Captain America in Marvel Comics #1000. *The Beat - Blog of Comics Culture*, 27 ago. 2019. Disponível em:

<<https://www.comicsbeat.com/marvel-depoliticizes-captain-america-marvel-comics-1000/?amp>> Acesso em: 01 out. 2021.

MARVEL. *Nuke Frank Simpson*. Disponível em:

<<https://www.marvel.com/characters/nuke-frank-simpson>> Acesso em: 10/07/2024.

_____. *Sharon Carter*. Disponível em:

<<https://www.marvel.com/characters/sharon-carter>> Acesso em: 10/07/2024.

_____. *White Tiger Ava Ayala*. Disponível em:

<<https://www.marvel.com/characters/white-tiger-ava-ayala/in-comics>> Acesso em: 11/07/2024.

MOLL NETO, Roberto. *Reaganation: a nação e o nacionalismo (neo) conservador nos Estados Unidos (1981-1988)*. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2018.

MYRICK, Joe A. *Marvel's cancellation of Avengers Inc. Series exposes huge problems with its business model*. *Screenrant*, 30 nov. 2023. Disponível em:

<<https://screenrant.com/avengers-inc-canceled-marvel-comics-business-model/>> Acesso em: 18 maio. 2024.

NATIONAL PARK SERVICE. *Alabama: The Edmund Pettus Bridge*. Disponível em:

<<https://www.nps.gov/places/alabama-the-edmund-pettus-bridge.htm>> Acesso em: 14 de ago. 2024.

NEWBY, Richard. *Controversial Miles Morales story shows limits of Marvel Comics*. *The Hollywood Reporter*, 01 jul. 2022. Disponível em:

<<https://www.hollywoodreporter.com/movies/movie-news/miles-morales-spider-man-marvel-1235174852/>> Acesso em: 05 abr. 2022.

O'LEARY, Jack. *Jordan Peterson's Red Skull adventure*. *AIPT Comics*, 10 jun. 2021. Disponível em: <<https://aiptcomics.com/2021/06/10/jordan-petersons-red-skull-adventure/>> Acesso em: 29 fev. 2024.

ORTUNES, Leandro. *Religião e o discurso político neoconservador nos Estados Unidos*. *Revista Espaço Acadêmico*, n. 141, fev. 2013.

OWEN, Diana. *American Identity, citizenship and multiculturalism*. *Civiced*, set. 2015. Disponível em:

<<https://www.civiced.org/pdfs/germanPaper0905/DianaOwen2005.pdf>> Acesso em: 16 maio. 2024.

PEDROSO, Rodrigo. *Vestindo mais ainda a bandeira dos EUA – O Capitão América pós-atentados de 11 de setembro*. Jundiaí: Paco Editorial, 2016.

PETERSON, Jordan B. *12 Regras para a vida: um antídoto para o caos*. Rio de Janeiro: Alta Books, 2018.

POLATTO, Rodrigo. *Para além de Wertham: as campanhas anti-quadrinhos do pós-Segunda Guerra Mundial*. In: *Cadernos de Pesquisa do CDHIS*, ano 35, n.1, jan./jun. 2023.

POSTEMA, Barbara. *Estrutura narrativa nos quadrinhos: construindo sentido a partir de fragmentos*. 1. ed. São Paulo: Peirópolis, 2018.

REDDIT. Help! There are Ann's Coulter words coming out of Steve Rogers' mouth Captain America #13 Disponível em: <https://www.reddit.com/r/comicbooks/comments/dauuxh/help_there_are_ann_coulter_words_coming_out_of> Acesso em: 14 jul. 2023.

RIESMAN, Abraham. Five myths about Stan Lee. *The Washington Post*, 25 set. 2020. Disponível em: <https://www.washingtonpost.com/outlook/five-myths/five-myths-about-stan-lee/2020/09/24/6add1420-fdbc-11ea-8d05-9beaaa91c71f_story.html> Acesso em: 05 abr. 2023.

_____. *Invenível: A ascensão e a queda de Stan Lee*. 1. ed. Rio de Janeiro: Globo livros, 2021.

ROBB, Brian J. *A identidade secreta dos super-heróis: a história e as origens dos maiores sucessos das HQs: do Super-homem aos Vingadores*. 1. ed. Rio de Janeiro: Valentina, 2017.

RODRIGUES, Márcio dos S. Apontamentos para a pesquisa histórica sobre quadrinhos. In: CALLARI, Victor; RODRIGUES, Marcio dos S. (Orgs.). *História e quadrinhos: contribuições ao ensino e à pesquisa*. Belo Horizonte: Letramento, 2021.

SAM, C.H. *Understanding the uses of safe space to inform higher education policy*. University of Southern California. Disponível em: <<https://pullias.usc.edu/blog/safe-spaces-in-higher-education>> Acesso em: 01 ago. 2023.

SHIACH, Kieran. Is Marvel's fascist Captain America losing command of his fans? *The Guardian*, 19 maio. 2017. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/books/2017/may/19/marvel-fascist-captain-america-losing-fans-comics-superhero-storyline>> Acesso em: 06 abr. 2023.

SILVA, Bruno. Mulher-Aranha Marvel vai publicar capa desenhada por Milo Manara. *Omelete*, 19 nov. 2014. Disponível em: <<https://www.omelete.com.br/marvel-comics/mulher-aranha-marvel-vai-publicar-capa-desenhada-por-milo-manara>> Acesso em: 05 abr. 2023.

SPIEGELMAN, Art. Um super-herói contra o Caveira Laranja. *Quatro Cinco Um*, 20 ago. 2019. Disponível em: <<https://quatrocinco.um.folha.uol.com.br/br/artigos/q/um-super-heroi-contra-o-caveira-laranja>> Acesso em: 21 set. 2021.

_____. The Guardian. Art Spiegelman: golden age superheroes were shaped by the rise of fascism. 17 ago. 2019. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/books/2019/aug/17/art-spiegelman-golden-age-superheroes-were-shaped-by-the-rise-of-fascism>> Acesso em: 12 ago. 2024.

STEVENS, J. Richard. *Captain America, masculinity and violence: The evolution of a national icon*. New York: Syracuse University Press, 2015. E-book.

TED CRUZ. Apresenta biografia e realizações do senador. Disponível em: <<https://www.cruz.senate.gov/about-ted>> Acesso em: 13 ago. 2024.

THE MARVEL ENCYCLOPEDIA: the definitive guide to the characters of the Marvel Universe. New York: Dorling Kindersley, 2006. E-book.

THE GUARDIAN. Jordan Peterson 'shocked' by Captain America villain Red Skull espousing '10 rules for life'. Books. 08 abr. 2021. Disponível em:

<<https://www.theguardian.com/books/2021/apr/07/jordan-peterson-shocked-by-captain-america-villain-espousing-10-rules-for-life>> Acesso em: 29 fev. 2024.

TUCKER, Reed. *Pancadaria*: por dentro do épico conflito Marvel vs DC. Rio de Janeiro: Fábrica231, 2018.

VAN DEN BULCK, H.; HYZEN, A. Of lizards and ideological entrepreneurs: Alex Jones and InfoWars in the relationship between populist nationalism and the post-global media ecology. *The international communicate gazette*, v. 82, p. 42-59, 2020.

VIANA, Nildo. Histórias em quadrinhos e métodos de análise. *Revista Temporis*, v. 16, n. 2, 2016.

VIDAL, Camila. Liberalismo e conservadorismo nos Estados Unidos: construção e evolução no século XX. *Campos Neutrais – Revista Latino-Americana de Relações Internacionais*, v. 1, n. 3, set./dez. 2019.

VILAÇA, Gracila; D'ANDREA, Carlos. Da *manosphere* à machosfera: práticas (sub)culturais masculinistas em plataformas anonimizada. *Revista Eco-Pós*, v. 21, n. 2, 2021. Disponível em: <https://revistaecopos.eco.ufrj.br/eco_pos/issue/view/1292> Acesso em: 27 mar. 2024.

WEINER, Robert (Ed.). *Captain America and the struggle of the superhero: critical essays*. North Carolina: McFarland e Company, 2009. E-book.

WOLK, Douglas. *Todas as Aventuras Marvel*. São Paulo: Conrad Editora, 2023

WHITELAW, Gavia-Baker. Why comics fans are horrified – and unsurprised – Marvel's HYDRA logo showed up in Charlottesville. *Daily Dot*, 17 ago. 2017. Disponível em: <<https://www.dailydot.com/parsec/hydra-shirt-nazi-charlottesville>> Acesso em: 29 jan. 2023.

WOODWARD, Alex. These companies celebrate LGBT+ people. They also back politicians behind a bill to “erase” them from schools. *Independent*, 22 fev. 2022. Disponível em: <<https://www.independent.co.uk/news/world/americas/us-politics/dont-say-gay-bill-disney-comcast-b2025089.html>> Acesso em: 24 ago. 2024.